



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS – UFAM
INSTITUTO DE FILOSOFIA CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIEDADE E CULTURA NA AMAZÔNIA
(PPGSCA).**

TESE DE DOUTORADO

**A revoada e o canto dos pássaros no parque nacional do Viruá, Roraima:
manifestação simbólica e equilíbrio ambiental**

Doutorando: Shigeaki Ueki Alves da Paixão
Orientadora: Profa. Dra. Iraildes Caldas Torres

Manaus/ AM
2022

SHIGEAKI UEKI ALVES DA PAIXÃO

**A revoada e o canto dos pássaros no parque nacional do Viruá,
Roraima: manifestação simbólica e equilíbrio ambiental**

Tese de doutorado apresentada aos membros da Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia, da Universidade Federal do Amazonas, como requisito final para a obtenção do título de doutor em Sociedade e Cultura na Amazônia. Linha de Pesquisa 1: Sistemas Simbólicos e Manifestação Socioculturais na Amazônia, sob orientação da professora doutora Iraildes Caldas Torres.

Manaus/AM

2022

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

P149r Paixão, Shigeaki Ueki Alves da
A revoada e o canto dos pássaros no parque nacional do Viruá,
Roraima: manifestação simbólica e equilíbrio ambiental / Shigeaki
Ueki Alves da Paixão . 2022
125 f.: il. color; 31 cm.

Orientadora: Iraildes Caldas Torres
Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) -
Universidade Federal do Amazonas.

1. Parque nacional. 2. Povos tradicionais. 3. Revoadas dos
pássaros. 4. Roraima. I. Torres, Iraildes Caldas. II. Universidade
Federal do Amazonas III. Título

SHIGEAKI UEKI ALVES DA PAIXÃO

**A revoada e o canto dos pássaros no parque nacional do Viruá,
Roraima: manifestação simbólica e equilíbrio ambiental**

Tese de doutorado apresentada aos membros da Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia, da Universidade Federal do Amazonas, como requisito final para a obtenção do título de doutor em Sociedade e Cultura na Amazônia. Linha de Pesquisa 1: Sistemas Simbólicos e Manifestação Socioculturais na Amazônia, sob orientação da professora doutora Iraildes Caldas Torres

Aprovado em 04 de agosto de 2022.

BANCA EXAMINADORA

Professora Doutora Iraildes Caldas Torres - UFAM

Presidente

Professor Doutor Yomarley Lopes Holanda - UEA

Membro

Professora Doutora Márcia Maria de Oliveira - UFRR

Membro

Professora Doutora Larissa Lacerda Menendez – UFMA

Membro

Professor Doutor Michel Justamand - UFAM

Membro

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por toda a dádiva da vida concedida, sem a qual não teríamos força para viver com plenitude os caminhos percorridos ao longo de minha existência e não teria chegado até aqui;

Aos meus pais, Elizane de Maria Alves da Paixão e Helio Ferreira da Paixão, aos ensinamentos baseados no genuíno legítimo amor de Deus. Aos meus amados irmãos, Shigiane Emiliano e Shigiallison Paixão, com os quais temos vivenciado experiências conjuntas em momentos de amadurecimento. Aos meus sobrinhos, Gustavo Emiliano e Guilherme Emiliano e ao cunhado Joab Emiliano, pelo amor fraterno;

À Profa. Dra. Iraildes Caldas Torres pela zelosa orientação que recebi e ao amor dedicado ao progresso da ciência, em favor dos avanços científicos por toda a Amazônia. Mestre dedicada que já ajudou a construir muitas trajetórias no PPGSCA e com inúmeros feitos humanístico científicos socializados, consolidando a formação de muitas pesquisadoras e pesquisadores, nas mais distintas realidades contextuais das comunidades amazônicas. Uma mulher sensível, generosa e de cativante presença;

Agradecimento póstumo ao amigo estimado Prof. Dr. Marcos Antonio de Freitas Braga, verdadeiro irmão do coração, gratidão resume, pois foi quem me apresentou ao Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia e a professora Dra. Iraildes Caldas Torres;

Agradecimentos aos Professores e Professoras do Programa de PPGSCA, por contribuírem para o aperfeiçoamento de tantos pesquisadores, apontando olhares interdisciplinares para os contextos amazônicos;

Ao Johnny Fernandes - técnico dedicado do PPGSCA, na pessoa do qual quero agradecer a toda equipe técnica, que desempenharam funções administrativas e contribuem diretamente para os avanços do programa;

Agradecimentos especiais ao Wesley Dias Cerdeira pela prestimosa colaboração recebida neste empreendimento, rogando ao Eterno que lhe dê saúde e vida longa para contribuir com outras pessoas que precisarem de ti. Gratidão!

Agradecimentos primorosos também são devidos ao José Nascimento, amigo do Grupo de Estudo, Pesquisa e Observatório Social: Gênero, Política e Poder - GEPOS, que se mostrou solidário em momentos cruciais, outro irmão do coração. Gratidão.

Aos Amigos da vida inteira Leonor Farias Abreu, Estanei Farias de Souza e Urico Rimer Costa do Nascimento, pelas palavras de fé e amizade com constante acolhida.

Meus agradecimentos aos membros Grupo de Estudo, Pesquisa e Observatório Social: Gênero, Política e Poder - GEPOS. É um espaço democrático de amplo intercâmbio de conhecimento com inúmeras pesquisadoras, pesquisadores e a sociedade em geral; À Sandrelle, pesquisadora atuante do GEPOS, por manter interlocução sempre constante de afeto essenciais para que tenhamos no caminhar científico a intensidade do olhar humanístico e contextual da humanidade;

À Alessandra Sales, integrante do GEPOS, por conduzir de forma generosa tantas atribuições como representante discente, conjuntamente com o Sidney Aguiar, áduos líderes discentes junto ao colegiado do PPGSCA;

Aos membros da banca de qualificação; Profa. Dra. Márcia Maria de Oliveira; Prof. Dr. Yomarley Lopes Holanda; Prof. Dr. Michel Justamand; cujas contribuições foram imprescindíveis para o aprimoramento da tese;

Ao Prof. Dr. Michel Justamand pelo convite para a composição da Equipe Editorial da Revista Científica Somanlu, por toda confiança depositada, pelo ensino-aprendizagem possibilitado por meio dessa oportunidade;

Ao Diogo Torres e Yomarley Holanda, membros do GEPOS, pela orientação capaz de aprimorar a percepção sobre a produção editorial, produzindo perspectivas para que mais publicações fossem produzidas;

À Profa. Dra. Artemis Soares, por oportunizar a minha participação na comissão organizadora de eventos, por meio de seu laboratório de pesquisa científica, concretizando o I Colóquio Corpo, Sociedade e Cultura, dentre outros; À Profa. Dra. Marilne Freitas, com quem tive a honra de participar da comissão organizadora de dois eventos, essenciais para a divulgação científica; Ao Prof. Dr. Gláucio Matos, pela oportunidade em integrar a comissão organizadora do evento científico Simpósio Internacional Processos Civilizadores na Pan-Amazônia;

Na pessoa Profa. Isabel Lima, Prof. José Silva, Profa. Leila Perussolo gostaria de agradecer a todos os integrantes do Conselho Estadual de Educação e a Secretaria de Estado da Educação e Desporto - SEED. Aos amigos da Secretaria de Cultura do Estado de Roraima - SECULT, Dinorah Cavalcante, Núbia Bezerra, Selma Mulinari, Janaína Carvalho, Márcia Rebouças, Fábio Rodrigues, meus agradecimentos.

Agradeço ao Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - ICMBio e aos sujeitos da pesquisa que contribuíram com as entrevistas por ocasião da coleta de dados. A todos que direta e indiretamente contribuíram para que eu pudesse chegar até aqui, muito obrigado!

Dedicatória

*Ao Senhor Deus Todo Poder, toda Honra, e toda Glória.
Às milhares de vítimas da covid-19, perdas irreparáveis,
trajetórias ceifadas de forma abrupta e avassaladora,
assolando distintas famílias no Brasil e no mundo inteiro.
Em memória ao Amigo Irmão Prof. Dr. Marcos Antonio
Braga de Freitas e as 670.282 vidas ceifadas desde o
começo da pandemia, o triste e lamentável registro até a
data de 25.06.2022, no Brasil. Solidarizamo-nos com
todos diante de tamanho infortúnio, no País e no Mundo.*

Epígrafe

Na atual fase de transição paradigmática a teoria crítica pós-moderna contrói-se a partir de uma tradição epistemológica marginalizada e desacreditada da modernidade e o conhecimento-emancipação. Nesta forma de conhecimento a ignorância é o colonialismo e o colonialismo é a concepção do outro objeto e conseqüentemente o não reconhecimento do outro sujeito. Nesta forma de conhecimento conhecer é reconhecer é progredir no sentido de elevar o outro da condição de objeto à condição de sujeito. Esse conhecimento-reconhecimento é o que designo por solidariedade. Estamos tão habituados a conceber o conhecimento como um princípio de ordem sobre as coisas e sobre os outros que é difícil imaginar uma forma de conhecimento que funcione como princípio de solidariedade.
(Boaventura de Sousa Santos)

RESUMO

Este estudo volta o seu olhar para o Parque Nacional do Viruá - PNV, localizado no Estado de Roraima. Busca-se perceber os sentidos simbólicos da revoada dos pássaros no entorno do parque para o equilíbrio do ecossistema local. Os estudos no campo das manifestações simbólicas no tema da sonorização dos pássaros e sua revoada sobre os ecossistemas, são raros e pouco pesquisados no âmbito das Ciências Sociais. Não se trata, pois, só de uma simbologia faunística. A revoada dos pássaros é perene e densa de elementos capazes de contribuir para a vida do ecossistema. A metodologia ancorada numa perspectiva fenomenológica sob a inspiração rizomática do conhecimento, concentrou-se numa amostra de dados secundários e primários, cotejados com técnicas de entrevista profunda. O trabalho de campo seguiu as orientações das abordagens qualitativas sem exclusão dos aspectos quantitativos, numa dinâmica de ir e vir antes e depois do período da pandemia do novo Coronavírus. Buscou-se perceber as relações que os moradores do entorno do Parque Nacional do Viruá estabelecem com a natureza viva e circundante dos pássaros, seus cantos, revoadas e função ecológica, aspectos fundamentais para o equilíbrio do ecossistema. Os principais resultados revelam que a relação entre os pássaros e os moradores do Parque Nacional do Viruá apresenta uma sinergia, reciprocidade e integração natureza/cultura em relação ao equilíbrio do planeta. Por fim, deve-se reconhecer que o Parque Nacional do Viruá está dentro desta lógica de conservação da natureza, centrado nos mecanismos de manejo ambiental dos ecossistemas que permeiam a unidade, levando-se em conta a interatividade entre os povos tradicionais que são moradores do entorno do parque com os animais e a natureza de modo geral. As aves têm extrema importância para o meio ambiente em sua revitalização e equilíbrio ambiental. As ações de preservação humana tem fator determinante não apenas para as aves, mas para o papel de equilíbrio que estes animais desempenham.

Palavras-chave: Parque nacional; Povos tradicionais; Revoadas dos pássaros; Roraima.

ABSTRACT

This study focuses on the Viruá National Park - PNV, located in the State of Roraima. It seeks to understand the symbolic meanings of the flock of birds around the park for the balance of the local ecosystem. Studies in the field of symbolic manifestations on the theme of the sound of birds and their flight over ecosystems are rare and poorly researched in the field of Social Sciences. It is not, therefore, only a faunal symbology. The flock of birds is perennial and dense with elements capable of contributing to the life of the ecosystem. The methodology anchored in a phenomenological perspective under the rhizomatic inspiration of knowledge, focused on a sample of secondary and primary data, compared with in-depth interview techniques. The fieldwork followed the guidelines of qualitative approaches without excluding quantitative aspects, in a dynamic of coming and going before and after the period of the new coronavirus pandemic. We sought to understand the relationships that the residents of the surroundings of the Viruá National Park establish with the alive and surrounding nature of the birds, their songs, flocks and ecological function, fundamental aspects for the balance of the ecosystem. The main results reveal that the relationship between the birds and the inhabitants of the Viruá National Park presents a synergy, reciprocity and nature/culture integration in relation to the balance of the planet. Finally, it must be recognized that the Viruá National Park is within this logic of nature conservation, centered on the mechanisms of environmental management of the ecosystems that permeate the unit, taking into account the interactivity between the traditional peoples who are residents. the surroundings of the park with the animals and nature in general. Birds are extremely important to the environment in their revitalization and environmental balance. Human preservation actions have a determining factor not only for birds, but for the balancing role that these animals play.

Keywords: National park; Traditional peoples; Flocks of birds; Roraima.

RESUMEN

Este estudio se centra en el Parque Nacional Viruá - PNV, ubicado en el Estado de Roraima. Se busca comprender los significados simbólicos de la bandada de pájaros alrededor del parque para el equilibrio del ecosistema local. Los estudios en el campo de las manifestaciones simbólicas sobre el tema del sonido de las aves y su vuelo sobre los ecosistemas son escasos y poco investigados en el campo de las Ciencias Sociales. No se trata, por tanto, sólo de una simbología faunística. La bandada de pájaros es perenne y densa con elementos capaces de contribuir a la vida del ecosistema. La metodología anclada en una perspectiva fenomenológica bajo la inspiración rizomática del conocimiento, se centró en una muestra de datos secundarios y primarios, frente a técnicas de entrevista en profundidad. El trabajo de campo siguió las pautas de los enfoques cualitativos sin excluir los aspectos cuantitativos, en una dinámica de antes y después del período de la pandemia del nuevo coronavirus. Buscamos comprender las relaciones que los habitantes de los alrededores del Parque Nacional Viruá establecen con la naturaleza viva y circundante de las aves, sus cantos, bandadas y función ecológica, aspectos fundamentales para el equilibrio del ecosistema. Los principales resultados revelan que la relación entre las aves y los habitantes del Parque Nacional Viruá presenta una sinergia, reciprocidad e integración naturaleza/cultura en relación al equilibrio del planeta. Finalmente, se debe reconocer que el Parque Nacional Viruá se encuentra dentro de esta lógica de conservación de la naturaleza, centrada en los mecanismos de gestión ambiental de los ecosistemas que permean la unidad, teniendo en cuenta la interactividad entre los pueblos tradicionales que habitan el entorno de el parque con los animales y la naturaleza en general. Las aves son extremadamente importantes para el medio ambiente en su revitalización y equilibrio ambiental. Las acciones de preservación humana tienen un factor determinante no sólo para las aves, sino también para el papel equilibrante que juegan estos animales.

Palabras llave: Parque nacional; Pueblos tradicionales; Bandadas de pájaros; Roraima.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Atividades estudantis estimulam o reconhecimento do patrimônio natural e biodiversidade.....	44
Figura 2 - Diagnóstico Participativo da unidade com pescadores artesanais e reuniões do Acordo de Pesca.....	44
Figura 3 - A realização de atividades educativas para os filhos de integrantes das comunidades tracionais.....	47
Figura 4 – O diálogo permanente com a comunidade do entorno para a preservação do PNV, bem como a oferta de cursos para agricultores em parceria com Embrapa.....	48
Figura 5 – Infraestrutura disponibilizada aos grupos de pesquisadores, visitantes e turistas do PNV.....	50
Figura 6 – Guia de Aves do Parque Nacional do Viruá.....	72
Figura 7 – Guia de Aves do Parque Nacional do Viruá.....	72
Figura 8 – Guia de Aves do Parque Nacional do Viruá.....	72
Figura 9 – O amanhecer no Parque Nacional do Viruá.....	83
Figura 10 – Estradas para o Parque Nacional do Viruá.....	85
Figura 11 – Observadores de pássaros contemplando unidade de conservação no Parque Nacional do Viruá.....	98
Figura 12 – Observadores de pássaros em trilhas na unidade de conservação no Parque Nacional do Viruá.....	98

LISTA DE ABREVEATURAS

AM – Amazonas;

RR – Roraima;

UFAM – Universidade Federal do Amazonas;

PNV – Parque Nacional do Viruá;

UC – Unidade de Conservação;

IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis;

ICMBio – Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade;

MMA – Ministério do Meio Ambiente;

SNUC – Sistema Nacional de Unidades de Conservação;

CCUC – Coordenação de Criação de Unidade de Conservação;

IBAs – Important Birds Areas (Programa Áreas de Importantes para a Conservação das Aves);

ACAF - Associação da Comunidade e Agricultores Familiares do Distrito de Nova Petrolina do Norte;

EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária;

ARPA – Programa Áreas Protegidas da Amazônia;

ONU – Organização das Nações Unidas;

PARNA – Parque Nacional;

ONG's – Organizações Não-Governamentais.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
CAPÍTULO I – PARQUE NACIONAL DO VIRUÁ, SUA HISTÓRIA E SUA GENTE	
1.1 Um sobrevoo sobre o campo de pesquisa: apresentando o Parque Nacional do Viruá.....	20
1.2 Os povos tradicionais do entorno do Parque Nacional do Viruá, quem somos?.....	30
1.3 O Parque Nacional do Viruá, os moradores e a relação com os pássaros.....	41
CAPÍTULO II – A FAUNÍSTICA DOS PÁSSAROS E OS PASSEIOS TURÍSTICOS NO PARQUE NACIONAL DO VIRUÁ	
2.1 A revoada dos pássaros e sua simbologia.....	52
2.2 O canto dos pássaros e o entrelace acústico com as pessoas.....	62
2.3 A capitação dos cantos dos pássaros e seus significados.....	73
CAPÍTULO III – A ACÚSTICA DOS PÁSSAROS NO PARQUE NACIONAL DO VIRUÁ	
3.1 Etnografia do amanhecer no Viruá com o canto dos pássaros.....	83
3.2 A rede de observadores de pássaros pelos sinais dos cantos.....	92
3.3 Musicalidade e sonoridade da floresta.....	102
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	112
REFERÊNCIAS.....	116

INTRODUÇÃO

Ao dominar a natureza, o homem ocidental pensa que pode chegar à felicidade. No contexto da sociedade indígena, no entanto, a felicidade é posta em outro lugar e os esforços são investidos em outros campos. A natureza não é objeto para ser simplesmente explorado. Nessa atitude de respeito, as sociedades indígenas chegaram a um equilíbrio perfeito, utilizando uma tecnologia que, comparativamente à do Ocidente, é muito simples.

(Daniel Munduruku)

Este estudo assume o propósito de verificar em que sentido a revoada dos pássaros e seus cantos no entorno do Parque Nacional do Viruá, traduzem-se em fatores de manifestação simbólica, capazes de contribuir para o equilíbrio do ecossistema local. Os estudos no campo das manifestações simbólicas envolvendo a sonorização dos pássaros e sua revoada sobre os ecossistemas, são raros e o tema é pouco pesquisado no âmbito das Ciências Sociais. Não se trata só de uma simbologia e uma beleza faunística. A revoada dos pássaros é perene e densa de elementos capazes de contribuir para a vida do ecossistema.

Esta é uma pesquisa que busca lançar olhar para a Amazônia profunda longe da ótica eurocêntrica de uma região inventada e maravilhosa do ponto de vista do europeu que separa o homem da natureza. A relação das pessoas com os pássaros nos dão novos lampejos para uma visão mais ecológica da vida no desvio das percepções de cronistas, naturalistas e românticos das literaturas que circundaram este território. Na percepção de Hardman (2009, p. 19), todos, “a seu modo, tentaram representar o sublime daquela paisagem, em seu desmesuramento de real-maravilhoso que guarda a igualdade e os segredos do deslumbre e do horror”. A visão do europeu deu contornos de uma Amazônia do mundo natural em estado não contaminado pela civilização, distanciando o homem da natureza ao tratar a natureza amazônica como selvagem e distanciada. A relação dos moradores e visitantes do Parque Nacional do Viruá, reconecta este vínculo na relação com os pássaros, seus cantos e as pulsões de todas estas sensações com o lugar.

As reservas dos pássaros vêm chamando a atenção dos pesquisadores, especialmente os biólogos, desde a emergência da institucionalização dos parques de

conservação que passam também a se constituir em laboratórios de pesquisas. Não obstante, no campo das Ciências Sociais, o tema da revoada e canto dos pássaros parece não despertar o interesse dos pesquisadores, o que nos instiga saber o porquê.

O reconhecimento de sítios importantes para a conservação das zonas úmidas é um instrumento adotado pelos países signatários da Convenção de Ramsar¹ para promover a conservação e o uso sustentável dos ecossistemas úmidos em todo o mundo. Soma-se a isto, o fato de os parques nacionais constituírem-se em espaços capazes de atrair, no contexto do turismo de selva que, no caso da Amazônia, é uma atração muito procurada. Trata-se do turismo de base comunitária praticado de forma sistemática no Parque Nacional do Viruá. O turismo comunitário não é apenas uma atividade produtiva, mas procura também ressaltar o papel fundamental da ética e da justiça ambiental no contexto do ecoturismo.

Os parques nacionais são unidades de conservação. São laboratórios voltados para o estudo dos ecossistemas. Busca visibilizar ações estruturantes de manutenção, manejo e monitoramento da biodiversidade em atendimento aos compromissos firmados em acordos internacionais, no sentido de construir condições de controle, com processos inclusivos, ambientalmente corretos e sustentáveis.

Os ciclos naturais necessitam de políticas e ação indutora voltadas para a potencialização da vida natural dentro do parque, incluindo nesse processo as aves migratórias, suas revoadas, seu canto. O equilíbrio das questões climáticas, o ciclo das águas, o fluxo das cadeias alimentares e as relações de reciprocidade entre os humanos e o ecossistema vivo, dentre outros fatores, são fundamentais para a sustentabilidade do Parque Nacional do Viruá - PNV.

Dentro do Parque Nacional do Viruá, as aves espalham-se por todos os pontos do bioma. Elas encontram-se nas copas das árvores, nas vegetações rasteiras e nos campos, onde entoam seus cantos que trazem informações biológicas cruciais para a manutenção da biodiversidade. Mas, para além destes componentes biológicos, o canto dos pássaros, dentro do imaginário das pessoas das comunidades tradicionais carrega

¹ A Convenção de Ramsar é um tratado intergovernamental que estabelece marcos para ações nacionais e para a cooperação entre países com o objetivo de promover a conservação e o uso racional de áreas úmidas no mundo. Essas ações estão fundamentadas no reconhecimento, pelos países signatários da Convenção, da importância ecológica e do valor social, econômico, cultural, científico e recreativo de tais áreas. Estabelecida em fevereiro de 1971, na cidade iraniana de Ramsar, a Convenção sobre Zonas Úmidas de Importância Internacional, mais conhecida como Convenção de Ramsar, está em vigor desde 21 de dezembro de 1975 e foi incorporada ao arcabouço legal do Brasil em 1996, pelo Decreto nº 1.905/96. Disponível: <<https://www.gov.br/mma/pt-br/assuntos/ecossistemas-1/areas-umidas/a-convencao-de-ramsar-1>>; acesso em: 20.07.2022.

inúmeros significados simbólicos. A revoada do canto dos pássaros é um recurso natural acústico a ser cuidado contra a destruição ambiental ocasionada pelo garimpo, desmatamento e poluição.

Em geral, a tendência ocidentalista é levada a valorizar o visual bucólico da floresta, deixando de verificar a modalidade do som, a paisagem como elemento não apenas visível, mas acústico. O Parque Nacional do Viruá, em seu horizonte sonoro, possui uma riqueza e expressões acústicas faunísticas capazes de encantar as pessoas que se deparam com o canto dos pássaros, provendo a reconstrução de vínculos afetivos que situam as pessoas no seu espaço de origem, na natureza física e cósmica através de uma bioacústica da vida (DURAND, 2008).

O Parque Nacional do Viruá está dentro de uma lógica de conservação da natureza, centrado nos mecanismos de manejo ambiental dos ecossistemas que permeiam a unidade, levando-se em conta a interatividade entre os povos tradicionais que são moradores do entorno parque com os animais e a natureza de modo geral. As aves têm extrema importância para o meio ambiente em sua revitalização e equilíbrio ambiental. Desse modo, as ações de preservação humana têm fator determinante não apenas para as aves, mas para o papel de equilíbrio que esses animais desempenham. A esse respeito, Torres (2004, p. 59), assinala dizendo que “o trabalho é um fator de efetivo interrelacionamento com os elementos da natureza: a terra, rios e floresta, que alimentam a vida material e imaterial desses povos”.

Morin (2003, p. 25) nos lembra que “os indivíduos conhecem, pensam e agem, segundo paradigmas inscritos culturalmente neles”. A forma como os moradores do Parque Nacional do Viruá se relacionam com o meio ambiente natural, mostra que eles têm como ponto de referência as suas próprias vidas. Essas referências estão relacionadas aos papéis que desempenham na reprodução social, cultural e biológica. E este desempenho de papéis “tem estreita conexão com conceito de equilíbrio que envolve a relação mulher-terra, terra-vida, homem-mulher e homem- natureza” (TORRES, 2009, p. 350).

Estamos diante de uma ecologia profunda, como sugere Capra (2004), em que as relações com a natureza e seus elementos se dão na reciprocidade e comunhão com os demais seres vivos. Este tema se justifica, não apenas para contribuir com os estudos sobre a manutenção e preservação dos pássaros e seus ecossistemas, mas também para a ampliação de uma visão mais ecológica da vida, que pode ser refletida nas práticas ecológicas das comunidades viventes no Parque Nacional do Viruá. Poderá, contribuir

também, para fundamentar estratégias de políticas públicas voltadas para a proteção dos povos tradicionais que residem no entorno do referido parque.

Este estudo assenta-se numa perspectiva interdisciplinar de inspiração rizomática com alguns traços da fenomenologia, tendo um diálogo com a Antropologia, Sociologia, Biologia e as Artes no contexto da Amazônia. Busca-se articular de alguma forma o pensamento ocidental com o pensamento ecológico, naquilo que Capra (1996) denomina de ecologia profunda. A pesquisa foi realizada no Parque Nacional do Viruá no período delicado assinalado pela pandemia do Novo Coronavírus. O trabalho de campo assume as orientações das abordagens qualitativas, sem a exclusão dos aspectos quantitativos.²

A contextualidade do espaço e do lugar evoca a Amazônia e o patrimônio nacional que é o Parque Nacional do Viruá. Este Parque possui 217,4 mil hectares, localizado em Roraima, no município de Caracaraí, entre o Rio Branco e a BR 174, a rodovia que liga Boa Vista (e a Venezuela) a Manaus. Por meio da BR, é possível chegar ao parque de veículo grande ou transporte coletivo num percurso que dura 2 horas. O parque abrange um mosaico de florestas aluviais, campinaranas e florestas de terra firme, em uma região com características típicas de um pantanal, no norte da Amazônia. O Parque Nacional do Viruá é uma das unidades de conservação com a maior diversidade de aves da Amazônia. São 531 espécies registradas (ICMBIO, 2010).

Ao visibilizarmos os espaços ecológico que compreendem o Parque Nacional do Viruá podemos ter uma visão ampla sobre a coexistência equânime do ser humano com a natureza, os seus avanços no trato de afetividade com os animais e seus novos métodos agroflorestais. Conforme Guattari (1990, p.52), “o princípio particular à ecologia ambiental é o de que tudo é possível tanto as piores catástrofes quanto as evoluções flexíveis. Cada vez mais, os equilíbrios naturais dependerão das intervenções humanas”.

Durante a imersão no campo da pesquisa registramos as atividades realizadas nos encontros num diário de campo que serviu de auxílio na elaboração da tese, momento em que adensamos ao texto as percepções obtidas no local da pesquisa. Todo o material coletado até aqui foi sistematizado e analisado à luz das categorias centrais

² O aporte teórico é baseado em autores como Morin (2000), Maffesoli (1998), Santos (2009), Lévi-Strauss (1978, 2006), Torres (2005), Eliade (1979, 2008), Ingold (1994, 2015), Diegues (2001), Santos (2019) entre outros que deram suporte à pesquisa.

da pesquisa consignadas em Patrimônio ambiental; Simbologia e o Canto dos Pássaros; Povos tradicionais.

A pesquisa de campo foi realizada com os sujeitos ativos no Parque Nacional do Viruá, junto a uma amostra de 10 entrevistados, sendo 02 especialistas em pássaros, 02 brigadistas, 02 funcionários, 02 moradores do entorno (representante da associação de moradores e representante da ONG) e 02 guias de turismo. Todos esses sujeitos foram ouvidos sob a técnica de entrevista profunda, a qual conforme Bourdieu (2012), é aquela em que o mesmo informante pode ser ouvido quantas vezes forem necessárias.

O trabalho está dividido em três capítulos interdependentes. No primeiro capítulo, estabelecemos uma análise contextual sobre o Parque Nacional do Viruá, dando especial relevo a sua historicidade, sua gente e à simbologia faunística. No segundo capítulo, averiguamos de que forma se dá a relação entre os pássaros e os moradores do Parque Nacional do Viruá, buscando assinalar a sinergia, reciprocidade e integração natureza/cultura em relação ao equilíbrio do planeta. Por fim, no terceiro capítulo analisamos as ações do Instituto Chico Mendes de Biodiversidade instalado no Parque Nacional do Viruá, dando destaque ao seu papel de indutor da proteção ambiental no contexto de um laboratório científico.

Finalmente, deve-se reconhecer a relevância social desta pesquisa para os novos estudos sobre a Amazônia numa visão crítica, esperando contribuir para que surjam outros estudos voltados para a compreensão mais ecocêntrica da vida, contra a instrumentalização da natureza e a preservação dos Parques Nacionais como foco de proteção ambiental. Trata-se de um documento-diagnóstico que poderá contribuir, também, para com os moradores do entorno do parque que poderão dispor de orientação específica sobre como utilizar a simbologia do canto dos pássaros nas atividades do turismo de base comunitária, apontando para a fundamentação de políticas públicas.

CAPÍTULO I – PARQUE NACIONAL DO VIRUÁ, SUA HISTÓRIA E SUA GENTE

*A Amazônia é o maior ser vivente que jamais se viu.
Uma enormidade de massa viva, nascendo e
morrendo continuamente, nutrindo-se de ares, de
águas e terra. Mas sobretudo de si mesma, numa
autofagia em que se desfaz e refaz, enquanto se
multiplica e se diversifica em miríades de vegetais e
animais.*

(Darcy Ribeiro)

1.1 Um sobrevoo sobre o campo de pesquisa: apresentando o Parque Nacional do Viruá

Entrar no campo de pesquisa em territórios amazônicos como o Parque Nacional do Viruá, é deixar-se envolver afetivamente com a natureza e a paisagem até aonde os olhos alcançarem. Este parque, criado em 1988, no município de Caracaraí abrange mais de 227 mil hectares numa região de grande relevância ecológica na conservação da biodiversidade amazônica. Sua riqueza genética está nos complexos e frágeis ecossistemas, lar de diferentes animais, entre peixes, aves e mamíferos que abrigam diversas nascentes de rios.

Nos fios da vida que se entrelaçam ao imaginário e significação simbólica deste lugar, está o nosso campo de pesquisa. Para Bourdieu (1989, p. 119), o campo de pesquisa são “espaços estruturados de posições[...] que podem ser analisadas independentemente das características dos seus ocupantes”. O campo de pesquisa é um lugar de descoberta e encantamento na medida em que o pesquisador mergulha no desconhecido e lança luz em múltiplos olhares. Este percurso exige todo um preparo por parte do pesquisador para poder se aventurar no próprio campo.

Para Torres (2020, p. 20), “olhar o campo e nele mergulhar não significa abarcá-lo em sua inteireza, senão direcionar o olhar para uma única direção com objetividade do pensamento”. A Amazônia continental é o chão “excelente para o desenvolvimento de pesquisa científica” (BATISTA, 2007, p. 37). É um campo fértil, onde os mitos se entrelaçam à natureza e comungam em práticas sociais sem ferir o meio ambiente. Nela, o campo é a terra, é a água e floresta e esse tripé encontra-se

presente na vida dos moradores que habitam todo o vale do Viruá em modos de viver e habitar o mundo.

Para Torres (2016, p. 20), os povos tradicionais “respeitam os mistérios do rio e da floresta, que possibilita ao mesmo o cuidado com o ambiente onde habitam”. O respeito pelas normas sociais estabelecidas com a natureza é a forma que os moradores dessas comunidades se utilizam para sua sobrevivência. A manutenção da vida e da permanência destes habitantes no entorno do parque é fundamental para a conservação ambiental.

As Unidades de Conversações - UC's possuem um papel social fundamental para a proteção dos ecossistemas, tanto na Amazônia, como para outros ecossistemas no Brasil e no restante do planeta. Um dos grandes caminhos da história e papel central da humanidade é a garantia do meio ambiente para a sobrevivência das pessoas, dos animais e vegetais, entre outros. A rica territorialidade reúne no bioma do Parque Nacional do Viruá inúmeras espécies, em distintos ciclos naturais que contribuem para o equilíbrio dos ecossistemas em seus processos naturais decorrentes das interações.

Desde a conquista da América no período do Quinhentismo, passando pela colonização portuguesa, a Amazônia passou a comportar desequilíbrio ambiental. A entrada do capital na região desde os primórdios das especiarias, conforme lembra Batista (1976), levou o ecossistema a ruir, promoveu desequilíbrio e a instabilidade do planeta. Rios que são aterrados, casas construídas às margens dos igarapés, pessoas que morrem pela poluição provocada, derrubada de grandes áreas verdes, enfim, grandes problemas ambientais que ameaçam a vida no planeta.

As experiências antropocêntricas do Ocidente deixam marcas temporais, sucessivas e gradativas em experiências nocivas ao meio ambiente. Nestas experiências podemos identificar o que Morin (2003, p. 94) denomina de policrise, na medida em que “a crise da antroposfera e a crise da biosfera remetem-se uma a outra, como se remetem uma à outra crises do passado, do presente, do futuro.” A ação humana agride o meio ambiente e interfere de forma negativa na história do planeta e pode ser vista nas grandes feridas expostas nas florestas, na poluição do ar, da água e nas sociedades.

A Amazônia, dentro do processo de exploração desde a colonização, tem grande importância para o mundo ocidental em virtude de sua biodiversidade e das artérias de seu grande rio de água doce, capaz de abastecer 30% de água ao mundo. Segundo Leff (2009, p. 317), “as temporalidades diferenciadas dos processos

geográficos, ecológicos, econômicos, tecnológicos, políticos e culturais, entre eles, a produção e circulação do capital e dos ciclos de matéria, energia e regeneração dos recursos naturais se articulam em múltiplos níveis.” Dentro do contexto de exploração dos recursos naturais para a manutenção dos mercados no sistema capitalista, a Amazônia torna-se foco de olhares, tanto de quem quer protegê-la, como destruí-la.

Para Silva (2000, p. 117), a “visão da Amazônia como um ecossistema de importância é uma posição nova. Adveio de uma expectativa de utilização dos recursos naturais com a ideia de que a apropriação nacional de recursos não-renováveis” não tem o apoio de outras esferas de conhecimento. No contexto de globalização da Amazônia, ela se integra ao restante do planeta e sua destruição afeta toda a vida na Terra.

Neste ambiente entrópico e apocalíptico de uma natureza em constante ameaça, parques de conservação como o Parque Nacional do Viruá tem importante papel na conservação da vida natural do planeta. De acordo com Diegues (2001, p.13), “a criação de parques e reservas tem sido um dos principais elementos de estratégias de conservação da natureza, em particular nos países do Terceiro Mundo”. Conforme este autor “a concepção dessas áreas protegidas provém do século passado, tendo sido criadas primeiramente nos Estados Unidos, a fim de proteger a vida selvagem (*wilderness*) ameaçada, segundo seus criadores, pela civilização urbano-industrial, destruidora da natureza” (IBIDEM, p. 13).

O Parque Nacional do Viruá está dentro desta lógica de conservação da natureza, centrado nos mecanismos de manejo ambiental dos ecossistemas que permeiam a unidade, levando-se em conta as ações antrópicas dos povos tradicionais que são moradores do entorno parque com os conhecimentos acumulados historicamente. Não se defende a compreensão dos parques como ambientes fora do mundo civilizado, mas como áreas de conservação dentro de um planeta que compreende um todo.

Não existe uma separação entre homem/mulher e natureza, pois este faz parte da natureza. Isto posto, é preciso estimular a humanidade a refletir e se ver como parte da natureza. Krenak (2019, p. 12), considera que a “ideia de nós, os humanos, nos deslocarmos da terra, vivendo numa abstração civilizatória, é absurda”. Teóricos como Diegues (2001, p. 22), criticam essas noções distanciadas de “mundo natural que reflete uma percepção das populações urbanas a respeito da natureza”. Logo, a lógica

de conservação dos parques não é de pessoas que vivem longe do ambiente natural, mas que dependem da manutenção dos biomas para o equilíbrio de toda a vida.

Encontramos esta lógica de conservação nos modos de vida dos povos tradicionais que habitam as florestas e as margens do rio Branco do Parque Nacional do Viruá. A noção de povos tradicionais incorpora diferentes facetas, primeiramente pela presença num determinado território ao longo do tempo que gera direitos aos sujeitos habitantes. Em seguida, pelos modos de vida que marcam as ações políticas e identitárias. Nisso, as questões ambientais e culturais são componentes importantes na produção de saberes e relação com a terra. De acordo com Almeida (2004, p. 33),

O chamado ‘tradicional’, antes de aparecer como referência histórica do passado, aparece como reivindicação contemporânea em forma de autodefinição coletiva. Antes de serem interpretados como ‘povos ou comunidades tradicionais’ aparecem hoje envolvidos num processo de construção do próprio ‘tradicional’ a partir de mobilizações e conflitos. Deste ponto de vista, além de ser do tempo presente, o ‘tradicional’ é, portanto, social e politicamente construído a partir de uma classificação empírica fruto da existência localizada desses novos movimentos sociais.

Essa discussão sobre o conceito de povos tradicionais é resultante de um amplo processo de debate que teve relativa participação do Comitê de Povos e Comunidades Tradicionais, cujo resultado gerou um produto final publicado por meio do Decreto 6040/2007³. Esses povos que estão envolvidos no processo de conservação do Parque Nacional do Viruá, estão nas lutas coletivas em áreas que embora protegidas por lei, são zonas de constante conflito ambiental.

Este conceito elaborado por Almeida (2004), é aprovado pelo Estado brasileiro e se contrapõe ao conceito de população, que é uma construção da Biologia do século XIX, aplicado para se referir aos animais, tais como: população de gafanhoto, de golfinho, dentre outros. Aos humanos devemos vê-los como povos que remete para pessoas, gente. Ao voltar às discussões sobre a ação antrópica, deve-se reconhecer que a marca da destruição do homem nunca esteve tão presente como nos últimos anos. Com o desmatamento crescente nos últimos dois anos no Brasil, a Amazônia brasileira

³ Povos e Comunidades Tradicionais são grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para a sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição. (Decreto 6040/2007).

nunca foi tão ameaçada, os rios e sua biodiversidade, sua flora e sua fauna tem sido alvo de ataques. O capitalismo desenfreado tem gerado consumo sem limites, aumentando com frequência os desastres ambientais no mundo natural, físico e principalmente entre as pessoas (ARAÚJO, 2015). O Parque Nacional do Viruá é uma importante zona de conservação para frear estes problemas. O pesquisador Uirapuru (34 anos)⁴, fotógrafo e estudioso do Parque Nacional do Viruá, expõe sua posição sobre as problemáticas ambientais da região, nos seguintes termos:

O fato do parque não está isolado, como é o caso da Estação Ecológica Ilha de Maracá, que está isolado através de dois rios que cortam a ilha; o parque está suscetível ao fogo como já ocorreu no início do ano, é que focos de incêndio oriundos das áreas vizinhas adentraram o parque diversos pontos, e isso traz uma perda enorme para a biodiversidade, e impacta diretamente no, e em todo o bioma, todo ciclo das espécies que aqui vivem. Então, a influência de caça em alguns lugares é observada, a pesca predatória também e tem alguns colegas que trabalho com peixes que mesmo quando foram fazer os estudos em lagos que estão dentro do perímetro do parque encontraram vestígios dos pescadores. Então mesmo tendo essa proteção, sabendo que é uma área de conservação, o pessoal ainda exerce a pesca predatória, faz caça e a principal ameaça que eu considero é o fogo. Então com certeza às áreas vizinhas tem influência sobre o parque. (Entrevista, 2019.)

Observe-se que nem mesmo as áreas de conservação estão isentas de riscos. Todo o ambiente natural da Amazônia encontra-se em constante ameaça e com perda enorme da biodiversidade por meio da caça predatória realizada por empresas capitalistas, provocando desequilíbrio ambiental. De acordo com Paes (2019), o aumento no número de incêndios se deve a vários fatores, incluindo a piora da estiagem na Amazônia, causada pelas mudanças climáticas, pela grilagem, pesca predatória e desmatamento ilegal.

Além disso, com os cortes orçamentários do Governo Federal desde o ano de 2018, fica cada vez mais difícil combater os incêndios. O corte no aporte orçamentário destinado ao IBAMA⁵ e ICMBio⁶ para contenção de incêndios e inspeções ambientais

⁴ Os nomes dos sujeitos da pesquisa foram substituídos por nomes de animais para salvaguardar o anonimato de suas identidades.

⁵ Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) é uma autarquia federal dotada de personalidade jurídica de direito público, autonomia administrativa e financeira, vinculada ao Ministério do Meio Ambiente (MMA), conforme Art. 2º da Lei nº 7.735, de 22 de fevereiro de 1989.

⁶ Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade é uma autarquia em regime especial. Criado dia 28 de agosto de 2007, pela Lei 11.516, o ICMBio é vinculado ao Ministério do Meio Ambiente e integra o Sistema Nacional do Meio Ambiente (Sisnama).

dificulta a manutenção dos biomas. Esses são alguns dos inúmeros desafios a serem superados para se ter uma política real de conservação. Trata-se, conforme Latour (2018), de desafios nas relações entre ecologia e política, envolvendo as mudanças climáticas e as agressões aos ecossistemas e ao meio ambiente. Este autor reafirma a ideia de que a Amazônia carece de políticas realmente efetivas no refreamento do fim apocalíptico da Terra. O grande desafio é desenvolver uma ecologia política no âmbito das relações entre seres humanos e não humanos, pensado no coletivo, pois os desafios vão do campo epistemológico e simbólico, se estendendo ao social, político e jurídico.

É neste sentido que Pontes Júnior e Barros (2020), enfatizam o

dever constitucional do poder público em proteger a fauna e a flora, vedadas, na forma da lei, as práticas que coloquem em risco sua função ecológica, provoquem a extinção das espécies ou submetam os animais a crueldade; a Política Nacional do Meio Ambiente, que versa sobre o “conjunto de condições, leis, influências e interações de ordem física, química e biológica, que permite, abriga e rege a vida em todas as suas formas”; a Declaração Universal dos Direitos dos Animais da Unesco; e a Convenção sobre Diversidade Biológica da ONU.

A problemática da política de conservação do Parque Nacional do Viruá, esbarra no próprio sentido de criação das Unidades de Conservação – UC’s na proteção do patrimônio ambiental. Em seu artigo 11 o Sistema Nacional de Unidades de Conservação – SNUC apresenta os objetivos do Parque Nacional enfatizando a preservação de ecossistemas de grande relevância ecológica e beleza cênica, possibilitando a realização de pesquisas científicas e atividades de educação ambiental, sem deixar de incluir a recreação em contato com a natureza e o turismo ecológico. Nas palavras de Fontoura, Medeiros e Adams (2016, p. 37),

Os Parques Nacionais mostram-se como a única categoria de unidades de conservação onde o turismo aparece de forma explícita e atividade fim. Assim, pode-se considerá-los como territórios de excelência para o desenvolvimento do ecoturismo. Ademais, o objetivo principal dos parques é a proteção da natureza e como assinala o SNUC, permite apenas o uso indireto dos recursos, sendo vedadas as possibilidades de coleta, pesca ou extração.

Observe-se que o uso recreativo dos parques se destaca como alternativa de uso aos povos do entorno. O turismo praticado em áreas naturais como a do Parque Nacional do Viruá, apresenta-se como um fenômeno extremamente complexo, também devendo ser estudado em uma perspectiva transdisciplinar, tanto por

influenciar, como por ser influenciado pelos setores econômicos, sociais, culturais e ambientais (RODRIGUES, 1996).

O Parque Nacional do Viruá tem grande destaque por ser uma das unidades de conservação com a maior diversidade de aves da Amazônia. É possível dizer, com base no projeto de ampliação do Parque Nacional do Viruá⁷, que existem no Brasil 237 áreas importantes para a Conservação das Aves. Dentre essas análises está aquela do Programa Áreas Importantes para a Conservação das Aves (Important Bird Areas - IBAs). Quatro delas estão no Estado de Roraima e são importantes no âmbito da preservação da cadeia faunística em face de sua posição estratégica para a estruturação da rede de cuidados internacionais às espécies em ameaças de extinção. O Parque Nacional do Viruá e demais UC das zonas úmidas do Pantanal Setentrional, integram a IBA das Campinas e Várzeas do rio Branco (RR04), assumindo posição privilegiada para a garantia da riqueza da biodiversidade constitutivamente de berçário natural de espécies.

Essa biodiversidade faunística reúne condições de manutenção da vida cíclica entrando em sintonia com os elementos das relações humanas de afetividade necessárias para o equilíbrio do planeta. Estas espécies, não obstante, encontram-se ameaçadas. São 05 espécies de aves sob diferentes graus de ameaçada e outras 28 endêmicas ou de distribuição restrita (<50.000 Km²).

O Parque Nacional do Viruá está dentro dos limites do município de Caracarái, que é uma cidade pacata, uma localidade em que suas atividades econômicas são associadas a pesca, programas assistenciais e agricultura de subsistência. Os pequenos agricultores ainda usam pequenas queimadas para fazer roça⁸, também a caça e a pesca ilegal estão presentes na economia local (ICMBio, MMA, 2010).

O comércio local também sobrevive da renda dos servidores públicos, Roraima é um ex-território, portanto, os servidores do ex-território têm renda bastante razoável, e também há um grande contingente de militares espalhados pelos municípios, que contribuem para o comércio local. Além disso, as características econômicas desse município, desde os anos de 1970 sofre com o desmatamento, intensificado ao longo

⁷ Projeto de ampliação do Parque Nacional do Viruá junto ao Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade – ICMBIO, Coordenação de Criação de Unidades de Conservação – CCUC e Ministério do Meio Ambiente – MMA (2010), disponível em: <https://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/o-que-fazemos/estudoampliacaoparnavirua.pdf>

⁸ Não confundir com as grandes queimadas que devastam a Amazônia, como fez o atual governo, responsabilizando indígenas e pequenos agricultores pelo desmatamento e queimadas na região.

dos anos com recorde nos três últimos anos de desmatamento de forma assustadora. Some-se a isso, a perda de qualidade do solo para o plantio, o processo de desertificação, assoreamento e redução da biodiversidade (ICMBio/MMA,2010).

É muito perceptível a ausência de políticas de combate a queimadas e desmatamento, somando também à proliferação de garimpos ilegais. Os processos de levantamento de impacto ambiental não são realizados o que dificulta qualquer iniciativa em termos de atividades que levam ao desenvolvimento sustentável.

Nesse contexto econômico e de preocupação com as questões ambientais, o Parque Nacional do Viruá tem um papel estrategicamente importante, podendo contribuir para a reorganização de cadeias produtivas e proporcionando o avanço na elaboração e promover o desenvolvimento e econômico do município. A respeito deste assunto, o pesquisador Uirapuru considera que,

Tudo gira em torno do desenvolvimento sustentável e da educação ambiental. A educação ambiental está em primeiro lugar, conscientização, principalmente nas escolas, e começa por aí. Mostrar o que o parque é, e o que o parque faz, muita gente sabe que tem um parque nacional, mas não sabe para que serve, mas não tem ideia o que acontece aqui dentro e não tem acesso aos materiais, as fotos, não sabe que as espécies tem e a importância de tudo isso aqui. Então, educação ambiental seria o primeiro passo e mostrar para a comunidade do entorno, muitas delas já sabem que o parque gera, é uma fonte de renda para as pessoas locais, para os moradores locais. Isso já vem acontecendo aqui, mas em alguns lugares ainda é muito pouco divulgado isso. Eu tenho consciência de que o pessoal fez, faz divulgação científica e isso faz a parte da educação ambiental; e o pessoal do entorno é bastante consciente. É a principal forma que eu vejo de melhorar a visão das pessoas, assim colocar elas, deixar elas mais atentas ao que acontece no parque através da educação ambiental e da conscientização do pessoal através das fontes de renda. (Entrevista, 2019.)

Veja que a preocupação de papa-capim-de-coleira é a educação ambiental, tema fundamental que precisa ter primazia nas atividades do Parque. Se for dada atenção e prioridade às atividades de educação sobre o meio ambiente, os educadores do ICMBio darão um passo à frente em favor da perenidade do planeta. Existe uma legislação⁹ que prevê a garantia da integridade e preservação das áreas de UCs e de outras áreas que são também ecossistemas importantes para a sobrevivência do

⁹ O artigo 225 da Constituição Federal determina o seguinte: Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as futuras gerações (CF, 1988).

planeta. Cabe ao Poder Público e todas as suas esferas assegurem o que determina a Constituição¹⁰. É diante da biodiversidade e complexidade do bioma do Parque Nacional do Viruá, que impera a responsabilidade socioambiental e que os agentes públicos precisam compreender sua importância estratégica para a implementação de novos modelos sustentáveis de tessituras para a estruturação de novas concepções bioeconômicas. Para Latour (2018, p. 32), é absurda a divisão de humanos políticos, de um lado, e não humanos apolíticos, de outro, afinal ambos fazem parte da mesma sociedade ou do mesmo coletivo, como o próprio autor costuma definir. Sua proposta é a de um trabalho conjunto na “articulação do mesmo coletivo, definindo como uma lista sempre crescente de associações entre atores humanos e não-humanos”

Isto exige também o entendimento de que a floresta possui singularidade e capacidade de geração de renda, contribuindo para sobrevivência das comunidades tradicionais sem comprometer a sua genuína estrutura. De acordo com Santos (2019, p. 67),

A diversidade de experiências do mundo, em conjunto com uma conversa do mundo que as leva a sério – quer dizer, que permite um diálogo entre essas experiências em vez de impor a força uma delas sobre todas as outras –, não faz sentido se se parte do princípio de que a objetividade do mundo pode ser captada com base numa única experiência. Se assim fosse, uma única experiência, mesmo que subjetiva e parcial, poderia arrogar-se o poder de declarar que todas as outras são subjetivas e parciais. E de fato foi precisamente isso que aconteceu, e acontece ainda, relativamente à modernidade ocidental e a sua incessante reprodução de experiências colonialistas, capitalistas e patriarcais.

A verdade é que os ecossistemas amazônicos estão em grande ameaça, em virtude do alto índice de desmatamento nos três últimos anos. Vem assomar-se a esta problemática a exploração dos garimpos de forma ideológica, a grilagem de terra, o avanço dos grandes projetos amazônicos, o desvio de riquezas para a biopirataria dentre outros problemas que atingem a região.

O contexto do Parque Nacional do Viruá nos possibilita a compreensão de uma nova dimensão para enfrentar os avanços agrícola sobre a floresta, pois o refúgio ecológico mantido nesse território impõe inúmeras responsabilidades, entre elas a

¹⁰ LEI Nº 9.985, DE 18 DE JULHO DE 2000. Regulamenta o art. 225, § 1º, incisos I, II, III e VII da Constituição Federal, institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza e dá outras providências.

correlação equilibrada das novas formas de interação que possuem uma nova concepção do trabalho inclusiva, em atendimento às comunidades tradicionais existentes no entorno da Unidade de Conservação.

Ações antrópicas sem planejamento apropriado podem afetar o Parque Nacional do Viruá, pois é a única com acesso via terrestre e dotada de infraestrutura para trabalhos de campo, essenciais para o avanço das pesquisas sobre a evolução física deste importante sistema ecológico. Imprescindível para desvendar eventos paleoclimáticos e tectônicos ocorridos na Amazônia brasileira, conforme atestam os estudos do ICMBio - Ministério do Meio Ambiente, por existir nesta região riqueza relacionadas com mudanças globais. Trata-se de um repositório natural de toda o percurso sedimentar do ecossistema em análise da história geológica e sua morfologia, fundamentais e estratégicas para as pesquisas em andamento nessa relevante porção na Amazônia.

Toda a sociodiversidade proveniente desse polígono amazônico, está entrelaçada com as potencialidades para o reconhecimento do Pantanal Setentrional como destino de construções de novas práticas sustentáveis, que viabilizem o desenvolvimento com justiça e rentabilidade aos povos tradicionais viventes no entorno. As espécies da avefauna¹¹ são de extrema importância aos pesquisadores, na medida em que elas podem interagir com o coletivo de pessoas e, com isso, há proveito nas atividades de geração de renda com o turismo de base comunitária. Trata-se de um ambiente faunístico com grande potencialidade de interação com os humanos, o que atrai a atividade turística sem comprometer e degradar a biodiversidade do Parque Nacional do Viruá.

São ações de base indutora promovidas pelo ICMBio que ensejam estudos e pesquisas que desvelem essas relações de reciprocidade, necessárias para a sobrevivência do Parque Nacional do Viruá que se entrelaça ao Pantanal Setentrional, à semelhança do Pantanal Matogrossense. Há o acúmulo de sedimentos no Pantanal Setentrional associado ao sistema de megaleques, que consiste em um sistema deposicional arenoso, onde ocorre o espriamento dos sedimentos sobre terrenos denominados planos.

Esse santuário atrai o interesse de muitos turistas observadores de pássaros, pessoas que possuem forte potencial para fomentar a bioeconomia, contribuir para

¹¹ O conjunto de aves de uma região ou ambiente

melhorar a qualidade de vida dos povos tradicionais viventes no entorno do Parque Nacional do Viruá, sem comprometimento do bioma.

1.2 Os povos tradicionais do entorno do Parque Nacional do Viruá, quem somos?

Os moradores do entorno do Parque Nacional do Viruá¹² sobrevivem da agricultura local, especialmente a roça de mandioca, milho, banana, que é o elemento básico da sua dieta alimentar. O processo social e formativo das comunidades tradicionais caminha em direção às práticas sustentáveis para manter a floresta em pé e todos os seus constituintes dos espaços verdes, como base da política de conversação preconizada pelo Estado brasileiro e viabilizada pelos parques nacionais. O Parque Nacional do Viruá é o laboratório de novas práticas de trabalho envolvendo os moradores do seu entorno tanto nas atividades turísticas, quanto nas atividades socioeducativas promovidas pelo parque.

O município de Caracarái está localizado na margem esquerda da BR-174, que é a via de ligação entre Amazonas e Roraima. Segundo o Censo do IBGE, de 2006, sua população é de aproximadamente 17.981 habitantes (IBGE, 2007). Está a 52 metros em relação ao nível do mar. É, assim como todo o estado de Roraima, um município com grande potencial para o Ecoturismo. Na região do baixo rio Branco, vem sendo desenvolvido o turismo de pesca, que é executado em sua maioria por empresas do Amazonas e em pequena porcentagem por empresas turísticas roraimense. Possui nas Corredeiras do Bem-Querer um importante sítio arqueológico com pinturas rupestres e marcas de moldagem de ferramentas deixadas pelos homens primitivos do paleolítico.

¹² A Unidade de Conservação - UC é uma das poucas na Amazônia que possui acesso por estrada, e em parte significativa asfaltada, isso facilita muito o desenvolvimento de formas interativas para promover a visitação pública. A rodovia federal asfaltada BR-174 viabiliza com rapidez o local encurtando o possível desgaste com percursos terrestres, sendo atrativo para o implemento da agência e operadoras de viagens e turismo. A localização estratégica, torna-se também um perigo para a fauna e flora do Parque Nacional do Viruá, pois seu perímetro representa parcela considerável da área utilizada pelas aves em processo de migração, motivadas pelos períodos de reprodução. Ou seja, implica em mecanismos de fiscalização em face da proximidade com a Capital do Estado de Roraima, Boa Vista, que se encontra a cerca de 190 km de Caracarái e aproximadamente 600 km de Manaus, rota que se intensifica em oferta de opções para o desenvolvimento do turismo sustentável e de reconhecimento ao patrimônio natural. O perímetro da estrada encontra-se em boas condições de trafegabilidade. A vila mais próxima, considerada no entorno do Parque Nacional do Viruá, é a Vila Petrolina do Norte.

Caracaraí possui um porto que no passado servia de embarque e desembarque de gado e atualmente está interligado com a Orla municipal, que na sede, é considerada um atrativo turístico e está ao lado do Memorial do Milagre de Nossa Senhora do Livramento a padroeira da cidade. O artesanato também vem se destacando no município principalmente na época do Festival Folclórico que é representado pela Cobra Mariana, mito local e o Gavião Caracaraí, que em sua homenagem tem a origem do nome do município. Com isso percebe-se que Caracaraí tem em sua diversidade muitos atrativos que podem ser utilizados pela atividade turística.

O ecoturismo surge como uma alternativa ao turismo de massa, incorporando em sua concepção os princípios do turismo alternativo, buscando assim, no ambiente natural sua adequação aos princípios de inserção social e de mínimos impactos. O surgimento dessa atividade aconteceu entre 1960 e 1970, quando os grandes temas ambientais, foram tratados em nível mundial por meio de conferências a exemplo do Clube de Roma e da Conferência de Estocolmo. Em termos conceituais o debate eclode em meados dos anos de 1970, antes da dedicação ambientalista do ecoturismo, haviam surgido várias denominações, que tentavam afirmar conceitos de diversos fatores ligados a ele.

A palavra “ecoturismo” que foi criada por Héctor Ceballos-Lascuráin, por volta de 1983, é também uma forma de expressar em poucas palavras a ideia de turismo associado à natureza. Segundo o texto Ecoturismo: orientações básicas (2008, p. 16) do Ministério do Turismo,

Ecoturismo é um segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista por meio da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações.

Deve-se reconhecer que a interação entre o parque e os moradores do entorno é proveniente do implemento de uma política pública de manutenção do patrimônio natural, tendo como seus protagonistas a própria comunidade. Para Wagley (1957, p. 43-44),

Nas comunidades existem relações humanas de indivíduo para indivíduo e nelas, todos os dias, as pessoas estão sujeitas aos preceitos de sua cultura. É nas suas comunidades que os habitantes de uma região ganham a vida, educam os filhos, levam uma vida familiar, agrupam-se em associações, adoram seus deuses, têm suas superstições e seus tabus e são movidos pelos valores e incentivos de

suas determinadas culturas. Na comunidade a economia, a religião, a política e outros aspectos de uma cultura parecem interligados e formam parte de um sistema geral de cultura, tal como o são na realidade. Todas as comunidades de uma área compartilham a herança cultural da região e cada uma delas é uma manifestação local das possíveis interpretações de padrões e instituições regionais.

É desse modo que se compõem as comunidades tradicionais do Parque Nacional do Viruá. De tal modo que os moradores interagem de maneira dialógica com a floresta e os sons dos pássaros e outros animais. Tal interação evidencia a complexidade da vida local expressa no sentimento e pertencimento ao Parque Nacional do Viruá. Conforme Ingold (2015, p. 111), “o que é comumente conhecido como ‘rede de vida’, é precisamente não isso: não uma rede de pontos conectados, mas uma malha de linhas entrelaçadas.” De acordo com este autor, as coisas são vivas, e a vida é um ambiente inerente à circulação de materiais que continuamente dão forma às coisas assim como à sua dissolução.

A sustentabilidade é uma das palavras mais fortes existente nas comunidade do entorno do Parque Nacional do Viruá. Entre as possibilidades de desenvolvimento de práticas comerciais, o turismo se destaca por meio de um dos segmentos de maior alcance da sustentabilidade, o ecoturismo. O ecoturismo traz benefícios para a comunidade vivente do entorno como atividade econômica, necessária para o desenvolvimento de práticas sustentáveis. Conforme Souza e Alves (2010, p. 2), “o ecoturismo surge como uma alternativa ao turismo de massa, incorporando em sua concepção os princípios do turismo alternativo, buscando assim, no ambiente natural sua adequação aos princípios de inserção social e de mínimos impactos”.

O entendimento dessa concepção de fonte econômica se estrutura fortemente durante as décadas de 1960 - 1970, quando eclode a questão ambiental. Souza e Alves, (2010, p. 2), assinalam que, “o surgimento dessa atividade aconteceu entre 1960 e 1970, quando os grandes temas ambientais começam a sensibilizar os povos frente à conservação ambiental”.

O ecoturismo é uma atividade econômica que já existia na Amazônia antes mesmo da institucionalização da política ambiental. Souza e Alves (2010, p. 2), ressaltam que “em meados dos anos de 1970, antes da dedicação ambientalista do ecoturismo, haviam surgido várias denominações, que tentavam afirmar conceitos de diversos fatores ligados a ele. A palavra “ecoturismo” [...] é uma forma de expressar em poucas palavras a ideia de turismo associado à natureza”. Inicia-se, portanto, com

o surgimento do Parque Nacional do Viruá, a maneira mais apropriada de interação com o lugar, tornando possível a manutenção da floresta em pé.

Trata-se de uma nova lógica comercial com elementos promissores, que tem no aspecto socioeducativo a sua principal ferramenta. A implementação do turismo científico por meio do segmento do ecoturismo, além de envolver a própria comunidade do entorno nas tomadas de decisão, contribui também para a realização conjunta de atividades sustentáveis. Essa integração comunitária se observa com a imersão de estudantes em atividades educacionais, formando-se novos agentes protetores da floresta como protagonistas no movimento de avanços de uma nova política ambiental.

O ecoturismo surgiu como uma alternativa de aproveitamento econômico dos ambientes naturais, sem agressão à biodiversidade, é preciso ter um prévio planejamento para explorar o potencial turístico. Nesse momento, em que o mundo passa por uma crise sanitária as visitas, mesmo reduzidas ao Parque Nacional do Viruá, geram renda, ao mesmo tempo que conscientiza as pessoas frente a esse ecossistema para o mundo. De acordo com um dos sujeitos da pesquisa,

Há basicamente duas percepções sobre a presença dessa área de preservação: aqueles que sentem orgulho de viver em região naturalmente tão privilegiada e que pode prover a manutenção dos meios para sobreviver com dignidade na região através da exploração do interesse mundial em sua biodiversidade e aqueles que consideram o Parque Nacional do Viruá uma área inútil que poderia ser explorada pela agropecuária ou mineração. (Curió, 53 anos, Entrevista, 2022).

Vemos duas percepções que são duas lógicas de entender o meio ambiente, uma visa a manutenção da biodiversidade e da vida pela preservação em práticas sustentáveis. A segunda se assenta num modelo de desenvolvimento mecanicista que explora os recursos da natureza em modelos ocidentais. Tais percepções implicam uma série de abordagens envolvendo a Amazônia, principalmente nas mudanças sociais e globais. De acordo com Silva (2000, p. 260), estão presentes, “na mesma lógica, os diferentes níveis das razões globais e locais sob as formas sociais, jurídicas e geográficas dos agentes institucionais, das formas civilizatórias.” Note-se, que os problemas que a região amazônica enfrenta, produz e introjeta, não são exclusivos das dinâmicas de seus lugares, são manifestações de formas múltiplas de o mundo invadir as aldeias, povoados, vilas, cidades, sobrepondo-lhes espaços novos.

A lógica da natureza se difere e gera debate na forma como se vem utilizando as unidades de conservação e sua utilidade, que num plano primeiro, passa pela vida dos povos tradicionais, mas que pejorativamente justifica uma lógica de dominação da natureza. Torna-se necessário haver uma “mudança de visão e das nossas atitudes em relação ao mundo animal e vegetal – uma ética biótica – é necessariamente baseada numa mudança de imaginação cultural.” (WALTER, 2012, p. 143).

As espécies constituintes do Parque Nacional do Viruá comprovam a sua importância para a cartografia socioambiental do planeta, pois o Pantanal Setentrional é berço de inúmeras espécies, que tem como viveiro as dimensões territoriais, responsáveis pela renovação de ciclo migratórios. Este é, pois, espaço faunístico que compõe o conjunto da avifauna mundial, contribuindo para melhorar as questões ambientais por meio do sobrevoo de inúmeras espécies do lugar. A oferta de alimentos é atrativa a todas essas espécies faunísticas, que tem os peixes do lugar como alternativa alimentar, garantindo a sua sobrevivência e reprodução no lugar. Este é o bioma mais expressivo para se compreender as sonoras revoadas e identificar a diversidade sonora dos cantos dos pássaros.

O debate e a cooperação com os moradores do entorno do parque, permitem que o Instituto Chico Mendes de Biodiversidade - ICMBio tenha maior êxito na visibilização permanente do parque como estratégia de formulação de políticas públicas destinadas à manutenção da floresta em pé. Os rigores desse compromisso exige uma árdua jornada criativa, assim como o fortalecimento das redes de operações sustentáveis, bem como as práticas comerciais mantidas sobre o prisma de sobrevivência da própria comunidade tradicional, observada a sua relação com a natureza. No entanto, algumas problemáticas se fazem presentes, como expressa a Presidente da Associação da Comunidade e Agricultores Familiares do Distrito de Nova Petrolina do Norte - ACAF, Nova Petrolina do Norte, Município de Caracaraí-RR, vejamos:

Antes a nossa população podia pescar caçar, porque tem pessoas que não tem condição de comprar carne no açougue, não tem condição comprar peixe, então o Viruá tem essa diversidade, tem várias espécies de peixe e caça. É claro que eu também não quero dizer que por se caçar tem que fazer a caça predatória ou pescar de maneira que vai destruir. Mas então nessa gestão passada, colocaram-se ali uma corrente de modo que não se pode nem pescar para sobreviver e a população em relação a isso está ultra mega revoltada, porque, infelizmente o parque nesse sentido não tá ajudando a população, não é? É por outro lado, é eu sendo técnica em turismo, o parque, ele tem

um potencial maravilhoso para o turismo, para o ecoturismo, né? Que essa gestão agora atual tem os projetos maravilhosos, que eu espero que realmente se coloque em prática, porque até aí sim, se colocar em prática a nossa população. (Míriam Ferreira, 41 anos, Entrevista, 2019).

Para garantir a conservação ambiental do Parque Nacional do Viruá, é preciso também oferecer outras estratégias de renda que não sejam voltadas para a exploração nociva da natureza. Trabalhos envolvendo o ecoturismo são fundamentais para a manutenção da natureza e das comunidades tradicionais que ali residem. Como essa atividade envolve turismo e natureza, com o objetivo de desenvolvimento sustentável, é também vista como turismo sustentável e turismo ecológico.

Nas atividades de ecoturismo torna-se pertinente seguir os dez mandamentos, que visam integrar turistas, meio ambiente e comunidade, para que haja lazer. É preciso aliar a conservação ambiental ao caráter humano em suas relações com a natureza. Latour (2018) critica a divisão de humanos políticos, de um lado, e não “humanos apolíticos de outro”, afinal ambos fazem parte de um mesmo mundo coletivo, nesse caso, ambos compartilham da riqueza natural Parque Nacional do Viruá.

O ecoturismo, assim como qualquer atividade turística, também pode causar impactos negativos tais como perda de valores culturais tradicionais, conflito entre pessoas da comunidade e turistas, maior valorização de terras e imóveis, aumento do custo de vida, descaracterização da paisagem, poluição da água, estradas inadequadas, dentre outros. Da mesma forma existem os efeitos e impactos positivos que contribuem para com o meio ambiente como é o caso da interatividade entre natureza e cultura, entre as pessoas e os pássaros.

Como vimos anteriormente, o município vem sofrendo, desde a década de 1970, uma série de impactos socioambientais (desmatamento, perda de fertilidade do solo, desertificação, assoreamento, redução da biodiversidade, dentre outros), decorrentes, sobretudo, da carência de políticas e informações técnicas e de alternativas de desenvolvimento compatíveis com a conservação ambiental.

Os moradores do entorno do Parque Nacional do Viruá precisam de apoio em políticas públicas que auxiliem na manutenção de seus modos de vida tradicionais e na conservação do lugar. A proposta de criação do parque previa a geração de emprego e renda baseada do ecoturismo que subsidiaria a existência das famílias que não poderiam mais utilizar-se do parque como no período anterior à sua fundação. Com

leis ambientais que protegem o parque, muitos moradores tiveram de buscar outras alternativas de subsistência. O ecoturismo que deveria manter uma renda sustentável não é eficaz em diversas situações. Na percepção do visitante do Parque Nacional do Viruá,

O Parque Nacional do Viruá, embora possua grande aptidão ao turismo, não é preparado para recepção de turismo ecológico em escala necessária à manutenção da renda das comunidades locais. A falta de apoio ao desenvolvimento dessa estrutura provoca uma percepção negativa dos moradores locais sobre a existência de uma unidade dessa natureza. Basicamente oferece apoio a atividades de pesquisa científica e de preservação de seu território. Não há serviços formalmente constituídos oferecidos ao turismo no local. (Curió, Entrevista, 2021).

Tal problemática interfere negativamente, pois afeta o modo de vida dos povos e gera focos de pobreza, o que indiretamente causa impactos ao meio ambiente local. Se faz necessário preparar e estruturar o turismo local para a manutenção da renda das comunidades. O Parque Nacional do Viruá representa um importante elemento para a reestruturação de cadeias produtivas e avanços na organização social de comunidades em Caracará. Os programas devem ser direcionados à Integração com o Entorno e à Visitação Pública, no sentido de UC incentivar os agentes do parque promoverem a organização de novas cadeias produtivas na economia local, vinculadas especialmente ao turismo ecológico e à agroecologia.

A política do Parque e sua abertura ao uso público são aguardadas com grande expectativa pelas comunidades e governos locais, por reconhecerem a UC como uma importante base para o desenvolvimento sustentável da região. Este patrimônio de altíssimo valor social e ambiental, em Roraima, deve ser considerado uma prioridade pelas instituições governamentais responsáveis pela gestão territorial e desenvolvimento social, envolvendo sobretudo as comunidades tradicionais. Para Amarante (2011), as comunidades tradicionais se diferenciam pela forma de vida de como ocupam o espaço geográfico, levando em consideração a forma de como utilizam os recursos naturais, sendo distintos de outros grupos sociais. Nas considerações de Arruda (1999), as comunidades tradicionais são vistas como ocupantes do território, utilizando os recursos naturais encontrados no ambiente para a sua sobrevivência, sem o uso de tecnologias modernas, causando, portanto, pouco impacto à natureza.

As categorias de territórios tradicionais estão classificadas em Terras Indígenas, Territórios Quilombolas, Reservas Extrativistas e as Reservas de Desenvolvimento Sustentável. Por esta ótica, Diegues (2008), ressalta que uma das características das comunidades tradicionais é a sua forma de produção, que não visa o lucro ou o capital investido, diferente de outros grupos sociais capitalistas, quanto à utilização dos recursos naturais.

De um modo geral, mulheres e homens moradores de comunidades tradicionais da Amazônia não só participam do processo de trabalho, como também possuem domínio cognitivo das técnicas e formas de uso dos espaços, desenvolvendo habilidades específicas adaptadas ao contexto local. O trabalho realizado por estes moradores não pode ser compreendido na lógica do capital, mas nas relações tradicionais com a natureza, de onde extraem o necessário para a sua sobrevivência na afetividade com a floresta (TORRES, 2005).

Como expressa Maffesoli (2014), o lugar faz o vínculo. O sentido de pertencimento com o lugar se expressa nos modos de habitação do mundo através da afetividade pulsante entre o humano e o meio ambiente do Parque Nacional do Viruá. Tais percepções e afecções (DELEUZE; GUATTARI, 2012), podem gerar conhecimento, sobretudo, uma espécie de conhecimento insurgente dos modos ecológicos de viver com a Terra, não apenas para o parque, mas para o mundo. As teias simbólicas que se entrelaçam à relação com a biodiversidade transmitem modelos ecológicos de vida na relação do homem e da mulher com a natureza.

Conforme Posey (1992), essas comunidades são identificadas pela vivência de suas atividades ao longo do tempo, resultando em um conjunto de conhecimentos populares repassados para as gerações futuras. Nesse contexto, Leff (2006), considera que as comunidades tradicionais são dotadas de conhecimentos que se desencadeiam em processos tecnológicos, ecológicos e culturais, portanto, necessitando de reconhecimento e valoração quanto ao fato de conviverem de forma cordial com a natureza.

Arruda (1999), argumenta dizendo que as comunidades tradicionais são grupos sociais que vivem em espaços territoriais onde se implementa a política de desenvolvimento sustentável em áreas protegidas, criadas em âmbito federal, estadual e municipal no Brasil. Essas áreas também são denominadas Unidades de conservação (UCs), estabelecidas pelo Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC) instituído pela Lei Federal nº9. 985/2000 (BRASIL, 2000). Estas áreas de proteção

oferecem aos moradores do entorno a possibilidade da promoção da educação ambiental, com vistas a despertar no indivíduo a consciência ecológica, bem como em relação a preservação de espaços visitados por turistas e estudantes.

É preciso pensar mais ecologicamente dentro de uma visão que valorize a complexidade da natureza. O conceito de Complexidade, fundamentado por Morin (1980), apresenta-se como base fundante da presente dissertação. O autor compreende a Complexidade como um pensamento que busca as relações necessárias e interdependentes de todos os aspectos da vida humana. Para ele, Complexidade é

a viagem em busca de um modo de pensamento capaz de respeitar a multidimensionalidade, a riqueza, o mistério do real; e de saber que as determinações – cerebral, cultural, social, histórica – que impõem a todo o pensamento, co-determinam sempre o objecto de conhecimento. (MORIN, 1980, p. 14).

Maturana (2004) nos diz que a forma como vivemos em nossa cultura ocidental originou-se com o patriarcado, como estabelecimento da vida pastoril. O autor percebe o termo cultura como uma rede fechada de conversações e lembra que as mudanças culturais ocorrem como modificações nos debates travados nessas redes coloquiais, nas quais vivem as comunidades, que se modificam mediante o emocionar de seus membros.

O patriarcado, como cultura, surgiu como uma alteração na configuração do emocionar que constituía o fundamento relacional da cultura matrística, existente anteriormente, resultando daí, uma mudança dos valores mantidos geração após geração. Esse modo embrutecido de viver nos inseriu em relações de artificialidade e dominação da natureza, inclusive com a nossa natureza, e nos distanciou de uma referencialidade que se consolida por uma rede de interdependências simultâneas, onde todas as formas de vida são imprescindíveis para a conservação da vida de cada um.

No movimento de distanciar-se de si e do outro, o estilo de viver dos humanos forjou valores antropocêntricos que, progressivamente, passaram a pautar as relações com os demais seres vivos, fundadas na destrutividade de uns para a sobrevivência de outros. Orientados por essa cultura, hoje a humanidade, ainda que de forma parcial, luta para reconstruir o que destruiu, por reconhecer que a sua existência também está ameaçada. Eis porque as questões ambientais estão no palco dos principais centros de

poder, afinal, nenhum organismo vivo pode escapar com segurança se o seu nicho vital for devastado (ASSMANN, 1999).

Para Antonio (2006), o distanciamento humanidade x natureza se dá principalmente a partir de Descartes, que marca a ascensão do pensamento moderno antropocêntrico. A partir de Kant, no entanto, se destaca a necessidade de o homem dominar a natureza, através da razão esclarecedora e dominadora dos fenômenos naturais porque precisava desenfeitiçar a natureza. Mesmo o modo de pensar constituído numa cultura de valores que nos conduz a pensar ou desprezar a existência de outras formas de cultura e relações sociais no mundo.

Para Morin (2002, p. 78), também “o fundamento da ideia dominante de desenvolvimento está no grande paradigma ocidental do progresso. O desenvolvimento deve assegurar o progresso, o qual deve assegurar o desenvolvimento”. Para o autor, o desenvolvimento, além de ser um mito global das sociedades industrializadas, que afirmam a redução das desigualdades extremas, é uma concepção reducionista, em que o poder econômico é protagonista de todos os desenvolvimentos sociais, psíquicos e morais. Leff (2006, p. 15) nos lembra que;

A problemática ambiental emerge como uma crise de civilização: da cultura ocidental; da racionalidade da modernidade; da economia do mundo globalizado. Não é uma catástrofe ecológica nem um simples desequilíbrio da economia. É a própria desarticulação do mundo ao qual conduz a coisificação do ser e a superexploração da natureza.

Essa concepção tecno-econômica ignora os problemas humanos da identidade, da comunidade, da solidariedade, da cultura. A partir disso, a noção de subdesenvolvimento acaba sendo, nas palavras do autor, um produto pobre e abstrato da noção pobre e abstrata de desenvolvimento. A crença neste desenvolvimento esconde disparidades extraordinárias, porque está envolta na confiança do progresso, então, justifica as mais duras formas de governo e polariza as diferenças Norte e Sul, da mesma forma como se cegou às riquezas das sociedades arcaicas e tradicionais, vistas apenas por meio das lentes da economia e do progresso.

Este mesmo desenvolvimento que nos trouxe a noção do individual, da intimidade, da comunicação, nos traz também a atomização dos indivíduos, que perdem as solidariedades antigas sem adquirir novas, a não ser anônimas e administrativas. O que se apresenta através da noção de progresso é também uma ideia de DES-envolvimento, em que o prefixo indica que esse mesmo progresso não está

pensado para “envolver” a todos; ao contrário, a intenção obscura esconde as intencionalidades de uma sociedade orientada pelo lucro predatório e pela exclusão dos interesses das maiorias que habitam o planeta, nas diferentes formas de vida.

Para a Conferência de Estocolmo, de modo geral, o desenvolvimento sustentável é a forma de desenvolvimento que se pratica conservando e usando de forma sustentável, por tempo indeterminado, os componentes da biodiversidade por ele utilizado. Desenvolvimento sustentável é aquele que satisfaz as necessidades do presente, sem comprometer a possibilidade de as gerações futuras satisfazerem as suas¹³.

Embora as crescentes críticas ao uso do termo ‘desenvolvimento’, juntamente com o termo sustentável, pelo que nos referimos acima, o uso da expressão sustentabilidade, no entendimento desse trabalho, não modifica o conceito, nem o difere em seus objetivos. Assim também consideramos outros, como Desenvolvimento Sustentado, que não rompem com a lógica do DES- desenvolvimento econômico.

O conceito de desenvolvimento sustentável surge no contexto do enfrentamento da crise ambiental, configurada na degradação sistemática de recursos naturais e nos impactos negativos desta degradação sobre a saúde humana. Duas correntes interpretativas se sobressaem neste processo. Uma primeira – econômica e técnico-científica - que propõe a articulação do crescimento econômico e a preservação ambiental, influenciando mudanças nas abordagens do desenvolvimento econômico, notadamente a partir dos anos 1970. A segunda, relacionada com a crítica ambientalista ao modo de vida contemporâneo, que se difunde a partir da Conferência de Estocolmo de 1972, momento em que a questão ambiental ganha visibilidade pública e põe o tema do meio ambiente na agenda internacional.

Para Leff (2001), se a racionalidade econômica e instrumental reduziu a apropriação da natureza a um caráter homogêneo ou o capitalismo que penetrou nos interstícios do cotidiano e da subjetividade, tornando o mundo marcado por um processo homogêneo e unidimensional, a sustentabilidade deve constituir-se numa mobilidade para a construção de uma nova racionalidade social e produtiva, a racionalidade ambiental.

A racionalidade pressupõe heterogeneidade e complexidade, incorporando, dessa forma, princípios e valores que não se reduzem a uma lógica de mercado, nem a

¹³ crbio07.gov.br

uma racionalidade científica que sirva de instrumento de dominação da natureza. Essa nova racionalidade assenta-se na desconstrução da racionalidade capitalista (instrumental), passando pelo confronto de interesses opostos e pela conciliação de objetivos comuns de diversos atores sociais.

A racionalidade ambiental, proposta por Leff (2001), precisa ser construída mediante a articulação de quatro esferas: racionalidade substantiva: um sistema que define valores e objetivos que orientam a ação social; racionalidade teórica que articula os valores da racionalidade substantiva com os valores ecológicos, tecnológicos, culturais, dentre outros que constituem condições materiais, motivação na construção da racionalidade social e produtiva; racionalidade instrumental que cria vínculos entre os objetivos sociais e as bases materiais do desenvolvimento sustentável; e racionalidade cultural que produz a identidade de cada cultura, onde as práticas sociais e produtivas estão em coerência com os recursos naturais.

Todas estas formas de percepção devem ser adotadas dentro de uma ética ambiental de vida. No ecoturismo e na agricultura dos moradores devem surgir esta perspectiva de dialogação e comunhão com a natureza. A caça predatória e o desmatamento são graves fontes de degradação ambiental, somadas aos incêndios, essas práticas devem ser combatidas na valorização de uma economia solidária e sustentável que respeite o valor intrínseco da natureza.

1.3 O Parque Nacional do Viruá, os moradores e a educação ambiental.

O potencial turístico que faz parte do plano de manejo dessa Unidade de Conservação - UC, consiste num trabalho bem direcionado voltado para o desenvolvimento sustentável de atividades turísticas integradas ao bioma amazônico. As visitas constantes de pesquisadores são indutoras de alternativas de renda, bem como seu próprio interesse em conhecer a biodiversidade local, proporcionando diálogos com a realização de atividades por turistas ao prospectarem seus passeios pelo Parque Nacional do Viruá, sob novas formas de interação com a natureza.

O turismo de base comunitária é um mecanismo gerador de emprego e renda. Abre possibilidades de mais caminhos para a inclusão dos moradores do entorno, muitos deles com propriedade próxima e outra já nos limites territoriais, instituindo

maneiras sustentáveis de proteção e conservação do bioma, sendo também fonte de recursos para manter esse local preservando e protegido.

As inúmeras práticas esportivas associadas ao turismo são capazes de promover de forma justa e rentável circuitos turísticos, com enorme abrangência para a valorização das atividades florestais, mantendo a presença humana no entorno envolvida com o fluxo turístico e exercendo enorme influência nas tomadas de decisão para a implantação comercial do turismo.

A eficácia de práticas não predatórias estabelece caminhos para novos horizontes de relações do trabalho, permitindo novas perspectivas para os moradores de todo o Município de Caracaraí, que além de brigadistas, tem mais alternativas de desenvolverem-se em atividades comerciais para o atendimento da clientela existentes e demanda por agência e operadoras de viagens e turismo, como alternativa eficaz para a manutenção da floresta em pé.

Em todos os espaços do Parque Nacional do Viruá, há perspectivas para o desenvolvimento de produtos turístico, tais como: o ciclo do turismo e a observação de pássaros; as trilhas ecológicas já instaladas; os cenários cênicos de exuberante beleza no lugar; o passeio de visitante do parque desfrutando dessa experiência cicloturística e ecológica.

A Unidade de Conservação - UC é uma das poucas na Amazônia que possui acesso por estrada, e em parte significativa asfaltada, isso facilita muito o desenvolvimento de formas interativas para promover a visitação pública, até a bifurcação com a estrada perdida. A rodovia federal asfaltada BR-174 viabiliza a rapidez ao local encurtando o possível desgaste com percursos terrestres, sendo atrativo para o implemento de agência e operadoras de viagens turísticas.

Sua localização pode se constituir num perigo para a fauna e flora do Parque Nacional do Viruá. As aves de arribação sobrevoam grande parte do parque em processo de migração, sobretudo nos períodos de reprodução. Ou seja, é preciso que ocorra fiscalização para que agentes do capital não promovam matança de pássaros. Isso porque há uma proximidade com a capital do Estado de Roraima, Boa Vista, que está a cerca de 190 km de Caracaraí e aproximadamente 600 km de Manaus, rota que se intensifica em oferta de opções para o desenvolvimento do turismo sustentável e de reconhecimento ao patrimônio natural.

O perímetro da estrada encontra-se em boas condições de trafegabilidade. A vila distrito mais próxima, considerada no entorno do Parque Nacional do Viruá é a

Vila Distrito Petrolina do Norte, que os turistas param para conhecê-la e depois estabelecer relação com as atividades de manejo do Parque Nacional do Viruá. Há, no Plano de Manejo do Parque Nacional do Viruá a perspectiva de desenvolvimento sustentável da região, sempre lembrando os poderes públicos sobre este importante papel do Estado brasileiro. De acordo com o Instituto Chico Mendes de Biodiversidade,

A consolidação do Parque e sua abertura ao uso público são aguardadas com grande expectativa pelas comunidades e governos locais, por reconhecerem a UC como uma importante base para o desenvolvimento sustentável da região. A preservação deste patrimônio de altíssimo valor social e ambiental em Roraima deve ser considerada uma prioridade pelas instituições governamentais responsáveis pela gestão territorial e desenvolvimento social (ICMBio/MMA, 2010, p. 7).

A presença de pessoas e comunidades no entorno do parque é vista como parte do Plano de Ampliação e Manejo do PNV. Este plano implantado em 2010 incorpora ações indutoras de novas práticas justas, rentáveis e viáveis para a economia local, proporcionando por meio da visita de alunos de escolas, de universidades de inúmeros pesquisadores, novos olhares sobre a potencialidade do lugar. A fotografia é uma das vias que potencializam este olhar para o lugar. De acordo com Jacumirim (47 anos), Funcionária do ICMBio, “os olhares da fotografia são traduções trazidos com os registros fotográficos para realçar a importância do parque” (Entrevista, 2022).

Toda mobilização e estímulo ao desenvolvimento de alternativas viáveis ao incremento de geração de renda, também se aglutinam à apropriação de conhecimentos e saberes que são incorporados pelo maior número de estudantes sobre o bioma. Isto contribui para formar consciências sociais envolvendo seus atores sociais, moradores do lugar, os quais passam a ter participação direta nos processos socioeducativos. O processo social e formativo das comunidades tradicionais avoluma-se em direção às práticas sustentáveis, previstas em todo o conjunto elementar para a manutenção da floresta em pé e todos os seus constituintes dos espaços verdes.

O Parque Nacional do Viruá é vetor de novas práticas de trabalho com uso de medidas equilibradas permita o povo do entorno coexistir de maneira harmoniosa, sendo também fonte e laboratório de pesquisa, como se observa nas atividades educacionais transversais orientadas para a formação de seus locais. Vejamos:

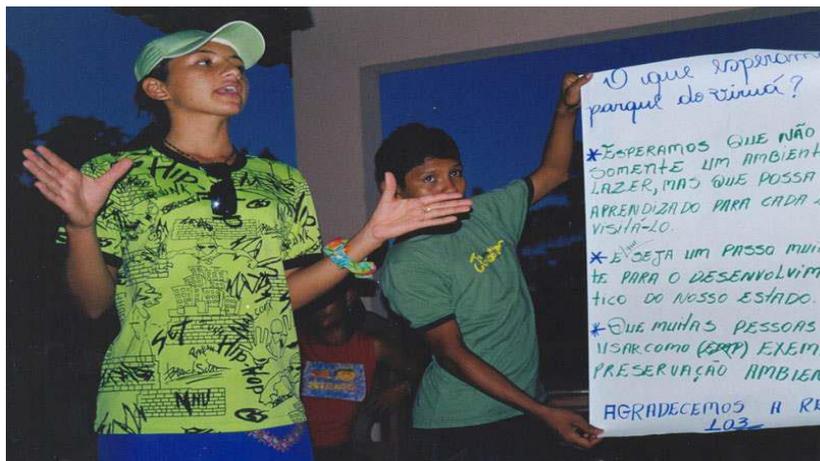


Figura 1: Atividades estudantis estimulam o reconhecimento do patrimônio natural e biodiversidade.

Fonte: ICMBio/MMA, 2010.

Essa figura mostra uma palestra sendo ministrada por um agente que realiza atividades socioeducativas para os moradores do entorno. Trata-se de interatividades sociais estabelecidas entre o povo do entorno com agentes turísticos provenientes do implemento de uma política pública de manutenção do patrimônio natural, tendo como seus protagonistas a própria comunidade.

A promoção de ação participativa pode ser constatada por meio do relatório do Plano de Ampliação (2010), revelando já em 2006, o considerável número da presença de 900 pessoas visitantes e ou desenvolvendo turismo científico do Parque Nacional do Viruá. Este é, pois, uma mostra do trabalho social que é realizado dentro do parque, constatando-se sobretudo o potencial formativo da população por meio das práticas de pesquisas realizadas na Unidade de Conservação - UC. Na figura seguinte verificamos a participação popular durante seu processo de formação, a saber:



Figura 2: Diagnóstico Participativo da unidade com pescadores artesanais e reuniões do Acordo de Pesca.

Fonte: ICMBio/MMA, 2010.

O debate e discussões no Parque Nacional do Viruá são fomentados junto à comunidade pelos agentes do ICMBio, a fim de que eles possam integrar ações que viabilizem a estruturação de mecanismos indutores do crescimento sustentável do PNV, gerando alternativas justas e viáveis sem comprometer o bioma existente em toda a sua dimensão.

Entre as possibilidades de desenvolvimento de práticas comerciais, o turismo se destacou por meio de um dos segmentos de maior alcance da sustentabilidade, o ecoturismo, exercendo interesse aos moradores do entorno. Esses moradores buscam identificar os benefícios que o turismo proporciona a eles como atividade econômica necessária para o desenvolvimento de práticas sustentáveis em consonância aos cuidados com o ecossistema do Parque Nacional do Viruá. Conforme Souza e Alves (2010, p. 2), “o ecoturismo surge como uma alternativa ao turismo de massa, incorporando em sua concepção os princípios do turismo alternativo, buscando assim, no ambiente natural sua adequação aos princípios de inserção social e de mínimos impactos”. Isso evita problemas ambientais e ações humanas nocivas ao meio ambiente, estes que são desafios a serem combatidos nas zonas de conservação.

Toda essa estruturação contribui às comunidades do entorno, no que diz respeito a viabilização da própria sobrevivência, pois passam a dispor de mecanismo reconhecidamente efetivo de geração de renda em consonância com os preceitos socioambientais. O entendimento dessa concepção de fonte econômica se estrutura fortemente durante as décadas de 1960 e 1970, e passam a ser prerrogativa no combate ao avanço predatório da natureza. De acordo com Souza e Alves (2010, p. 2), “o surgimento dessa atividade aconteceu entre 1960 e 1970, quando os grandes temas ambientais, já estudados [...], começaram a pôr em prática uma maneira de sensibilizar e mobilizar organizações de defesa e proteção do meio ambiente nos países desenvolvidos”.

Torna-se pertinente viabilizar meios para a própria manutenção desses moradores, pois, em muitas localidades próximas ou dentro do Parque Nacional do Viruá, há carências materiais que põem os moradores em condições de vulnerabilidade social. Em entrevista com a moradora do parque e funcionária do ICMBio – Jacumirim, obtivemos as seguintes informações que:

Tem Pescador que acha ruim porque não pode mais pescar. Existe essa visão. E tem aqueles que falam da comunidade preservada, que a comunidade do entorno. Mas tem os pescadores. Eles pescavam antes dentro da saída do parque, e agora não pode mais pescar. Isso é uma reclamação antiga deles. Mas tem também aqueles que gostam do ambiente preservado. Quando a gente leva pessoas da comunidade, tipo do Vista Alegre, elas trabalham na unidade de conservação, mas logo eles os cortam. A gente vê que com o tempo eles ficam vendo esse gosto de ver o local preservado, de ver os animais protegidos. (Entrevista, 2019).

Na narrativa da funcionária, podemos perceber que a criação do parque e sua política de conservação interferiu diretamente na vida dos moradores e moradoras das comunidades adjacentes, tanto de forma positiva como negativa. “Em muitos casos, os residentes de um determinado local são, ao mesmo tempo, causadores e vítimas de parte dos problemas ambientais” (MARCATTO, 2002, p. 12).

Ao mesmo tempo, convivem diariamente com estes problemas e são, provavelmente, os maiores interessados em resolvê-los. Isso se faz bastante visível, já que há muito tempo não se tem uma política pública que traga um real incentivo desde a criação do parque. Sobre estas políticas públicas, Jacumirim releva o seguinte:

Em minha percepção, em governos anteriores havia o desenvolvimento de projetos visando a recepção de visitantes como construção de estruturas de descanso nas trilhas, passarelas de madeira nas trilhas, etc. Atualmente não tenho notícia de projetos dessa natureza. (Entrevista, 2019).

A falta de incentivos, os cortes orçamentários para o meio ambiente e uma política de exploração massiva dos recursos naturais tem esvaziado políticas e formas de renda sustentáveis. Quando o Parque Nacional do Viruá surgiu, iniciou-se a maneira mais apropriada de interação com o lugar, tornando possível a manutenção da floresta, mediante uma nova lógica comercial, incorporando elementos promissores, mas estes avanços vêm se retardando ao longo dos anos.

Dentre as principais ferramentas que podem trazer transformações, temos: a educação ambiental, o implemento do turismo científico por meio do segmento do ecoturismo, além de envolver a própria comunidade do entorno nas tomadas de decisão quanto o implemento de atividades sustentáveis. Prova da participação comunitária se observa com a imersão de estudantes locais em atividades educacionais, formando novos agentes protetores da floresta, como protagonistas no movimento de viável avanço de uma nova política ambiental. Na figura seguinte mostramos a participação

de estudantes locais nas atividades socioeducativas do Instituto Chico Mendes de Biodiversidade. Vejamos:



Figura 3: A realização de atividades educativas para os filhos de integrantes das comunidades tradicionais.
Fonte: ICMBio/MMA, 2010.

As atividades de formação como mostra a figura 3 são direcionadas aos jovens que são preparados e conscientizados em educação ambiental¹⁴. Eles são as novas gerações que vão “cuidar” do futuro do Parque Nacional do Viruá. É de extrema importância a educação ambiental no prisma da valorização da riqueza biológica destes ecossistemas, permitindo criar alternativas sustentáveis de geração de renda com o ecoturismo¹⁵.

Para Morin (2000, p. 100), isto é o bem pensar “que permite apreender em conjunto o texto e o contexto, o ser e seu meio ambiente, o local e o global, o multidimensional, em suma, o complexo, isto é, as condições do comportamento humano”. Permite-nos compreender igualmente as condições objetivas e subjetivas que engendram as relações dos moradores com o Parque Nacional do Viruá.

As espécies constituintes do Parque Nacional do Viruá, comprovam a sua importância para a cartografia socioambiental do planeta, pois o Pantanal Setentrional é berço de inúmeras espécies. Essas espécies têm como viveiro as dimensões

¹⁴ Conforme a Lei 9.795 / 1999, que dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências, a Educação Ambiental compreende os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade.

¹⁵ O ecoturismo surgiu como uma alternativa de aproveitamento econômico dos ambientes naturais, sem agressão à biodiversidade. Deve haver um prévio planejamento para explorar o potencial turístico, mesmo neste momento em que o mundo passa pela maior crise sanitária século XXI, as visitas mesmo reduzidas ao Parque Nacional do Viruá, geram renda, ao mesmo tempo em que conscientiza da importância desse ecossistema para o mundo.

territoriais, responsáveis pela renovação de ciclo migratórios, compondo o maior conjunto da avifauna mundial, orientando as transformações climáticas e aspectos dessa dimensão de alterações por meio do sobrevoo de inúmeras espécies do próprio lugar.

A oferta de alimentos é atrativa a todas essas espécies de faunística que tem os peixes do lugar como alternativa alimentar, garantindo a sobrevivência das famílias. Na seguinte figura, temos o debate comunitário sobre as práticas da pesca, pois os impactos provenientes de ações predatórias podem silenciar a vida da avifauna oriunda de diversos lugares do planeta. Este é o bioma mais exclusivo que atrai esse tipo de ave e, assim, nos permite compreender as sonoras revoadas proporcionadas pelos seus sons em mensagens a serem desvendadas.



Figura 4: O diálogo permanente com a comunidade do entorno para a preservação do PNV, bem como a oferta de cursos para agricultores em parceria com Embrapa.
Fonte: ICMBio/MMA, 2010.

Essas atividades socioeducativas contribuem para a conscientização dos moradores, no que diz respeito ao uso adequado e sustentável da pesca. Os esforços dos agentes do Instituto Chico Mendes de Biodiversidade – ICMBio, na viabilização permanente de palestras são também formas de chamar atenção do Estado a formulação de política públicas destinada a manutenção do ecossistema, cujo valor é incomensurável. É preciso, enfim, fomentar o debate em torno da organização da espacialidade como fonte de renda justa, viável e sustentável, para todos os seus atores sociais em total sinergia com política do parque.

Os rigores desse compromisso perpassam por uma árdua jornada criativa, assim como o fortalecimento em rede de operações sustentáveis, com práticas

comerciais mantidas sobre o prisma da sobrevivência da própria comunidade tradicional e sua relação com a natureza. É preciso construir, desde o processo educacional ambiental, uma afetividade com o Parque Nacional do Viruá evidenciando uma autopoiese da vida numa dinâmica de conservação. (MATURANA; VARELA, 2001).

O território amazônico é repleto de distintas áreas com potencial de recursos naturais, mas também são frágeis diante dos impactos promovidos pelos povos tradicionais que constituem os espaços de interação homem/mulher - natureza. Com vista a essa nova forma de pensar a economia global, e sua incorporação ao local, diversas políticas públicas são implementadas para melhorar a qualidade de vida, mas que em sua culminância não atingem os resultados almejados. Tem-se no Glossário de Ecologia, da ACIESP (1987, p. 31), a análise estrutura sobre a compreensão dos ecossistemas, nos seguintes termos:

Aplicação de programas de utilização dos ecossistemas, naturais ou artificiais, baseada em teorias ecológicas sólidas, de modo que mantenha, da melhor forma possível as comunidades vegetais e/ou animais como fontes úteis de produtos biológicos para o homem, e também como fontes de conhecimento científico e de lazer. A orientação de tais programas deve garantir que os valores intrínsecos das áreas naturais não fiquem alterados, para o desfrute das gerações futuras. O manejo correto exige primeiro o conhecimento profundo do ecossistema para o qual ele é aplicado. O manejo é dito de flora, de fauna, ou de solo quando a ênfase é dada aos recursos vegetais, animais ou o solo. Quando todos os componentes do sistema têm a mesma importância, diz tratar-se de manejo ambiental.

O Parque Nacional do Viruá como área protegida constitui-se no reduto de espécimes ameaçadas, são pelo menos 45 espécimes de aves que correm o risco de desaparecerem completamente da natureza. Torna-se extremamente importante o trabalho educativo nessa área de conservação no sentido de conscientizar as pessoas no trato com a natureza. Torna-se necessário conservar sua cobertura verde e sua hidrografia, o bioma é a primeira forma de proteção dessa fauna, esses dois elementos caminham juntos.

A estrutura que são disponibilizadas aos estudos científicos no Parque Nacional do Viruá fornece às equipes de pesquisadores e visitantes, o uso adequado de turismo nesse ecossistema. Na figura seguinte mostramos a estrutura disponibilizada aos estudiosos, estudantes, visitantes e turistas.



Figura 5: Infraestrutura disponibilizada aos grupos de pesquisadores, visitantes e turistas do PNV.
Fonte: Acervo do Autor/ 2021.

A educação ambiental é uma ferramenta necessária nesse processo de conservação ambiental, mas, a presença de políticas estruturantes de ordenamento e contenção da exploração capitalista no parque é condição *sine quanon*. No Parque Nacional do Viruá, há concentração significativa de aves que necessita de monitoramento constante para a manutenção do equilíbrio ecológico e, sobretudo para a qualidade de vida da humanidade. Traduz-se como um observatório de aves e pássaros: esta é, pois, uma ação que entrelaça natureza/cultura, homem e mulher/natureza, numa relação de interdependência. Elias (1994, p. 21), chama a atenção para o fato que,

Cada pessoa singular está realmente presa; está por viver em permanente dependência funcional de outras; ela é um elo nas cadeias que ligam outras pessoas, assim como todas as demais, direta ou indiretamente, são elos nas cadeias que as prendem. Essas cadeias não são visíveis e tangíveis, como grilhões de ferro. São mais elásticas,

mais variáveis, mais mutáveis, porém não menos reais, e decerto não menos fortes. E é a essa rede de funções que as pessoas desempenham umas em relação a outras, a ela e a nada mais, que chamamos sociedade.

É preciso que ocorra, por assim dizer, uma sinergia cooperativa, capaz de promover a interação necessária para que os sujeitos inseridos nesse contexto, possam manter-se continuamente interligados ao processo de estruturação e ordenamento do espaço. De acordo com Val (1991, p. 47),

A ocupação da Amazônia sempre foi pautada em modelos desenvolvimentistas, ignorando-se os voltados para a preservação ou pela combinação de ambos. Apenas na década de 80 é que se intensificaram os movimentos preservacionistas na região, mas os resultados negativos causados pela ocupação desenvolvimentista persistem e tendem a agravar a situação em diversas partes da Amazônia. [...] Torna-se imprescindível desenvolver modelos de ocupação racional da região para que haja condições de autossustentação da população e preservação desta flora e fauna tão diversificada. Qualquer modelo sério visando uma ocupação racional da Amazônia precisa levar em conta pelo menos, os seguintes tópicos: meios de preservação da flora e fauna regional; colonização planejada e bem distribuída a autossustentação e uso adequado da terra.

Note-se que a autora chama a atenção para a necessidade de se desenvolver modelos racionais para o desenvolvimento de práticas sustentáveis, como mecanismo vetorial de conservação dos ecossistemas amazônicos. Esse é o sentido das interdependências funcionais, pois requer o envolvimento de todos os agentes nesse processo de cooperação e conservação do espaço natural, em favor do bem comum.

Todos devem ter responsabilidade para com a defesa da Amazônia, de sua fauna e flora, seus ecossistemas, terras e rios, além de exigir o compromisso dos órgãos de fiscalização e conservação desse ambiente tão complexo. A natureza não está isolada, como também o ser humano não deve se manter inerte frente à depredação do ecossistema.

CAPÍTULO II – A FAUNÍSTICA DOS PÁSSAROS E OS PASSEIOS TURÍSTICOS NO PARQUE NACIONAL DO VIRUÁ

Os cantos dos espíritos se sucedem um após outro, sem trégua. [...] Entre esses espíritos pássaros, os dois sabiás yōrixima são de fato os sogros dos cantos, seus verdadeiros donos. Esses xapari são a imagem dos pássaros cujo canto melodioso ouvimos pela manhã e à noite na floresta. Assim é. Cada xapari possui seus próprios cantos [...].

(Davi Kopenawa e Bruce Albert)

2.1 A revoada dos pássaros e sua simbologia

O Parque Nacional do Viruá está inscrito sob a jurisdição do decreto de criação, do dia 29 de abril de 1998. Suas referenciais geográficas dos limites constam georreferenciados a oeste o rio Branco, a nordeste o traçado da BR-174, a leste o traçado da Estrada Perdida, ao sul o rio Anauá que integra o bioma da Amazônia e corresponde a uma faixa de transição natural. Caracteriza-se existência de mosaicos constituídos por Campinaranas, Florestas Ombrófilas Densas, Abertas e Formações pioneiras. Estamos diante de uma porção da floresta amazônica que abriga e faz guarda de uma rica e expressiva diversidade faunística e agroflorestal.

Há uma fauna e flora que carece de implemento e aprimoramento das práticas sustentáveis para a melhor disposição do ambiente natural, vetor para o desenvolvimento de base comunitária e integrada às pesquisas científicas. Como se vê, o Parque Nacional do Viruá caracteriza-se pela excelente atração turística. A revoada dos pássaros por si só é um grande atrativo turístico, posto que a sua sonoridade e seu balé multicolor atraem os olhares de turistas que se veem em êxtase frente ao belo.

A revoada dos pássaros compõe uma jornada diária de migração de várias espécies que vem para se alimentar no parque. A migração dessas espécies se intensifica quando se aproxima o período de acasalamento e reprodução. Toda essa biodiversidade faunística contribui para o desenvolvimento sustentável e rentável, sem impactos negativos e predatórios aos sistemas ecológicos, pois está sob o controle e vigilância tanto dos comunitários treinados, bem como dos órgãos de fiscalização e policiamento ambiental. De acordo com Rivas (2014, p. 39),

Os serviços ecológicos são fornecidos tanto para os ecossistemas quanto para os sistemas sociais. A importância do provimento direto destes serviços aos sistemas sociais é muito evidente. As pessoas necessitam de ar limpo, água limpa, proteção contra inundações, solo fértil e outros serviços ecológicos para o suporte das funções biológicas básicas. Além disso, tais serviços ecológicos contribuem para a qualidade de vida individual de muitas outras maneiras: criam benefícios de recreação e estéticos importantes. (RIVAS, 2014, p.39)

A revoada dos pássaros dentro do ecossistema Parque Nacional do Viruá deve ser vista como uma ferramenta imprescindível para as atividades de recreação, mediante a prática do turismo ecológico, científico, de aventura, que remetem para o estabelecimento de novas relações entre o homem/mulher com a vida animal, em sintonia com a natureza. Conforme Matos (2015) o lazer, diferentemente do trabalho, provoca maior sensibilização para com o ambiente. No momento de lazer as pessoas querem apreciar a natureza, sua excentricidade, e não a floresta derrubada e queimada.

Nas acepções do Bem Viver, o cuidado é uma questão centralizadora por abarcar atitudes de amor e respeito, pois é preciso cuidar do lugar onde se faz parte. O planeta Terra é a casa comum de todos os seres vivos e estamos dentro dos ecossistemas vivos. Os territórios são uma realidade pulsante com grande fonte de experiência e significado envolvendo dimensões simbólicas, em tempo e espaço, que constroem pertencimento com o espaço do Parque Nacional do Viruá. As atividades desenvolvidas no parque devem ser compreendidas, também, como propulsoras de lazer, descontração e de visibilização do belo faunístico. Isto deve ampliar a participação e interação dos estudantes de escolas de todo o Estado de Roraima, pesquisadores, visitantes e turistas.

O Parque Nacional do Viruá engendra um conjunto significativo de expressão simbólica associada à revoada e ao canto dos pássaros. As atividades que levam os turistas para ver a revoada dos pássaros compõem uma rica criatividade artística dos povos tradicionais, que também realizam visitas guiadas para estudantes de nível fundamental e ensino médio de escolas do entorno. Isto contribui para ampliar a sua formação por meio de aulas de campo para alunos de graduação e pós-graduação dos mais distintos programas de pós-graduação. De acordo com Rivas (2014, p. 39),

Os serviços ecológicos são importantes para os processos econômicos de produção. Por exemplo, refrigerantes podem ser produzidos a um custo menor caso a empresa possua uma fonte de água tratada. A produção de micro chips, a qual requer um ambiente de produção “super-limpo” é menos dispendiosa numa área ainda puro do que numa área com o ambiente repleto de partículas e outros tipos de poluições atmosféricas. Os sistemas ecológicos também contribuem

indiretamente para os sistemas sociais, porque níveis elevados de serviços ecológicos proporcionam saúde para outros ecossistemas para os quais os serviços ecológicos são exportados. Como por exemplo, uma área costeira alagada fornece habitat para espécies jovens de peixes que passarão a vida adulta nos oceanos. Sem os sistemas alagados para dar suporte e proteger o desenvolvimento destes peixes jovens, os oceanos seriam menos produtivos.

No Pantanal Roraimense, as aves migratórias embelezam as paisagens cênicas naturais e servem ao campo científico para estudos. Com o intuito de sensibilizar as pessoas que visitam o parque e fazem caminhadas ecológicas, os agentes turísticos oferecem serviços de observação de aves de espécies diferentes, reunidas em um bioma único de faixa de transição na Amazônia. Na programação da caminhada, o visitante ou pesquisador, são contemplados com a observação da vida silvestre, assim como a prática do ciclismo, banho, caminhada na trilha e outras atividades de lazer. Para todas as atividades, existe o manejo que busca intensificar a interação e integração entre serviços ofertados e a rica biodiversidade envolvida no processo. Conforme Gavião-real (58 anos):

O Parna não oferta trabalhos, é um posto de pesquisa, e recebe alguns turistas observadores de aves e outros que querem estar próximos à natureza. Não são cobrados valores por isso, e para ficar hospedado é necessário fazer o pedido para o ICMbio, dos dias antes da visitação. Existe um espaço para camping e também trilhas que são visitadas com acompanhamento de um condutor local (pago) e pode-se também escalar uma serra que tem um mirante para se observar parte da floresta amazônica de Roraima. (Entrevista, 2022).

Para esse intento deve-se equilibrar todo o conjunto de ações estruturantes pensadas para a incorporação de políticas públicas capazes de promover o desenvolvimento e manejo em bases seguras. A vida faunística assim como a vida humana supõe amparo dos poderes públicos por meio de políticas públicas. A estruturação baseada em aplicações de estudos que seguem as Matrizes do Roteiro Metodológico de Planejamento para Parques Nacionais, Reservas Biológicas e Estações Ecológicas – versão 2011, são densas de reflexões e implementos de ações de base comunitária integrada para o desenvolvimento da ciência e da geração de fonte de renda sustentável.

Consequentemente, os moradores estão mudando seu comportamento através de novos conhecimentos adquiridos a partir da prática da sustentabilidade dos recursos naturais. Essas mudanças não foram incorporadas apenas pelo conhecimento, mas

também pela mudança de visão, dos acontecimentos sobre as discussões referentes às questões ambientais e à necessidade da conservação para futuras gerações (LEEF, 2001).

Cultimar (2008), ressalta que o manejo dos recursos naturais pelas comunidades tradicionais está relacionado a mitos, valores e a conhecimentos, podendo ser considerados como elementos culturais. Neste sentido, as comunidades tradicionais mantém uma relação muito estreita com a natureza. Diegues (2008), afirma, que a convivência harmoniosa com os elementos naturais por parte dessas comunidades é uma maneira de conservação das espécies biológicas.

Observe-se que há um enorme potencial de desenvolvimento de atividades econômicas sustentáveis, tendo por base a fauna, em especial no que diz respeito à revoada dos pássaros que além de contribuir com a sementeira do ecossistema, ainda causa êxtase aos turistas. A revoada dos pássaros é um contraponto às práticas predatórias assim como à exploração do trabalho análogo ao trabalho escravo, realizado por madeireiros e grandes latifundiários, que exploram a terra por meio da monocultura e uso de agrotóxicos. Rachel Carson ilustra as consequências destas práticas predatórias em *Primavera Silenciosa* (2010), ao apresentar uma cidade americana, onde todas as formas de vida viviam em plena harmonia com a natureza em fazendas prósperas e com muitas árvores e pássaros cantantes, mas inusitadamente o lugar sofre uma destruição catastrófica. Vejamos:

Depois, uma doença estranha nas plantas se espalhou pela área toda, e tudo começou a mudar. Algum mal olhado fora atirado naquela comunidade. [...] Os pássaros, por exemplo – para onde é que tinham ido? Muita gente fala deles, confusa e inquieta. Os pastos de alimentação, nos quintais, estavam desertos. Os poucos pássaros que por qualquer lado se vissem estavam moribundos, tremiam violentamente, e não podiam voar. Aquela era uma primavera sem vozes. (CARSON, 2010, p. 12)

Esta autora, através da literatura, faz uma crítica metafórica ao uso de agrotóxicos, bem como as práticas mecanicistas destrutivas da natureza. A percepção humana, neste caso, se baseia nos interesses humanos acima da natureza numa lógica desenvolvimentista que silencia os ambientes naturais através da degradação da natureza. Morin (2002), aborda esta lógica de desenvolvimento dizendo que o desenvolvimento deve assegurar o progresso, o qual deve assegurar o desenvolvimento. Para o autor, o desenvolvimento, além de ser um mito global das sociedades industrializadas, que afirmam a redução das desigualdades extremas, é uma

concepção reducionista, em que o poder econômico é protagonista de todos os desenvolvimentos sociais, psíquicos e morais.

Essa concepção tecno-econômica ignora os problemas humanos da identidade, da comunidade, da solidariedade, da cultura. A noção de subdesenvolvimento acaba sendo, nas palavras do autor, um produto pobre e abstrato da noção rasa de desenvolvimento. A crença neste desenvolvimento cega a humanidade ao mal que causam no meio ambiente.

A revoada dos pássaros é um bem simbólico, como afirma Bourdieu (2011, p. 57), ao dizer que dos signos “derivam seu valor da estrutura do sistema simbólico e, por esta razão, estão predispostos por uma espécie de harmonia preestabelecida que são os seus bens simbólicos”. Conforme Durand (2002, p. 39), “é uma florescência simbólica motivada pelo princípio do prazer”. É preciso, pois, dar visibilidade aos bens simbólicos da Amazônia pela via da produção de conhecimento como forma de inserção da Amazônia na humanidade. Trata-se de uma razão sensível, como alude Maffesoli (1998), que estabelece uma relação de alteridade e reciprocidade com o outro que, neste caso, com a natureza.

Os sons da natureza são umas das captações primeiras que o ser humano percebe em sua consciência. Como em ressonâncias, evocam lembranças, memórias e despertam carinho e afetividade com o lugar. Neste sentido, “consciente ou inconscientemente, a escuta constitui frequentemente nossa primeira forma de contato e modo de compreensão do entorno” (ATIENZA, 2008, p. 3-4), permitindo apreender temporal e espacialmente o meio ambiente através de simbologias no contato com a natureza.

Os símbolos ultrapassam de forma sutil a própria imagem em si. Há uma linha que leva o imagético e o simbólico a serem amparados pelo imaginário, amplamente explorada por psicanalistas, filósofos, antropólogos, sociólogos e demais profissionais que tratam diretamente com o ser humano e sua subjetividade coletiva ou individual. “A ideia como representação mental de uma coisa concreta ou abstrata é considerada como o elemento consciente do universo simbólico” (LAPLANTINE; TRINDADE, 2000, p. 5).

Esta criação dos símbolos é possível devido ao fundamento psíquico da imaginação, que é justamente ir além do que de forma primária algo se apresenta a nós como percepção e até mesmo concepção. Caímos, então, num termo geral desta dualidade conceitual e umbilical entre a imagem, o som e o simbólico, de que todo

símbolo é uma imagem ou ideia lembrando sempre que nem toda ideação está sujeito necessariamente a uma simbolização.

O Ocidente sempre privilegiou a percepção visual, mas outras percepções do corpo também se incorporam à ideia de pertencimento com o lugar. O processo perceptivo humano se afeta diretamente pelo que está ao seu entorno. Os sons, em ressonâncias, contribuem diretamente na composição da representação das imagens e caracterizam a suavidade do simbólico. O corpo vivo explora as ressonâncias ambientais e sintetiza essas informações em processos imagéticos.

Conforme Le Breton (2007, p. 7), “a sociologia do corpo constitui um capítulo da sociologia especialmente dedicado à compreensão da corporeidade humana como fenômeno social e cultural, motivo simbólico, objeto de representações e imaginários.” Para este autor, moldado pelo seu contexto ambiental e cultural, o ator se insere, o corpo é o vetor semântico pelo qual a evidência da relação com o mundo é construída: atividades perceptivas, mas também expressão dos sentimentos, cerimoniais dos ritos de interação, conjunto de gestos e mímicas, produção da aparência, jogos sutis da sedução, técnicas do corpo, exercícios físicos, relação com a dor e o sofrimento.

Para Jacumirim, funcionária do ICMBio, “os povos tradicionais do entorno consideram a existência do parque vital para a sua própria sobrevivência.” Tal afirmação expressa as relações destes corpos com o ambiente e o lugar do Viruá, principalmente em suas sonoridades. De acordo com esta nossa entrevistada,

O sistema perceptivo que usamos para ouvir uma peça musical é o mesmo que é empregado para a relação com o entorno e que, mesmo no caso em que é limitado em suas ações pelo ritual da música ‘pura’, o corpo procura ‘sentidos’ e reage a estímulos com as ações que lhe são permitidas. (Entrevista, 2021).

Esta é, pois, uma escuta ecológica de composição imagética humana com a natureza. A revoada dos pássaros no Parque Nacional do Viruá como fenômeno natural é um murmúrio de imagens e sons que impacta diretamente as percepções humanas. As aves voam em bandos numa espécie de dança acrobática em perfeita sincronia. Em diferentes ângulos, voam e fazem piruetas variadas em uma rítmica natural.

O entorno ambiental do Parque Nacional do Viruá se compõe em paisagens acústicas, onde estas revoadas são parte comum do cenário natural. Os moradores, trabalhadores e pesquisadores que convivem neste lugar exercitam a cultura do ouvir, na medida em que se potencializa as vibrações do corpo diante de outros corpos,

ampliando o leque de sensorialidade, além da visão. “Ir além da racionalidade, que tudo quer ver, para participar de ambientes nos quais os corpos possam ser tocados pelas ondas de outros corpos” (MENEZES, 2012, p. 33).

Da mesma forma que o som implica em repercussão de imagens, podemos dizer que as relações entre os corpos se constituem e permanecem especialmente de forma sonora. De acordo Bachelard (1978, p. 183-184), “no inverso da causalidade, na *repercussão (retentissement)* [...], que acreditamos encontrar as verdadeiras medidas do ser de uma imagem poética.” Nessa repercussão, a imagem poética terá uma sonoridade do ser. Para determinar a composição de uma imagem como a revoada dos pássaros, é preciso senti-la em sua repercussão.

Esta repercussão e sua convivência com ela, constitui-se uma simbologia. De acordo com Jung (2002), os símbolos possuem uma carga de significado inconsciente – concernente à ordem pulsante dos desejos representativos das afeições e aversões ao meio e aos outros –, e que esta carga de significação está muito além de um contato imediato e primário com o que se está considerando na categoria simbólica.

As paisagens sonoras ganham destaque nas ambiências amazônicas, o que dá ao lugar uma aura simbólica que conecta o indivíduo do interior ao exterior. A subjetividade é entendida como o espaço íntimo do indivíduo (mundo interno) com o qual ele se relaciona com o mundo social (mundo externo), resultando tanto em marcas singulares na sua formação quanto na construção de crenças e valores compartilhados na dimensão cultural que vão constituir a experiência histórica e coletiva dos grupos e populações. Os pássaros e suas sonoridades dão um caráter suave e integram a afetividade das comunidades no cuidado com o Parque Nacional do Viruá.

A incorporação desse modelo promove significativa a interação humana com a natureza, garantindo seu manejo, bem como provendo a sua própria autogestão por meio da entrada de recursos financeiros gerados a partir do fluxo turístico, e do envolvimento da população tradicional vivente do ambiente do parque em substituições aos modelos danosos, como a pesca predatória, e não apenas de subsistência, a biopirataria proveniente de grandes grupos interessados na pesquisa científica no território brasileiro, sem obedecer às normas vigentes, como a utilização do bioma para possível garimpagem, por estar inserida em ambiente de riqueza mineral reconhecida internacionalmente, além do extrativismo irregular no ambiente natural do parque, como as matérias de maior interesse que são as madeiras genuínas do bioma, com forte força no mercado internacional desse produto.

Toda esta riqueza genética do ambiente do Parque Nacional do Viruá é vivenciada por quem o habita. É uma vivência com afetividade e sentimento de pertencimento a uma comunidade na cultura do pertencimento (MAFFESOLI, 2003). Os verdadeiros pontos de partida da imagem se dão nos “valores do espaço habitado do não-eu que protege o eu.” (BACHELARD, 1978, p. 200).

A imagem do homem e da mulher se abre sobre o mundo e uma imagem do mundo se abre como beleza para o humano. A revoada dos pássaros se constitui em imagens, sonoridades, vibrações e sensações que compõem a linguagem dos seres vivos. Elas se entrelaçam em emoção e linguagem que forma o tecido da cultura, o imaginário (MATURANA e VARELA, 2001).

Para Durand (1997), o imaginário é o conjunto das imagens e das relações entre imagens que constituem o capital pensado do *Homo Sapiens*. Para nós, imaginário é dinâmica: imaginar é processo cognitivo de selecionar, agrupar e pôr imagens em movimento (não necessariamente nessa ordem). É cinemática, dinamismo de potência, condição de possibilidade, pois cria, inspira, realiza. A dinâmica do imaginário no Parque Nacional do Viruá se dá na relação com as aves. Conforme Acurana (27 anos), essa dinâmica se expressa na importância das aves para os moradores. Vejamos:

A importância das aves pode ser percebida de várias maneiras, seja pela dispersão de espécies vegetais em grandes distâncias, seja pelo interesse público em visitar determinado local, seja pela presença das aves em canções e na literatura, seja pela sua simbologia nas culturas das diferentes sociedades ou pelas atividades econômicas baseadas na presença das aves. (Entrevista, 2021).

As relações das pessoas com os pássaros transvestem-se em artes, numa relação de natureza e cultura que compõe o imaginário ambiental amazônico. Fios muito tênues de definição sustentam a noção de imaginário que dança no mar do espírito feito água-viva que flutua. De tão escorregadia e inapreensível, a partir dela, a moderna ciência ocidental construiu o primeiro fosso. Foi a psicanálise, o estruturalismo, a arte e, atualmente, a física quântica, a bioquímica, a paleo-antropologia e a cibernética, que romperam trilhas e avançam no resgate da “louca da casa” de seu exílio esotérico. Como previa Lévi-Strauss (1985), o “divórcio” entre a ciência e os problemas que ela pôs de lado, a exemplo das imagens e dos símbolos, está prestes à superação pela incorporação das problemáticas que suscitam.

O biológico e o subjetivo formam este aspecto cultural criador da vida e se reproduz através do imaginário das comunidades tradicionais. A simbologia da

revoada dos pássaros se compõe nas relações entre natureza e cultura, entre o biológico e subjetivo no desvio da lógica cartesiana na compreensão complexa na natureza (MORIN, 2008).

As estruturações de estudos que promovam a história do lugar são fundamentais para o resgate da memória de todo o conjunto espacial no qual se inserem historicamente os indivíduos moradores da floresta amazônica nos mais variados contextos de produção. Esses indivíduos mostram que ocorreram avanços nos modelos tradicionais e no que diz respeito ao próprio reconhecimento de sua presença no parque como agentes defensores, protetores da floresta amazônica e da biodiversidade existente. Isto deve ser lido à luz da exigência de Bourdieu (2007, p. 651), segundo o qual, é necessário entrar na “vivência intensa da experiência, tomá-la como objeto de observação, aplicando a reflexividade”.

A revoada dos pássaros do Parque Nacional do Viruá evoca uma poética de maneira particular por meio da qual seus habitantes se inventam, dão significado às coisas, sua forma de sentir, de pensar, de compreender, de ler, de ver e de viver (TORRES, 2005). Em Bachelard (1974), a poética evoca imagens, lugares, canteiros, pomares, bosques, porão, rios, águas. Dito de outra forma, “nossa alma é uma morada. E quando nos lembramos das ‘casas’, dos ‘apostos’, aprendemos a ‘morar’ em nós mesmos [...]. Voltamos a imagem que, assim como nos ninhos e nos sonhos, exigem que nos façamos pequenos para vivê-las” (BACHELARD, 1974).

Nas vivências, os pássaros representam a inteligência, a sabedoria, a leveza, o divino, a alma, a liberdade e a amizade em valores que ressoam no espaço habitado. Esses saberes aprendidos com as comunidades na observação de seus territórios podem ser percebidos em diferentes dimensões. Como ciência, estes saberes emergem para superar o conhecimento fragmentário, compartimentalizado e simplificado, dando as bases para uma ciência que se encontra no “campo do pensar complexo, como aquele que é tecido junto” (MORIN, 1999, p. 32).

Quando se trata de Amazônia é preciso saber interpretar essas relações profundas e complexas no decifrar das práticas socioculturais de seu povo, por meio da criatividade dos povos locais, sua poiesis de vida. Torna-se premente percebê-los por meio da cartografia, na relação com o lugar, com a cenografia, com a espacialidade e com os seres não humanos que os rodeiam.

Essa perspectiva de construção e auscultação do Parque Nacional do Viruá como um mapa mental-disciplinar que tece sociabilidades, é fundamental como

exercício filosófico de tessitura do conhecimento. A paisagem da floresta, os moradores e suas peculiaridades, a dança dos pássaros num balé nostálgico em forma de revoada no horizonte, nos enriquece a alma, encalida o corpo em êxtase em todas as suas sensações. São estes momentos de eternidades que dão cena à Amazônia ontológica do Bem Viver.

A revoada dos pássaros e sua simbologia iluminam os coletivos fluidos das comunidades em espaços vivos e sonoros na comunhão entre natureza e cultura. Guattari (2001, p. 25) nos lembra que “mais do que nunca a natureza não pode ser separada da cultura e precisamos aprender a pensar ‘transversalmente’ as interações entre ecossistemas, mecosfera e Universos de referência sociais e individuais”. Para os povos tradicionais da Amazônia, a floresta em sua completude é o centro vital cósmico de sua existência e resistência. Para Torres, “a grande floresta, a terra e os rios representam o ponto de equilíbrio da própria vida do povo” (TORRES, 2005, p. 18).

A constituição de simbologias como a revoada dos pássaros, se tece no imaginário através da imaginação humana. O imaginário pode ser concebido como fonte de toda atividade produtiva humana, vez que esta, antes de se realizar concretamente, implica a criação como processo da subjetividade restrita do sujeito produtor. O imaginário, nesse contexto, é concebido tanto como a capacidade criadora do homem quanto como o campo de suas produções imaginárias.

Neste limiar entrelaçam-se as relações do homem e da mulher com a natureza no Parque Nacional do Viruá na simbologia da revoada dos pássaros. A nova lógica de relacionamento sociedade e natureza garante a interdependência entre esses elementos que é essencial para a perenidade do planeta. São afecções centradas em novas formas de ver o mundo, a vida humana e os ecossistemas. Uma nova percepção que precisa ser abraçada pelas ciências e pelos poderes públicos.

2.2 O canto dos pássaros e o entrelace acústico com as pessoas

A vida floresce dentro do Parque Nacional do Viruá em processos autopoieticos¹⁶ numa relação de morte e vida no eterno processo de composição da vida. O mundo onde habitamos é experienciado em diferentes percepções e sensações. Elas se dão na visão, tato, paladar, audição e as sensações com o ambiente. O homem/mulher está dentro destes ambientes em contato direto com a natureza em sua experiência.

Por muito tempo imaginamos um mundo objetivado, em partes, e que estávamos separados dele. Não passávamos apenas de meros observadores que viam de longe a contemplação do mundo, mas no sistema autopoietico, estamos dentro do mundo e somos parte do mundo em sua auto-reprodução. A esse respeito, Krenak (2019, p. 13) ressalta que,

Fomos nos alienando desse organismo de que somos parte, a Terra, e passamos a pensar que ele é uma coisa e nós, outra: A Terra e a humanidade. Eu não percebo onde tem alguma coisa que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo em que eu consigo pensar é natureza.

Estamos dentro da natureza com os demais seres vivos nos múltiplos biomas. Vimos anteriormente que o Parque Nacional do Viruá abriga alguns desses biomas em unidades de conservação que possui a maior diversidade de aves da Amazônia. Conforme dados do ICMBio (2010), são 531 espécies registradas, e mais de 550 estimadas, pertencentes a 71 famílias de aves. 27 destas espécies encontram-se sob diferentes graus de ameaça, segundo critérios da BirdLife International 2012 (IUCN 2013), incluindo 01 espécie criticamente ameaçada de extinção, 08 espécies vulneráveis e 18 espécies quase ameaçadas. A biopirataria é umas das maiores responsáveis por este quadro de extinção, além da destruição dos *habitats* naturais pelas queimadas e desmatamento.

Toda esta diversidade faunística de pássaros dá a este lugar complexo uma ambiência diferenciada que se compõe à paisagem e se harmoniza no canto dos pássaros. Nas florestas da Amazônia muitos são os sons que se produzem dos mais

¹⁶ Autopoiesis, conceito de Maturana e Varela (1995), em que um sistema autopoietico é ao mesmo tempo produtor e produto de si mesmo. São ao mesmo tempo autônomos e dependentes, não podendo ser entendidos na racionalidade maquina, binária e de partes separadas.

diversos animais, desde mamíferos, insetos, anfíbios e as aves que ecoam como uma orquestra natural proporcionando uma ambiência harmoniosa. As aves dão à natureza do Parque Nacional do Viruá uma assinatura única que carrega um poder simbólico inestimável e que pode ser denominado de ecologia acústica.

Conforme Obici (2008, p. 40), “a ecologia acústica é, na concepção de M. Schafer, o estudo dos efeitos da paisagem sonora sobre as respostas físicas ou características comportamentais das criaturas que nela vivem”. Seu principal objetivo é dirigir a atenção aos desequilíbrios que podem ter efeitos insalubres ou hostis. Entende a paisagem sonora como uma grande composição musical que precisamos saber orquestrar e aperfeiçoar, para produzir bem-estar e saúde.

O canto dos pássaros do Viruá é uma ecologia acústica no sentido de dar bem-estar, vivacidade e reciprocidade entre o ser humano e a natureza (TORRES, 2012). Esta autora pensa nas restrições do ruído e na preservação de marcos sonoros para criar ambientes atrativos e estimulantes em um Ocidente carregado de poluições sonoras. Vislumbra-se com isso “o resgate de uma cultura auditiva significativa” (OBICI, 2008, p. 40). Assim como os ambientalistas se preocupam em preservar as diferentes espécies de vidas existentes, a ecologia acústica dá atenção aos sons que estão em extinção, e gravará todos os tipos de paisagens sonoras.

A crise ambiental que deixa em risco de extinção diversas espécies de aves no Parque Nacional do Viruá, pode levar à extinção também as paisagens sonoras amazônicas. A crise ambiental do planeta envolve diretamente a Amazônia e põe em risco a estabilidade planetária. O problema das queimadas foi potencializado com o corte de recursos em 2019 por parte do Governo Federal, o que enfraqueceu mais ainda o já debilitado sistema de combate a incêndios florestais, tão comuns na Amazônia e em todo o Brasil. As dimensões da degradação pelo fogo compromete seriamente a pesquisa científica de distintas espécies de aves analisadas, por pesquisadores de várias instituições, que são responsáveis pela contratação de mão de obra auxiliar para o fomento de atividades necessárias ao acompanhamento e monitoramento de equipamentos utilizados para a mensuração de objetos de análises.

A gravidade dos atos de destruição que atingem a Amazônia por meio das queimadas, impactam negativamente os biomas, fragilizando consideravelmente os desníveis provocados por meio dos efeitos antrópicos e a natureza. Mongaby (2019, p. 1), aponta que “o Brasil e o estado de Roraima, em especial, já tiveram muitos incêndios florestais este ano. De janeiro a maio, o país teve 17.913 focos, sendo 11.804

deles nos nove estados da Amazônia”. Há muitos impactos negativos em virtude da ausência das políticas públicas que inviabilizam a manutenção dos ricos biomas amazônicos. Conforme este autor, “somente o ano de 2016 registrou mais danos à floresta, quando 13.663 incêndios florestais aconteceram no mesmo período”. (IBIDEM, p.1).

Além das questões climáticas, os pássaros sofrem com o afrouxamento da fiscalização do desmatamento, assim como, o corte de recurso coloca Roraima e o Parque Nacional do Viruá em situação de risco. A crise sanitária prolongada pelas variantes do novo Coronavírus tornaram ainda mais necessárias a presença institucional, pois os avanços das chamas de fogo podem destruir os trabalhos realizados por pesquisadores, além de comprometer consideravelmente a rede articulada de produtos e serviços turísticos, que beneficiam moradores do entorno.

Para preservar a grande diversidade de aves, mais de 400 espécies de peixes, 108 de mamíferos e mais de 100 espécies de réptil e anfíbios (qual a fonte desses números?), que fazem parte da fauna, o Estado brasileiro precisa visibilizar a criação de políticas de combate aos incêndios. São imprescindíveis para a estruturação da rede de controle e manutenção de todo o equipamento que estrutura o espaço do Parque Nacional do Viruá.

Desmatamentos e caça predatória são ameaças em razão de os moradores do entorno não possuírem procedimentos de monitoramento e precauções aos incêndios para que consigam preservar as aves em extinção e toda a faunística existente.

A manutenção do parque, bem como o fortalecimento de pesquisas e o turismo ecológico, contribui para a conservação dos ecossistemas vivos. As aves tem se tornado grande foco da biopirataria, correndo grande risco de extinção, o que torna a manutenção e o manejo das espécies feitas pela instituição do parque fundamental para a preservação ambiental e sonora.

Na teia da vida, as aves migratórias chegam ao parque para acasalar e esse processo diário contribui para o equilíbrio do bioma, em virtude dos benefícios de semeadura e replantio promovido pela cadeia alimentar. Conforme Soares (2015, p. 54), “as aves são de extrema importância para o meio ambiente, elas desenvolvem importante papel na natureza como, polinização de plantas, dispersão de sementes, controle de pragas, entre outros.” O papel destas para o equilíbrio ambiental do lugar é base para a manutenção da vida das demais espécies animais, bem como o florestamento, como explica o pesquisador ornitólogo Uirapuru. Vejamos:

Roraima é dos locais bastante importante para a imigração de diversas espécies oriundas do hemisfério norte, e principalmente da região ártica, diversas espécies de maçaricos, tem falcão peregrino, tem quatro pelicano pardo encontrado no rio branco, faz uma das áreas de fronteira com o parque, e diversas espécies de marrecas, que vem do hemisfério norte, e passam o inverno deles lá, que seriam o nosso verão aqui, e passam aqui utilizando-se das fontes de alimentos, que o estado proporciona. E isso o parque contribui com suas dimensões, e por ser o parque nacional sofrer pouca interferência antrópica ele acaba tornando-se um santuário, dessas espécies, diversas espécies de mariquitas, que podem ser observadas, não só no parque mas no entorno também. E isso impacta diretamente as populações de aves que não se reproduzem aqui, que não são residentes, vem apenas passar parte do período de três a quatro meses aqui e retornam para os seus países de origem (Entrevista, 2019).

A combinação dos cantos dos pássaros no interior da floresta, compõe um mosaico de rica biodiversidade, além de resultar em cadeia alimentar, sendo também uma forma de atrair e estabelecer a relação de sociabilidade com os moradores do entorno do Parque Nacional do Viruá. Essa relação de afetividade resulta em práticas sustentáveis de convívio harmônico entre o homem/mulher e a natureza, remetendo para a perspectiva de entrelaçamento e reciprocidade. Conforme Torres (2012, p. 43), “os povos tradicionais constroem as suas relações sociais e de trabalho em estreita conexão com a natureza, de onde retiram os recursos para a sua sobrevivência”.

A teia da vida de Capra (1996) mostra que somos apenas uma das linhas que compõem a grande teia viva que tece a vida no planeta, dos pequenos micro-organismos aos grandes animais. Todas essas relações harmoniosas, entre a vida humana e a vida animal, são teias que se tecem numa perspectiva ecológica inovadora capaz de reestabelecer os nexos natureza e cultura. Não obstante, a manutenção destas relações tem sido constantemente ameaçadas pelas consequências das explorações nocivas da natureza produzem as mudanças climáticas, responsáveis pela seca e focos de incêndio. O pesquisador ornitólogo Uirapuru explica que,

O parque está suscetível ao fogo como já ocorreu no início do ano, é que focos de incêndio oriundos das áreas vizinhas adentraram o parque diversos pontos, e isso traz uma perda enorme para a biodiversidade, e impacta diretamente no, e em todo o bioma, todo ciclo das espécies que aqui vivem. Então a influência de caça em alguns lugares é observada, a pesca predatória também e tem alguns colegas que trabalham com peixes que mesmo quando foram fazer os estudos em lagos onde estão dentro do perímetro do parque e encontraram vestígios dos pescadores. Então mesmo tendo essa proteção, sabendo

que é uma área de conservação, o pessoal ainda exerce a pesca predatória, faz caça e a principal ameaça eu considero fogo. Então com certeza às áreas vizinhas tem influência sobre o parque sim (Entrevista, 2019).

O alerta emergente ecológico nos convida a repensarmos nossas relações com a natureza e perceber como a degradação ambiental afeta a todos no planeta. As mudanças climáticas afetam diretamente a temperatura do planeta que está cada vez mais alterada, o que aumenta diretamente os focos de incêndios na Amazônia. Isto nos remete, também, à ecologia profunda assinalada por Capra (2004) na visão mais ecocêntrica. Este mesmo autor elucida que,

O novo paradigma pode ser chamado de uma visão holística, que concebe o mundo como um todo integrado, e não como uma coleção de partes dissociadas. Pode também ser denominada visão ecológica, se o termo “ecológica” for empregado num sentido muito mais amplo e mais profundo que o usual. A percepção ecológica profunda reconhece a interdependência fundamental de todos os fenômenos, e o fato de que, enquanto indivíduos e sociedade, estamos todos encaixados nos processos cíclicos da natureza (e, em última análise, somos dependentes desses processos) (CAPRA, 2010, p. 25).

Há nesse sentido o conjunto de sistemas simbólicos e manifestações socioculturais, necessários para incorporação no conjunto de elementos imagéticos e culturais, bem como associados ao patrimônio natural vinculado a memória tanto do espaço do Parque Nacional do Viruá quanto da demografia populacional. Trata-se de um universo repleto de registros históricos, produção sociocultural, numa constante relação com os sistemas comunicacionais do ecossistema. Para o morador e trilheiro Acurana,

As aves desempenham várias funções biológicas na manutenção do equilíbrio ecológico como dispersão de sementes, polinização, manutenção da cadeia alimentar. Além da função ecológica, sua presença representa uma fonte de renda sustentável às comunidades locais que recebem observadores de aves do mundo todo que alimentam o mercado local através do consumo de bens e serviços associados a essa atividade. Tal atividade também estimula o interesse na preservação ambiental o que propicia benefícios que em última análise se estendem a toda a humanidade. (Entrevista, 2021).

Os benefícios que se estendem à humanidade vão do biológico ao subjetivo. A captação sonora dos pássaros e sua função na manutenção destes biomas se soma à vida das comunidades adjacentes pelo poder simbólico da natureza. Em Lacan (2005), esta complexa relação se entrelaça em três registros distintos que são o simbólico, o

imaginário e o real. Nos três registros se compõem as inter-relações com o lugar. Os povos da Amazônia, “concebem seu meio ambiente à maneira de uma densa rede de inter-relações, regida por princípios que não discriminam os humanos e os não-humanos (CASTRO e PINTON, 1997, p. 249).

Os povos tradicionais da Amazônia combinam na caracterização desses princípios, modelos de comportamento, que teríamos tendência a reservar somente à esfera social, com modelos de comportamento emprestados à etologia de certas espécies animais. As interrelações tecem as cosmologias amazônicas que demonstram concepções de mundo “que não fazem distinções nítidas entre a natureza e a sociedade e que fazem prevalecer, como princípio organizador, a circulação dos fluxos, das identidades e das substâncias entre entidades.” Essas características dependem menos de uma essência abstrata do que das posições relativas por elas ocupadas umas em relação às outras.

Capra (2003), compreende essas relações como conexões ocultas que formam laços de afetividade. Essa relação de afetividade resulta em práticas sustentáveis de convívio harmônico entre o homem/mulher e a natureza. Ao visibilizarmos os espaços ecológico que compreendem o Parque Nacional do Viruá podemos ter uma visão ampla sobre a coexistência equânime do ser humano com a natureza, os seus avanços no trato de afetividade com os animais e seus novos métodos agroflorestais. Conforme Guattari (1990, p. 52), “o princípio particular à ecologia ambiental é o de que tudo é possível tanto as piores catástrofes quanto as evoluções flexíveis. Cada vez mais, os equilíbrios naturais dependerão das intervenções humanas”.

É preciso, pois, ter incentivos para atividades bioeconômicas que não firam de forma agressiva o meio ambiente, como o ecoturismo. Isso inibe práticas predatórias que afetam diretamente os biomas, além de manter os ambientes conservados com uma presença responsável e sustentável. A investigação científica realizada por organizações e unidades de preservação é condição *sine qua non* para a manutenção do meio ambiente e recuperação de áreas degradadas.

Esta compreensão situa-se como “um conceito heurístico, iluminador das relações que engendram a condição humana em todos os tempos e lugares, podendo transformar-se num recurso candente de contribuição para a perenidade do planeta” (TORRES, 2012, p. 106). Um dos grandes caminhos da história e papel central da humanidade é a garantia do meio ambiente para a sobrevivência das pessoas, dos animais e vegetais, entre outras. A rica territorialidade reúne no bioma do Parque

Nacional do Viruá inúmeras espécies, em distintos ciclos naturais que contribuem para o equilíbrio dos processos naturais.

O Parque Nacional do Viruá está dentro desta lógica de conservação da natureza, centrado nos mecanismos de manejo ambiental dos ecossistemas que permeiam a unidade, levando-se em conta as ações antrópicas dos povos tradicionais que são moradores do parque e que possuem conhecimentos acumulados historicamente. As aves tem extrema importância para o meio ambiente em sua revitalização e equilíbrio ambiental. As ações de preservação humana tem fator determinante não apenas para as aves, mas para o papel de equilíbrio que estes animais desempenham.

A ecologia profunda como sugere Capra (2004), supõe que as relações com a natureza e seus elementos se dê na reciprocidade e comunhão com os demais seres vivos. Não estamos nos referindo somente à manutenção e preservação dos pássaros e seus ecossistemas, estamos nos referindo a uma visão mais ecológica da vida que pode ser refletida nas práticas sociais das comunidades viventes no entorno do Parque Nacional do Viruá.

As questões climáticas estudadas no parque são necessárias e tornam o seu ambiente mais dinâmico e mais aprazível com a participação popular. Este santuário dos pássaros é um canal, um laboratório de produção científica, capaz de nortear as orientações essenciais para a estruturação de uma rede informacional sobre os fenômenos climáticos. São processos comunicacionais representados pelas revoadas dos pássaros de diversas partes do mundo em consonância com as espécies endêmicas, cuja observação científica de captação de seus cantos é fundamental.

As manifestações culturais existentes a partir das interpretações das histórias e mitologias amazônicas por meio do Festival Folclórico de Caracará, surgido em 2006, envolvendo as associações folclóricas Cobra Mariana e Gavião Caracará, já se traduz em identificação das espécies no território. Os agentes culturais buscam informações para a composição de seus enredos, roteiros e toadas por meio do sentimento de pertencimento ao lugar, valorizando a sua identidade. Tudo isso pode ser visto como mecanismo de proteção da biodiversidade, cantada e eternizada em músicas, versos, prosas e poesias, construídos no processo de interação cultural e de sócio-diversidade das vivências de seus sujeitos com o parque.

A observação de pássaros é mecanismo e vetor de novas perspectivas para o aquecimento econômico de forma sustentável, pois seus impactos são

inquestionavelmente menores do que os efeitos provocados pela expansão agrícola, que poderia destruir o meio natural. Ao contrário dos potenciais turistas científicos, o fenômeno turístico gerado pelas práticas do ecoturismo, etnoturismo e turismo de observação de pássaros, são marcantes para uma nova forma de interação com o ambiente natural protegendo todo o conjunto ecossistêmico existente no Parque Nacional do Viruá.

As articulações institucionais fortalecem a construção de novas configurações para o desenvolvimento socioeconômico e a interação com a natureza, promovidas pela Unidade de Conservação do Parque Nacional do Viruá do Estado de Roraima. Fortalece o Turismo Ecológico de Base Comunitária para a inclusão dos cidadãos e cidadãs habitantes do entorno do espaço patrimonial natural, bem como a sua inserção à própria sociedade inserida no contexto da floresta Amazônica. As novas configurações de incorporação de ações estruturantes tem viabilidade com a inserção da mão de obra excluída dos espaços urbanos.

As estruturações de estudos que promovam a história do lugar são fundamentais para a elaboração da memória de todo o conjunto espacial, onde se inserem historicamente os indivíduos moradores da floresta amazônica, nos mais variados contextos de produção. Isto contribuirá para o avanço dos modelos tradicionais e ao próprio reconhecimento de sua presença para o guarnecimento como agentes defensores e protetores da floresta amazônica e toda biodiversidade existe. A nova lógica de relacionamento sociedade e natureza, possui uma interdependência que é essencial para a manutenção inteligível e ao intercâmbio de todas as experiências capazes de promover a condição humana, sem impactos negativos. Isto permitirá a redução dos desequilíbrios e impedirá os avanços da degradação, devastação e biopirataria nos biomas amazônicos, incluindo o complexo universo de produção e socialização dos saberes e conhecimentos tradicionais.

As leis vigentes seguem parâmetros que não atendem as demandas existentes em toda a sua territorialidade, bem como os organismos de controle que sofrem significativamente pelas ineficácias de algumas ações. É preciso inibir a atuação de atores irregulares nos espaços de produção, bem como suas exigências burocráticas que inviabilizam a institucionalização de parcerias público-privada, com o propósito de estabelecer a inserção de novos cidadãos e cidadãs.

Há um conjunto histórico a ser resgatado, principalmente as primeiras levas contingenciais que compuseram a formação do povoamento, pioneiros do ambiente do

Parque Nacional do Viruá no Estado de Roraima. Ao longo do rio Iruá o povoamento refletiu-se em memórias tanto do lugar, quanto das estruturas que fizeram parte da produção socioeconômica, que não podem ser apagados do conjunto biológico, pois o social é representativo no âmbito formação sociológica e antropológica da Unidade de Conservação Parque Nacional do Viruá em Roraima.

Deve-se proceder a imediata identificação das características históricas da “Estrada Perdida¹⁷”, buscando demonstrar que a natureza impõe ao homem a sua força. Nem sempre os avanços tecnológicos e antrópicos são capazes de invadir a natureza, e que a agressividade do capital não contribui para a viabilidade econômica se continuar com essa estupidez de agressão à natureza.

Com relação ao potencial turístico que faz parte do plano de manejo dessa Unidade de Conservação - UC, é necessário haver um trabalho bem direcionado para o desenvolvimento sustentável de atividades turísticas integradas ao bioma amazônico. As visitas constantes de pesquisadores tornam-se indutoras de alternativas de renda, bem como o seu próprio interesse em conhecer a biodiversidade local, proporcionando diálogos com os agentes das atividades turísticas no que diz respeito aos passeios pelo Parque Nacional do Viruá e as novas formas de interação com a natureza.

Esses mecanismos de geração de emprego e renda, fazem surgir caminhos para a inclusão dos moradores do entorno, muitos deles com propriedade próxima e outra já nos limites territoriais. Eles possuem maneiras sustentáveis de proteção e conservação do bioma, sendo também agentes sociais capazes de manter esse local conservado.

As inúmeras práticas esportivas associada ao turismo tornam efetiva a viabilidade de produtos e serviços turísticos, capazes de promover de forma justa e

¹⁷ A Estrada Perdida, trecho original da BR-174 abandonado pela inviabilidade da obra na região, é o principal acesso terrestre ao interior do Parque. Dela parte uma estrada de acesso ao Núcleo-Sede da UC, onde se concentram as atividades de pesquisa, educação e integração socioambiental do Parque Nacional do Viruá - ICMBio. Situada na área pleiteada para a ampliação do PNV, com estrutura semelhante à de uma “transpantaneira”, fornece acesso a todo o limite leste da UC, atravessando áreas úmidas de importância especial para a proteção e o turismo no Parque. A Estrada Perdida é parte do setor que porta a memória de outro processo importante na história do Estado, a abertura da BR-174. Construída pelo Exército Brasileiro na década de 1980, com a estrutura de uma transpantaneira, a Estrada Perdida representa o traçado original desta rodovia federal: uma obra pública de alto custo, que enfrentou grandes dificuldades impostas pelas condições de terreno (arenoso, encharcado e inconsolidado) próprias do Pantanal Setentrional. Conta-se que tratores deixados no trecho final da obra (sobre a região mais recente do megaleque Viruá) afundaram em areias movediças, um dos motivos que levaram à decisão de abandono do local e mudança do traçado da BR para trechos de terra firme, levando ao seu desvio para leste. A Estrada Perdida, ao se converter em uma Estrada-Parque, terá seu valor restituído à sociedade brasileira, através do cumprimento de funções valorosas relacionadas à proteção e uso público deste Parque Nacional.

rentável circuitos turísticos, com enorme abrangência para a valorização das atividades florestais. Esse processo mantém a presença humana no entorno envolvida com o fluxo turístico exerce enorme influência nas tomadas de decisão para a implantação comercial do turismo.

Dentre as espécies importantes que representam o Parque Nacional do Viruá e compõem a teia viva das paisagens acústicas do lugar, temos o *Crypturellus duidae*, *Aprositornis disjuncta*, *Myrmotherula cherriei*, *Dolospingus fringilloides*, *Sporophila crassirostris*. Conforme o Ornitólogo Uirapuru,

Tem espécies que são raras por natureza e algumas só o conseguem ser observadas no interior do Parque Nacional do Viruá, hoje em território brasileiro, como Formigueiro dia pacana é o inhambu de pé cinza. Temos também papa-capim de coleira que, embora tenha sido registrado ao norte do Amazonas, é um dos locais mais fácil de ver essa espécie. A gente tem também o bicudinho que ocorre na Amazônia, mas o Parque Nacional do Piruá, um dos principais locais, é para observação dessa espécie (Entrevista, 2022)

São aves que atraem pessoas do mundo todo e só são encontradas dentro dos ecossistemas do Parque Nacional do Viruá. Em todos os espaços do Parque Nacional do Viruá há perspectivas para o desenvolvimento de produtos turísticos. Para além disso, se faz necessária uma integração humana com a natureza, por este motivo, teóricos como Diegues (2001, p. 22), criticam essas noções distanciadas de “mundo natural que reflete uma percepção das populações urbanas a respeito da natureza.”

O ciclo turismo e a observação de pássaros, as trilhas ecológicas já instaladas e os cenários cênicos de exuberantes belezas no lugar, são potencialidades que enriquecem o passeio de visitante do parque desfrutando dessa experiência cicloturística e ecológica. Dentro do Guia de Aves do Parque Nacional do Viruá de Birds Guide demonstra a riqueza dessa biodiversidade. Vejamos nas imagens a seguir:

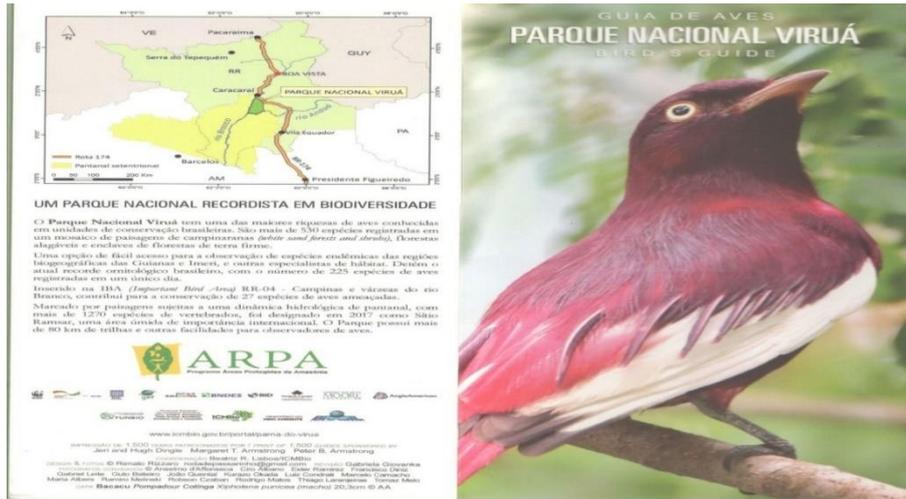


Figura 6: Guia de Aves do Parque Nacional do Viruá
Fonte: Programa Áreas Protegidas da Amazônia – ARPA.



Figura 7: Guia de Aves do Parque Nacional do Viruá
Fonte: Programa Áreas Protegidas da Amazônia – ARPA.



Figura 8: Guia de Aves do Parque Nacional do Viruá
Fonte: Programa Áreas Protegidas da Amazônia - ARPA.

2.3 A capitação dos cantos dos pássaros e seus significados

O Parque Nacional do Viruá possui uma rica e complexa biodiversidade como viemos assinalando ao longo deste estudo. Abriga um grande mosaico de formações de campinaranas, desde florestas até campestres, floristicamente e estruturalmente bem distintas da Floresta Ombrófila, em gradações fitofisionômicas associadas a diferentes níveis de hidromorfismo. A responsabilidade pública do Governo Federal por este bem socioambiental é parte constitutiva da política do patrimônio natural do país, mas não só isso. Esta reserva é também estratégica para a gestão pública, porque passa a ser um campo piloto para a implementação de novos modelos sustentáveis e possibilidades de estruturação de novas concepções bioeconômicas.

A floresta possui sua singularidade inclusiva para os povos tradicionais sem comprometer a sua genuína estrutura. Existem diferentes formas inclusivas que ligam a comunidade com o lugar em vínculos afetivos com a natureza. No Parque Nacional do Viruá o canto da faunística de pássaros enlaça a vida das pessoas com a natureza através dos sons que se dá na “diversidade de experiências do mundo, em conjunto com uma conversa do mundo que as leva a sério – quer dizer, que permite um diálogo entre essas experiências em vez de impor a força de uma delas sobre todas as outras.” (SANTOS, 2019, p. 67). Este autor elucida que a forma como captamos o mundo envolve múltiplas experiências.

A capitação do canto dos pássaros feita pelas pessoas se dá nas múltiplas e complexas experiências com o ambiente, o lugar. Os cantos dos pássaros no interior da floresta, formam um mosaico sonoro de fina expressão biodiversa. São cantares que ressoam no ar adentrando a subjetividade das pessoas que seguem hipnotizadas frente ao belo. Estar-se-á diante de uma antropologia do sensível e do acústico que cria relação de sociabilidade com os moradores do entorno do Parque Nacional do Viruá.

A harmonia sonora do canto dos pássaros que compõem o ambiente afetivo e acolhedor no interior da floresta, resulta em práticas sustentáveis de convívio harmônico entre o homem/mulher e a natureza, remetendo também para o equilíbrio do planeta. Os moradores do entorno do Parque pertencem aos povos tradicionais da Amazônia e, conforme Torres (2012, p. 42), “convivem com a terra, floresta e rios em perfeita relação de reciprocidade. Constroem as suas relações sociais e de trabalho em estreita conexão com a natureza, de onde retiram os recursos para a sua sobrevivência.” Sobre este assunto, o fotógrafo Curió revela que

Além de constituírem uma fonte de renda pelas atividades de suporte aos observadores de vida natural (consumo de alimentos, hotelaria, serviços de guia especializado, serviços de mateiros, barqueiros, consumo de souvenirs, gastos com transporte, etc), a presença de pássaros habita o imaginário das comunidades com representações lúdicas, religiosas, existenciais, poéticas, etc, tomando dimensões culturais muito importantes e imensuráveis (Entrevista, 2022).

Entrar em contato com a natureza traz bem-estar à mente e ao corpo. Nas florestas do Parque Nacional do Viruá ouvir o som dos cantos dos pássaros reafirma o vínculo afetivo com a natureza. Os estudos do ornitólogo Jacques Vielliard¹⁸ (2008), sobre a bioacústica mostram que o canto dos pássaros é uma forma de comunicação que apresenta qualidades sonoras de frequência, intensidade e duração próprias de cada espécie. As espécies de aves se reconhecem, demarcam territórios e formam pares.

Dentro do Parque Nacional do Viruá, as aves espalham-se por todos os pontos do bioma. Elas encontram-se nas copas das árvores, nas vegetações rasteiras e nos campos, onde entoam seus cantos que trazem informações biológicas cruciais para a manutenção da biodiversidade. Mas, para além destes componentes biológicos, o canto dos pássaros, dentro do imaginário das pessoas das comunidades tradicionais carrega inúmeros significados simbólicos.

O significado, conforme Eco (1988), é o conteúdo em si. A compreensão e entendimento só são possíveis em virtude do processo de abstração realizado por nosso aparelho psíquico. O significado é, por assim dizer, a apreensão e associação da coisa representada pelo significante podendo ter significados dos mais diversos. Os signos ou símbolos estão sujeitos ao interpretante, por meio de um código de linguagem específico, o signo passa a estar numa situação possível de enunciação pela, fala, gestos, figuras, entre outros.

A compreensão e entendimento só são possíveis em razão do processo de abstração realizado por nosso aparelho psíquico. O significado é, então, a apreensão e associação da coisa representada pelo significante podendo ter significados dos mais diversos. Os signos ou símbolos estão sujeitos ao interpretante, por meio de um código de linguagem específico, o signo passa a estar numa situação possível de enunciação pela, fala, gestos, figuras, entre outros.

¹⁸ <https://www.saopaulo.sp.gov.br/ultimas-noticias/pesquisador-capta-mais-de-mil-sons-de-diferentes-especies-de-aves-em-35-anos/>

Por meio dos significados criam-se sentimentos e afeições. “Quando se é possuído por um amor, por uma divindade, por um sentimento, o corpo, o rosto, transfigura-se, adquire outra dimensão” (MAFFESOLI, 1995, p.135). Enquanto signo transfigurador, a imagem é capaz de conduzir o imaginário provocando sua projeção de uma realidade para outra. A transfiguração pela imagem nos faz pensar na “movência” das formas simbólicas em seu poder, por exemplo, de dimensionar o viver de homens e mulheres.

A imagem dos pássaros, ao transfigurar sentidos, leva à compreensão da polifonia que o viver cotidiano expressa em múltiplos sons em todo o Parque Nacional do Viruá. A socialidade maffesoliana destaca o poder das imagens que permite a vivência dos sentidos sociais. A imagem faz perceber significados ao invés de explicar significados. Assim, sua atuação é pregnante na cotidianidade: é vetor de comunhão, de interação, de correspondência e constante reversibilidade (GIOSEFF, 1997).

Conforme Maffesoli (1993, p. 6), está havendo uma “rebelião do imaginário”, causada pelo esgotamento dos grandes sistemas explicativos, incapazes de perceber aquilo que seria da ordem do não-lógico, do não-racional. A tradição do pensamento moderno, desde Descartes, privilegiando a “razão raciocinante”, empurra para a marginalidade todas as potencialidades do conhecimento que se guarda nas imagens. Impedindo, desse modo, a compreensão do “parâmetro do imaginário”, que, agora, se rebela formando uma enorme vaga, “diria que é um vagalhão, uma onda violenta que chega e que nada pode conter”. (IBIDEM, 1993, p. 6). Os sistemas explicativos das aves são uns destes muitos sistemas que são marginalizados por seus conhecimentos tradicionais.

Quem nunca admirou o belo canto dos pássaros? As melodias cantadas por eles estão entre os mais belos sons da natureza. Sua sonoridade incrível conquista até mesmo quem não é fã de aves. Contudo, por mais que todo mundo já tenha curtido as notas cantadas por um passarinho, elas ainda geram muitas dúvidas. Por que as aves cantam? É uma prática exclusiva dos machos? Para que servem esses cantos?

Na verdade as reflexões, interpretações e entendimentos com relação ao canto dos pássaros, são as mais variadas possíveis. Pode-se dizer que quase ninguém consegue ignorar um belo canto de pássaros. As músicas ou cantos podem estar associadas em chamar a atenção do sexo oposto, afastar predadores, anúncio de mudança do tempo, sorte, fartura, agouros, galanteio, provocação, perigo e maus presságios.

Quando na parte da manhã os pássaros amanhecem cantando sem algazarra, é prenúncio de tempo bom com muito sol e possibilidade de realização de muitas atividades laborais ao longo do dia. Mas, se ao amanhecer estiverem cantarolando, fazendo algazarra, de modo peculiar, se forem bandos de periquitos e papagaios, é sinônimo de bastante chuva ao longo do dia e obviamente, impedimento para a realização de várias atividades, dentre elas, cortar seringa, capinar o roçado, colher o milho, feijão, queimar o roçado para o plantio, dentre outras.

Outras vezes, o canto dos pássaros, pode significar perigo, por exemplo se você está em uma área de mata fechada e as aves voam assustados piando, grasnando, cantando e macacos se agitam nos galhos e folhagens das árvores, é sinal de que o perigo se aproxima. E pode ser uma onça que já está de espreita ou mesmo uma enorme cobra grande personificada na jiboia ou sucuri e o sujeito tem que sair rápido daquela área, pois a vida está ameaçada e o sinistro pode ocorrer a qualquer instante. A presença dos pássaros é indispensável para o equilíbrio ecológico e cósmico da vida. No relato da presidente da Associação da Comunidade e Agricultores Familiares do Distrito de Nova Petrolina do Norte - ACAF, Nova Petrolina do Norte, Município de Caracaraí-RR, Miriam Ferreira (41 anos),

As aves desempenham importante papel ecológico na natureza sendo indispensáveis à preservação dos ambientes naturais. Tal função por si só representa grande importância à manutenção da vida no planeta. Além disso as aves representam a possibilidade de fonte de renda às comunidades locais e benefícios à economia do Estado através do desenvolvimento do turismo de observação de vida selvagem e da colaboração de pessoas ou organismos interessados na preservação natural (Entrevista, 2019).

A vivência e compreensão da importância das aves se faz nas práticas cotidianas convertidos em saberes apreendidos através do canto dos pássaros estão entrelaçados ao imaginário dos povos tradicionais que vivem dentro do Parque Nacional do Viruá. Trata-se como sugere Morin (2005), de uma religação dos saberes ao imaginário e imaginação simbólica. Este autor discute a necessidade da religação dos saberes como ponto central de conexão entre os saberes culturais científicos e os saberes da cultura humanística. Para Gomes (2016, p. 108),

A obra de Gaston Bachelard estaria mostrando a complexidade desse homem cindido em duas esferas de representação opostas, o conceito e a imagem. O interesse de Bachelard não seria puramente estético, mas buscaria ensinar o dinamismo das imagens por melhor viver,

confiando que a imaginação é portadora de uma energia moral, de um querer viver que permite o devir verdadeiramente humano.

O imaginário e a imaginação surgem como instâncias específicas da constituição. Por isso, devemos buscar compreender o imaginário em sua dimensão de subjetividade, por meio da imaginação simbólica que permite com que múltiplos significados ressoem sem reduzir nenhum deles.

Dentre as diversas ressonâncias nos significados do canto dos pássaros consta, também, o prenúncio de tragédias, vejamos: se a rasga mortalha, que é uma coruja, cantar durante a noite em seu voo passando por cima da casa de alguém, os moradores das comunidades contam que naquela semana uma pessoa da família ou da comunidade vai adoecer e morrer com certeza. Esse é um dos cantos mais temidos e indesejados. Assim como o canto do Acauã, que também é sinal de agouro e morte.

O canto do Matintim, é outro que assombra e apavora o sujeito mais corajoso, principalmente durante a noite e se estiver sozinho pescando, caçando em áreas remotas. O seu canto provoca medo, sobressalto, arrepios, tremedeira nas pernas, embargo na voz, suor frio e desespero. É um canto ou assobio tão forte e estridente que pode levar ao desmaio e outras consequências mais graves, inclusive a morte, especificamente se o sujeito estiver em uma canoa no rio e desmaiar.

Mas, o canto dos pássaros pode significar, ainda, localização em relação às horas. Se o sujeito estiver em uma área de difícil acesso e não possui um relógio, ele pode orientar-se pelo canto do pássaro. O Inambú canta pela primeira vez à meia noite e repete o canto a cada duas horas, até às seis da manhã, possibilitando a esse trabalhador localizar-se no tempo.

Como vimos anteriormente, os cantos dos pássaros engendram significados diversificados, na medida que a fartura e a escassez na credence das comunidades tradicionais, também, podem estar associadas, ao canto dos pássaros, especificamente do Ticuã, uma espécie de gavião pequeno que ao cantar pode ser sinônimo de fartura ou tempo de escassez duradoura. Mas, é salutar lembrar que os povos tradicionais e sua descendência convivem harmoniosamente com todo esse conjunto de signos de significante e significados.

Morin (2001) defende, assim, que o humano traz em si uma face imaginária e outra prática (*Homo faber*), de tal forma que o cinema é a máquina-mãe geradora de imaginários que não se circunscrevem ao irreal, mas ao contrário, misturam e

confundem o real e o irreal, ao atribuir os encantos do imaginário à realidade bem como as virtudes da realidade ao imaginário.

A experiência proveniente das relações simbólicas entre humanos e animais na Amazônia pode ser pensada dentro da perspectiva da Sociologia das ausências propostas por Santos (2015), onde ela precisa ser libertada dessas relações de produção que a modernidade cristalizou. É uma proposta dialógica e aberta (MORIN, 2015), pois os pássaros voam em liberdade, melodias naturais ressoam pela mata que também sussurra nos ouvidos e mentes de mulheres e homens, e assim tecem relações simbólicas.

Nesse processo de tessitura de relações simbólicas os pássaros os estudos de campo da biologia passam também a serem realizados pelas ciências humanas, envolvendo o imaginário. Os significados do canto dos pássaros também evocam metáforas capazes de inspirar os poetas na criação de poesias, inspiram os músicos na criação de novos sons de percussão enfeitiçam os enamorados, dentre outros. Poder-se-ia falar de uma ancestralidade amazônica nas relações entre homem/pássaros numa poética ancestral amazônica.

O canto do Uirapuru é umas das mais belas histórias amazônicas. O mito desse pássaro de canto divino atravessa a cultura amazônica. Ela contém drama, amor, romance e aventura, é, portanto, sensivelmente poética. No folclore representa o amor impossível que venceu a morte para se tornar a mágica música da floresta que traz sorte e felicidade aos ouvintes. De acordo com Durand (2004, p. 6), o imaginário é “o estudo dos processos de produção, transmissão e recepção, o museu – que denominamos o imaginário – de todas as imagens passadas, possíveis, produzidas e a serem produzidas.”

O Uirapuru é uma destas imagens que compõem o museu imaginário na Amazônia. A *O canto do Uirapuru – Uma história de amor* (2016) verdadeiro, do poeta e escritor de literatura indígena, Tiago Hakiy, bebe no museu imaginário amazônico dos povos tradicionais indígenas ao trazer o significado e simbologia do canto do Uirapuru como mito ancestral. Narra-se uma história de amor entre Wasiry e Iacy May, a qual deu origem ao rio Andirá e a mulher que se tornou o pássaro Uirapuru com seu canto melodioso e triste. Por meio deste mito, os moradores estabelecem um vínculo, construindo uma relação afetiva com o rio e lugar exprimindo valores humanos com a natureza.

De forma poética e sensível, o autor apresenta a simbologia do canto do Uirapuru, na significação do rio como ponto de identidade e existência com o lugar que habitam. Fica claro, por fim, o sentimento de pertença com lugar que se espalha pela memória afetiva e pulsante com esta magnífica ave nas relações entre homem/mulher e natureza.

Do ponto de vista da Antropologia, o mito é o operador do saber tradicional que oferece explicação para a origem do rio, assim como sua significação para a existência, sobrevivência e permanência da comunidade. De acordo com Lévi-Strauss (1985, p. 70), “o mito aparece como um sistema de equações em que os símbolos, nunca nitidamente apercebidos, entram por meio de valores concretos, escolhidos para dar a ilusão de que as equações subjacentes são solúveis.” Desse modo, o mito puxado pelo canto deste magnífico pássaro compõe o sentido do mundo e existência. Vemos isso no cancionário popular que é matizado de referências ao Uirapuru, citado no *Canto do Uirapuru*, toada de 1992 do Boi Caprichoso, a saber:

Lança teu canto Uirapuru
Suplica a preservação
Lança teu canto Uirapuru
E deixa viver essa grande nação.
(Ronaldo Barbosa; Carlos Paulain, 1992)

O canto do Uirapuru vem remeter ao choro de suplica de Iacy, como no mito, pela perda de seu amado. Neste sentido, vem como suplica pela preservação da floresta amazônica. Assim, há mística e mistério no simbolismo ancestral do homem/mulher amazônico com o uirapuru. Um dos primeiros registros científicos de seu canto por um observador foi motivo de comoção, isto se deveu menos porque é uma pequena ave rara de tons marrons de difícil localização, mas, sobretudo, foi por causa de seu mítico canto que permeia o nosso imaginário e as manifestações artísticas da Amazônia.

Embora possam ser significados e símbolos (JUNG, 2002), os pássaros voam para além, pois não se circunscrevem a essa concepção. O nosso imaginário está matizado de plumagens coloridas, voos, sinfonias naturais que arrepiam metamorfoses. Escorrem para se transmutar em belas metáforas da condição humana na Amazônia ancestral que nos alcança pelo veio das manifestações socioculturais.

Portanto, é preciso refletir sobre os mitos ancestrais associados aos contos dos pássaros e sobre a poética ancestral (VIVEIROS DE CASTRO, 2017). No pensamento

perspectivado indígena não há separação ontológica entre natureza e cultura, talvez por isso que na mitologia amazônica praticamente não existam exemplos de animais vestindo-se de humanos, mas sim o contrário, humanos vestindo-se de animais, metamorfoseando-se, como o UIRAPURU.

A forma como se captam os cantos dos pássaros no Parque Nacional do Viruá tem muito a ver com seus significados em como as pessoas sentem esses significados que são pulsantes em suas vidas. Maffesoli (2001, p. 76), elucida que “o imaginário é o estado de espírito de um grupo” e se constitui como cimento social que estabelece vínculo entre as pessoas, nisso o imaginário é sempre coletivo. O significado dos cantos dos pássaros como o Uirapuru é um significado coletivo de toda a Amazônia, estando presente em diferentes etnias.

Estamos falando de “uma força social de ordem espiritual, uma construção mental, que se mantém ambígua, perceptível, mas não quantificável” (IBIDEM, 2001, p. 75). Uma realidade que possui tanto um lado racional quanto algo que se relaciona com a sensibilidade, com o sentimento, com a parte afetiva do ser humano. Por isso, carrega consigo certa imponderabilidade, “certo mistério da criação ou da transfiguração” (IBIDEM, 2001, p. 75), sem deixar de ser real.

Há, como se vê, intrincadas possibilidades de conhecimento científico que estabelecem conexões com os saberes tradicionais. São duas culturas (SKNOW, 1995), que podem dialogar perfeitamente. É preciso o reencantamento do mundo como diz Prigogine (1991), ou como sugere Durand (2004), precisamos de um reencantamento e reconstrução de vínculos afetivos que situam as pessoas no seu espaço de origem, na natureza física e cósmica através de uma bioacústica da vida. De acordo com Gavião-real, morador do entorno do Parque ouvido nesta pesquisa,

As aves são um elo de ligação com todos os humanos, não há quem não conheça ou fale sobre uma ave em sua vida. Eu gosto muito das águias, Gavião Real pela emoção de ter achado um ninho em uma árvore. Essa árvore tornou-se um hotspot de observadores e com isso uma agência de turismo me procurou para montar uma torre de observação e foi onde fizemos um bom dinheiro, além de fazer uma distribuição de renda para famílias do entorno de onde estava o ninho. (Entrevista, 2022)

Para Bachelard (1988, p. 18), a imaginação “não é, como sugere a etimologia, a faculdade de formar imagens da realidade: é a faculdade de formar imagens que ultrapassam a realidade, que cantam a realidade”. Os pássaros e o significado de seus

cantos ultrapassam o real na imaginação dinâmica do movimento de suas asas e o som de seus cantos. Bachelard (2001), recolhe imagens aéreas: horizontes sem fim, espaços abertos, imensidões celestes, sonhos em vôo e de queda, árvores gigantescas, mas principalmente do movimento desmaterializante e da verticalização do tempo: lampejos da eternidade, instantes absolutos em que o mundo para, momentos de sincronicidade em que elementos diversos e até contrários formam uma unidade.

Nas imagens aéreas de movimento como dos pássaros, o mundo dos objetos se torna um universo de relações, de frequências vibracionais. O tempo, torna-se uma dimensão do espacial, considerando a duração e a intensidade dos eventos e em que o pensamento se reconcilia com a imaginação. Os envolvidos com o Parque Nacional do Viruá sentem essas relações com o ambiente e o som dos pássaros. Gavião-real revela essa percepção da seguinte maneira:

Existe uma harmonia e cada pessoa recebe isso de forma diferente pelo que tenho notado. Alguns percebo que recarregam as baterias do corpo, ou seja, enchem de vida em contato com essa experiência. Outros renovam suas vidas, espíritos, voltam as raízes da terra. Cada um é diferente, mas todos pensam o mesmo: preservar é preciso. (Entrevista, 2022)

Observe-se que na fala de Gavião-real aparece uma experiência da topofilia que “é o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico.” (TUAN, 2015, p. 5). Na concepção deste autor, a topofilia expressa atitudes e valores envolvidos nas relações com o meio ambiente, abrindo espaço para preocupações ambientais. Nesse sentido, as percepções ambientais se dão através da visão, mas dos demais sentidos como a audição para uma experiência mais completa com a natureza.

O imaginário é algo que ultrapassa o indivíduo, que impregna o coletivo ou, ao menos, parte do coletivo. Para ele, pode-se falar em “meu” ou “teu” imaginário, mas, quando se examina a situação de quem fala assim, vê-se que o “seu” imaginário corresponde ao imaginário de um grupo no qual se encontra inserido. O imaginário permanece uma dimensão ambiental, uma matriz, uma atmosfera, aquilo que conforme Janz (2012), Walter Benjamin chama de aura. O imaginário no Parque Nacional do Viruá é uma força social de ordem espiritual, uma construção mental, que se mantém ambígua, perceptível, mas não quantificável.

Não vemos a aura, mas podemos senti-la. O imaginário, para mim, é essa aura, é da ordem da aura: uma atmosfera. Algo que envolve e ultrapassa o real. Esta é a ideia fundamental de “Durand: nada se pode compreender da cultura caso não se aceite que

existe uma espécie de algo mais, uma ultrapassagem, uma superação da cultura. Esse algo mais é o que se tenta captar por meio da noção de imaginário” (MAFFESOLI, 2001, p. 75).

O imaginário sobre os pássaros que sobrevoa as mentes humanas do Parque Nacional do Viruá é algo que ultrapassa o indivíduo, que faz transcender seu ser em comunhão com o seu meio, sua comunidade. É um imaginário que conforme Maffesoli (2001, p. 76), “reflete o que chamo de tribalismo. Sei que a crítica moderna vê na atualidade a expressão mais acabada do individualismo. Mas não é esta a minha posição. [...] O imaginário é o estado de espírito de um grupo, [...] nação, de uma comunidade.”

Todos que moram, visitam ou incursionam pelas florestas do Viruá, se deixam entrelaçar pela beleza dos pássaros e seus magníficos cantos. O lugar transcende-se em formas ecológicas de se pensar, despertando em seus moradores valores ambientais. O senso de proteção da biodiversidade no Parque Nacional do Viruá brota do próprio lugar e das pessoas que se relacionam com este ambiente, onde abrolha uma ecoética da vida e uma poética dos pássaros.

CAPÍTULO III – A ACÚSTICA DOS PÁSSAROS NO PARQUE NACIONAL DO VIRUÁ

Ao nascer, o sol se apresenta em um espetáculo de cores e sensações.
(Mayara Benatti)

3.1 Relação de reciprocidade entre os moradores, os pássaros e o parque

O amanhecer no Parque Nacional do Viruá é marcado não apenas pelo sol tocando todas as coisas, mas pela sonoridade acústica do canto dos pássaros que floresce com o nascer do dia. É uma paisagem acústica que clareia o ambiente e o lugar carregado de simbologias, cores, plumagens, ritmos e sons. Nesta etnografia do amanhecer, “a razão não se divorcia do símbolo, e a ciência não se divorcia da vida. (VERGANI, 1997, p. 7). O nascer do sol dá harmonia e fertilidade a tudo que toca.



Figura 9: O amanhecer no Parque Nacional do Viruá
Fonte: Jorge Pavani, 2019.

O Parque Nacional do Viruá como campo de pesquisa, não é apenas uma localização espacial de perspectiva investigativa. Nele se inserem diversos processos cognitivos que instituem sentidos e entrelaçam a representação de uma realidade aos olhos da ciência que captam o lugar através de percepções na tessitura do conhecimento.

O campo de pesquisa é sempre um terreno que necessita ser desbravado com cuidado pelo fato de ser misterioso, desconhecido e instigativo. Isto exige atenção tanto do ponto de vista teórico-cognitivo, quanto do ponto de vista do campo da empiria. Para desbravar o locus da pesquisa, se faz necessário passar por um processo de formação que não é só no âmbito dos aspectos metodológicos e teóricos-operativos, mas sobretudo no que diz respeito ao desbravamento do campo e os sujeitos envolvidos.

O contato primeiro com a fauna e flora do parque ocorreu em meio a uma visão fenomenológica que, para Merleau-Ponty (1999), são as coisas primeiras. Para este mesmo autor, as reflexões com a natureza, são “como a geografia em relação à paisagem – primeiramente nós aprendemos o que é uma floresta, um prado ou um riacho.” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 4). A apropriação do ambiente do campo de pesquisa é fundamental para o registro etnográfico e para a relação profunda com o mesmo.

Torna-se pertinente descrever brevemente as primeiras impressões que tivemos no Parque Nacional do Viruá. A primeira viagem ao campo de pesquisa ocorreu num percurso de 2 horas partindo de Boa Vista, em transporte coletivo. Avistamos durante o percurso da viagem as campinaranas que formavam uma ecorregião particular abrangendo a bacia do alto Rio Negro e seus afluentes. A vegetação, que inclui o gradiente entre campos com arbustos e florestas, tinha em comum o fato de crescer sobre areia branca muito pobre em nutrientes que sofre encharcamento, ou mesmo inundação, durante uma parte do ano. A enorme área coberta por areias é sujeita à inundações na bacia do baixo Rio Branco e se estende até o Rio Negro, formando o Pantanal Setentrional roraimense, o qual é bem menos conhecido que seu primo mato-grossense, mas não menos importante ou interessante.

Este é um ambiente hostil devido ao solo pobre, calor e oscilação do nível da água e as plantas que reciclam todos os nutrientes que se defendem de herbívoros com substâncias que, quando as folhas finalmente se decompõem, dão a cor escura a rios como o Negro. O potencial agrícola do Pantanal Setentrional e das campinaranas é zero e sua fragilidade é alta, o que é uma das justificativas para proteger a região do parque.

As areias brancas que ditam onde as campinaranas crescem são herança de antigos “megaleques” fluviais, deltas internos de rios que, em períodos quando o clima era mais árido, morriam no interior do continente sem atingir o mar, deixando ali a

areia que carregavam. Outra lembrança de períodos mais secos são paleodunas gigantes no centro do parque, hoje imobilizadas pela vegetação que cresce graças ao atual clima úmido. Para quem gosta de geologia e geomorfologia bem interessante.

As campinaranas cobrem em torno de 45% do parque, boa parte sujeita às inundações que estragaram os planos dos engenheiros da BR. Vejamos a imagem a seguir:



Figura 10: Estradas para o Parque Nacional do Viruá
Fonte: Jorge Pavani, 2019.

O restante é de matas de terra firme, igapós junto aos rios de água preta (como o Anauá e o Baruana) e matas de várzea associadas ao Rio Branco (que é um rio de água branca). As águas tem forte influência na vida humana e não humana dentro do parque. Nesse sentido, Bachelard (2013, p. 198) afirma que, “se escutássemos as trombas e as rajadas, se estudássemos juntos os gritos e as caricaturas da gárgula [...], poderíamos perceber que o sino das águas é como sinos meio loucos com sons glaucos que soam com um certo verdor”.

Esse mosaico de habitats resulta em uma tremenda riqueza de espécies. “O Parque Nacional do Viruá é uma reserva de vida selvagem que preserva espécies vegetais e animais raras e endêmicas num ambiente com características únicas considerando todo o planeta.” (Curió, 53 anos, entrevista, 2022). Este mesmo entrevistado revela o seguinte:

O Parque Nacional do Viruá apresenta características geográficas, de fauna e de flora únicas no mundo o que naturalmente atrai o interesse de qualquer amante da natureza como eu. Me sinto privilegiado por ter acesso a um ambiente com características tão especiais como o Viruá. O Parque Nacional do Viruá atrai meu interesse em desvendar

os segredos de um espaço com características únicas que pode abrigar espécies raras e desconhecidas. Visito o Parque sempre que possível. (Entrevista, 2022).

O Parque Nacional do Viruá chama a atenção por suas características espaciais, os segredos das águas, das matas e as espécies animais misteriosas. Na espiritualidade de quem se envolve com este lugar, se tece o imaginário e o mítico. Entram em cena os seres sobrenaturais, bem como as simbologias do lugar que trazem presságios positivos e negativos. Trata-se de representação mítica do imaginário social que se personifica em seres que habitam a floresta e os rios, a quem são atribuídos significados, valoração e simbologia. Para Lévi-Strauss (1985, p. 70), “o mito aparece como um sistema de equações em que os símbolos, nunca nitidamente apercebidos, entram por meio de valores concretos, escolhidos para dar a ilusão de que as equações subjacentes são solúveis”.

As aves se entrelaçam às relações míticas e simbólicas e inspiram um cuidado com natureza e zelo pela vida dos seres não humanos. Tal zelo floresce do “elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico” (TUAN, 2015, p. 5). Trata-se de uma topofilia, conceito criado por Yi-Fu Tuan para definir o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou o ambiente físico nas percepções, atitudes e valores envolvidos nas relações com o meio ambiente.

Para este autor, a experiência é constituída de sentimento e pensamento. O sentimento humano não é uma sucessão de sensações distintas, inclui a memória e a intuição que produzem impactos sensoriais no fluxo das experiências humanas. Dentro do Parque Nacional do Viruá, o sentimento das pessoas pela natureza e as aves se mistura a uma vida de pensamentos afetivos com a biodiversidade. As identidades que se formam após a criação do Parque Nacional do Viruá, com seus visitantes, pesquisadores, fotógrafos e observadores de pássaros que ali residem, são o resgate do passado ancestral de uma história sobre o lugar e si mesmos conferindo-lhes significações para o presente. O fotógrafo Curió revela as aspirações com este ambiente, nos seguintes termos:

Minha relação com as aves vem junto com as primeiras lembranças da infância. Sempre fui consciente das espécies que habitam os ambientes que frequento e tenho grande interesse em conhecer todas as características desses seres movido pela curiosidade e pelo encantamento que me despertam. Atualmente fotógrafo aves e colaboro com sites de mapeamento da ocorrência das diferentes espécies de aves no território nacional (Entrevista, 2022).

A relação com as aves e o meio ambiente rememoram a um devaneio voltado para a infância. Conforme Bachelard (1988, p. 93), quando, “na solidão, sonhando mais longamente, vamos para longe do presente reviver os tempos da primeira vida, vários rostos de criança vêm ao nosso encontro. Fomos muitos na vida ensaiada, na nossa vida primitiva.” As marcas da infância são marcas indelévels e sensibilizam a vida para o devaneio poético, onde sente-se filha do cosmos a partir do momento em que o mundo humano lhe deixa em paz. São significações das atitudes e valores ambientais que colaboram para a percepção de como os seres respondem ao seu ambiente físico.

Os moradores e as demais pessoas que se relacionam com o Parque Nacional do Viruá sentem o lugar tornando-o afetivo. Para Tuan (2015), nas experiências com o lugar se constitui o sentir no dia a dia e através do tempo. É uma mistura singular de vistas, sons e cheiros, uma harmonia ímpar de ritmos naturais e artificiais, como a hora de o sol nascer e se pôr, de trabalhar e brincar. Sentir um lugar é registrado pelos nossos músculos e ossos. (BARBOSA, 2018). O corpo se faz de vetor das relações ambientais. A condição do corpo se dá na forma como captamos as tensões e isso se dá no que Le Breton (2007, p. 7) denomina de sociologia do corpo, a saber:

A sociologia do corpo constitui um capítulo da sociologia especialmente dedicado à compreensão da corporeidade humana como fenômeno social e cultural, motivo simbólico, objeto de representações e imaginários. Sugere que as ações que tecem a trama da vida cotidiana, das mais fúteis ou das menos concretas até aquelas que ocorrem na cena pública, envolvem a mediação da corporeidade; fosse tão-somente pela atividade perceptiva que o homem desenvolve a cada instante e que lhe permite ver, ouvir, saborear, sentir, tocar e, assim, colocar significações precisas no mundo que o cerca.

Moldado no contexto social, o corpo está entrelaçado ao imaginário e o simbólico e veicula as relações com o mundo através das sensações e tensões. Isso se desenvolve nas atividades perceptivas, bem como na expressão dos sentimentos. Antes de ser imaginária e simbólica, a existência é corporal e constitui nossas relações primeiras com o mundo. Através do corpo, sente-se as forças do universo e da vida, o frio, calor, vibrações, sons e o vento no rosto.

Na relação de afetividade presente nas falas dos sujeitos desta pesquisa, ao se reportarem a símbolos, aparece o Parque Nacional do Viruá como vetor semântico

carregado de valores ambientais. Dentro das afeições, familiaridades e na afetividade com esse lugar e seus símbolos faunísticos constrói-se a sensação de pertencimento ao lugar e a ideia de que esse lugar lhe pertence. Estamos nos referindo a uma consciência do passado, mas um passado que não está na linearidade do tempo, e sim nas forças ancestrais que evocam sentimentos de afetividade que leva a construir laços de amor pelo lugar. Os indivíduos não são mais individuais ou pensam apenas em si mesmos, são membros de uma coletividade em que os símbolos expressam valores e, a partir disso, criam uma memória comum voltada para a simbologia, enaltecendo e classificando-a como o melhor lugar para se viver. Um dos moradores entrevistados do entorno do parque ouvido neste estudo expressa o seguinte sentimento para com o parque:

Para Jacamaraju (53 anos), um dos sujeitos ouvidos nesta pesquisa,

Pessoalmente, para mim o parque traz momentos de tranquilidade e reflexão, pois os ambientes naturais me deixam bem à vontade. O parque é a unidade mais importante de Roraima para mim. O parque representa a nossa melhor oportunidade de envolver a comunidade de Caracará e vilas próximas, ou seja, se as pessoas o conhecerem vão se sentir apropriadas dele e a função da unidade, com isso, se confirma. (Entrevista, 2022).

Alguns autores como Haesbaert (1999), ao tratar da questão da identidade social, reforça que identificar-se no âmbito humano-social, é sempre identificar-se, dentro de um processo reflexivo num processo dialógica das relações sociais e ambientais. No caso dos moradores das comunidades, sua identificação com o Parque Nacional do Viruá está em curso e sempre em processo/relação.

A identificação dos moradores com o lugar confere-lhes poder e posse sobre os símbolos que o representam e que recebem outros tantos significados. Em Tuan (2015), o lugar ou o meio ambiente são produtores de imagem para a topofilia, pois esta é mais que um sentimento difuso, sem nenhuma ligação emocional. O meio ambiente fornece o estímulo sensorial que, ao agir como imagem percebida, dá forma às nossas alegrias e ideais.

Essas relações afetuosas são o que Deleuze e Guattari (2012) pensam como relação poética que floresce nos perceptos e afectos que formam um conjunto de sensações independente de quem os sente. As afecções são os devires que transbordam as forças daquele que passa por eles. Ambos são imbricados na experiência, por exemplo, quando encontramos um pássaro e nos pegamos ouvindo seu canto num

estado devaneante. Os pássaros não apenas semeiam, eles também polinizam redes simbólicas e imaginárias. Pode-se perceber nesse processo o conceito de topofilia ou elo afetivo entre o sujeito e o espaço, bem como entre o sujeito e os demais sujeitos no espaço em questão.

Tuan (1983) afirma ser essa relação o determinante de valor atribuído ao espaço, quando há diferença entre a visão do visitante e a do morador de determinado espaço, uma diferença meramente estética do primeiro e mais abrangente do segundo, constância entre os grupos socioculturais em conceberem o mundo e o cosmos a partir de um referencial etnocêntrico. As visões de mundo ecológicas são provenientes dessas construções de afectos e perceptos relacionados com a natureza.

Para Tuan (2015) o lugar ou meio ambiente é o veículo de acontecimentos emocionalmente fortes ou é percebido como um símbolo. As mudanças ocorridas neste lugar, mesmo sendo ameaçadores à vida social de seus habitantes, estão engessadas pelas lembranças afetivas do passado, influenciadas fortemente pelas imagens ideais construídas pelos moradores, porquanto, no Parque Nacional do Viruá, as pessoas percebem-se como comunidade, sendo tal fator um dos contribuintes para a afetividade.

As experiências íntimas e diretas envolvem apreensões simbólicas. O mapa mental utilizado é o do saber vivenciado, experienciado que abrange, além da visão, as representações e interpretações do que há ao redor (BARBOSA, 2018). Tuan (1983) analisa as diferentes maneiras como as pessoas sentem e conhecem o espaço e o lugar e salienta como o homem/mulher experenciam e entende o mundo. Para ele, lugar é segurança, é também a liberdade que o indivíduo sente quando se apega ao lugar. Afirma que o lugar se singulariza a partir de visões subjetivas vinculadas a percepções emotivas, a exemplo do sentimento topofílico. Para este autor,

O lugar ou o meio ambiente são produtores de imagem para a topofilia, pois esta é mais que um sentimento difuso, sem nenhuma ligação emocional. O meio ambiente fornece o estímulo sensorial que, ao agir como imagem percebida, dá forma às nossas alegrias e ideais. (TUAN, 2015, p. 129)

Tais laços de afetividade que ligam o homem/mulher, abstrata ou concretamente, ao lugar vivido despertam sentimentos e provocam relatos e referências verbais e/ou escritas de poetas, intelectuais e mesmo cidadãos comuns, os quais buscam evocar a alma dos lugares, captam e descrevem o desempenho dos seres humanos, a fixação aos lugares, o cotidiano, o transcendental, a nostalgia, enfim uma gama ampla de motivos e emoções.

O sentimento incorporado à cultura local contribui para a formação da identidade do Parque Nacional do Viruá e este sentido de identidade envolve satisfação, percepção, felicidade e o simbolismo que é o somatório das experiências para esta construção. Este sentimento emerge das relações simbólicas com a natureza, sentimento que se traduz inconscientemente na palavra ecologia. Capra (1996, p. 17), chama a atenção para o fato de que se faz emergente uma mudança de percepção que “não separa os seres humanos – ou qualquer outra coisa do meio ambiente natural.” Deve-se reconhecer o valor intrínseco de todos os seres vivos interconectados e interdependentes dentro da natureza, e conceber os seres humanos como um fio da teia da vida.

A vida de mulheres e homens no Parque Nacional do Viruá é tecida na paisagem acústica da floresta que se compõem nas árvores, águas, terra e o canto das aves e formam o grande tecido da vida. As vidas são vividas não dentro dos lugares, mas através, em torno, para e de lugares em outros lugares. “Cada entrelaçamento é um nó, e quanto mais essas linhas vitais estão entrelaçadas, maior é a densidade do nó. Juntos formam o que chamei de malha” (INGOLD, 2015, p. 219-220)

Na compreensão dos sistemas vivos em Capra (1996), tidos como teias, a relação simbólica do canto dos pássaros no Parque Nacional do Viruá se compõe como tecido em redes de vida. As redes vivas e as redes simbólicas se interconectam entre si no processo de formação da identidade e pertencimento, interagindo nas relações sociais, ambientais e subjetivas. De tal modo, o homem/mulher e suas relações com a natureza, nos permitem redirecionar a consciência do egocentrismo para o ecocentrismo da ecologia profunda, como sugere Capra (1996).

Na era planetária, o tratamento da Terra como mãe, reativa nossas relações de afeto, carinho e amor com a natureza – sentimentos tidos por uma mãe a despertar atitudes e valores com o meio ambiente. Sob esse ponto de vista, Capra (1996), aborda as interpretações subjetivas como está na relação com o mundo exterior, do social, animal, vegetal e cósmico. Essa cosmovisão é uma topofilia no elo do ser com o lugar e o meio ambiente, consciência contemporânea a buscar novas maneiras de habitar o planeta em meio ao aquecimento global, o desequilíbrio ecológico e climático.

Capra(2014) aponta a crise do meio ambiente, da mudança climática, energética e alimentar como problemas que não podem mais ser compreendidos isoladamente. São problemas sistêmicos conectados e interdependentes. A maior evidência destas conexões e interdependências é o aparecimento delas na cultura dos povos, pois são interfaces de uma única crise, a crise de percepção.

A visão sistêmica na crítica ao sentido de natureza mostra que a natureza não é instrumento de nossa vontade, pois somos parte da natureza e estamos dentro dela interconectados aos sistemas vivos. A teia da vida de Capra (1996) mostra que somos apenas uma das linhas que compõem a grande teia viva que tece a vida no planeta, dos pequenos micro-organismos aos grandes animais. Deve-se superar a metáfora do egocentrismo, pois a nova compreensão científica da vida nada está acima ou abaixo, mas sempre no meio em interdependências ocultas.

A ecologia profunda de Capra não se refere ecossistemas segregadores, isto é, homens e mulheres vivendo em um e pássaros em outro. Na verdade, a ecologia profunda é justamente o compartilhar sutil e equilibrado dos seres no mesmo ecossistema vivo, inter-relacionando-se constantemente num processo auto-regulador em que um depende do outro, e porque não dizer autopoietico (MATURANA, VARELLA, 1995). O âmago desta propositura repousa na defesa do valor inerente de todos os seres vivos, e não coloca o homem como estando fora ou dominando a natureza (ECOLOGIA RASA), mas sim como parte integrante de uma rede conectada.

Não há como não pensar na aproximação com o pensamento indígena. O perspectivismo ameríndio de Viveiros de Castro (2017), inscrito no seio de uma teoria-prática de descolonização do pensamento, opõe-se às assimetrias (dualismos) dogmáticas que a filosofia ocidental nos legou, em particular a separação entre natureza e cultura. Ao repensar a relação entre humanos e não humanos, assim como entre natureza e cultura, novos registros se abrem para se pensar diferente. Fizemos referência a relação poietica, mas não quero dizer que ela seja “harmoniosa”, “perfeita”, “equilibrada”, há sempre contradições e ruídos que, acredito, sua pesquisa também pode e deve desvelar. Pensá-la desse modo é recair em equívoco. Existe uma grande luta para inserir as comunidades dentro desta lógica de conservação.

Esforços vem sendo feitos para uma mudança de percepção e integração das comunidades com o Parque Nacional do Viruá dentro de uma única comunidade de conservação. O conceito de comunidade possui uma múltipla expansão para além dos limites territoriais e da geografia do lugar. Como pudemos observar nesta descrição do amanhecer e o canto dos pássaros, a comunidade no Parque Nacional do Viruá vai se fazendo dentro dos processos socioculturais de forma ecológica, enquanto comunidade emocional (MAFFESOLI, 2014).

A comunidade se faz no próprio fazer de seus moradores que se constroem a si próprios em meio às vicissitudes, sensações e tensões de acontecimentos. Deleuze (1992,

p. 124) nos lembra que quando nos interpela perguntando “quais são os nossos modos de existência, nossas possibilidades de vida ou nossos processos de subjetivação; será que temos maneiras de nos constituirmos como sujeitos e, como diria Nietzsche, maneiras suficientemente artísticas?”. O conhecimento ecológico tecido no lugar e através do lugar carregado de sonoridades respondem a esta pergunta e toda sua virtuosidade semântica de sentidos, valores e virtudes ambientais.

A paisagem sonora da floresta e a dança dos pássaros cantantes é a *sui generis* já que sua biodiversidade é rica, única e isso tem grande impacto na impressão dos visitantes. A vida tem esses momentos de êxtases aos olhos dos que contemplam, sentem a fragrância do verde e a beleza colorida das aves. Nos distanciando do amanhecer, nos deparamos com o entardecer que convida à noite e seus mistérios cobrindo o Parque Nacional do Viruá em escuridão e atentando os ouvidos a outras sonoridades.

3.2 A rede de observadores de pássaros pelos sinais dos cantos

As reservas dos pássaros vêm chamando a atenção dos pesquisadores, especialmente os biólogos, desde a emergência da institucionalização dos parques de conservação que passam também a se constituir em laboratórios de pesquisas. Outro grupo importante a se destacar neste processo são as redes de observadores de pássaros pelos sinais de seus cantos, plumagem e beleza natural.

O reconhecimento de sítios importantes para a conservação das zonas úmidas é um instrumento adotado pelos países signatários da Convenção de Ramsar para promover a conservação e o uso sustentável dos ecossistemas úmidos em todo o mundo. Soma-se a isto, o fato de os parques nacionais constituírem-se em espaços capazes de atrair, no contexto do turismo de selva que, no caso da Amazônia, é uma atração muito procurada. Trata-se do turismo de base comunitária. O turismo comunitário não é apenas uma atividade produtiva, mas procura também ressaltar o papel fundamental da ética e da cooperação nas relações sociais.

A rede de observadores de pássaros se insere dentro do turismo de base comunitária, pois através dele desenvolve suas atividades, seja na mera admiração das aves à pesquisa científica e registro dessas aves. Os parques nacionais são unidades de conservação. São laboratórios voltados para o estudo dos ecossistemas. Busca

visibilizar ações estruturantes de manutenção, manejo, monitoramento para a conservação da biodiversidade em atendimento aos compromissos firmados em acordos internacionais, no sentido de construir condições de controle, com processos inclusivos, ambientalmente corretos e sustentavelmente.

Os ciclos naturais necessitam de políticas e ação indutora voltadas para a potencialização da vida natural dentro do parque, incluindo nesse processo as aves migratórias, suas revoadas, seu canto. O equilíbrio das questões climáticas, o ciclo das águas, o fluxo das cadeias alimentares e as relações de reciprocidade entre os humanos e o ecossistema vivo, dentre outros fatores, são fundamentais para a sustentabilidade do Parque Nacional do Viruá.

Os estudos no campo das manifestações simbólicas no tema da sonorização dos pássaros e sua revoada sobre os ecossistemas, são raros e pouco pesquisado no âmbito das Ciências Sociais. Não se trata, pois, só de uma simbologia faunística. A revoada dos pássaros é perene e densa de elementos capazes de contribuir para a vida do ecossistema. Para Durkheim (1989, p.59), “sob o símbolo é preciso saber atingir a realidade que ele expressa e que lhe dá a sua verdadeira significação”. O sinal do canto dos pássaros tem suas simbologias que atingem de forma catártica a realidade que se configura nas relações simbólicas e imaginárias das pessoas com os pássaros. A identificação do sinal do canto dos pássaros expressa esta relação. Ao falar sobre como se identificam as aves e quais os pássaros nas trilhas com maior evidência de interação durante a atividade de observação, o fotógrafo Gavião-real desenha a seguinte questão:

A devastação se dá primeiro ao ambiente, bioma, depois cantos e cores, formato e tipo de voo. É bem complexo o uso de trilha para observar aves, pois uma responde e é identificada hoje e amanhã pode não responder. Mas geralmente defendem território, e ficam num raio determinado pelo ninho ou onde está a fêmea. Depende muito da época reprodutiva, mas no começo das chuvas aves de floresta no caso do Parna vão responder bem ao playback ou som que chama as aves. Nesta época as aves vão ter alimentos como insetos, flores e frutos, essa abundancia de alimentos torna a época reprodutiva muito mais fácil. (Entrevista, 2022).

A observação dos pássaros pelos sinais de seus cantos é uma observação atenta e precisa, perto do pássaro, por dentro e não de fora ou distante. Parte de um ponto de vista na percepção humana num olhar ecocêntrico da vida como sugere Capra (1996), pois o nosso mundo é a nossa visão de mundo. Numa rede de observadores de pássaros percebemos que esta observação depende de um olhar individual mas que se estrutura

em outros múltiplos observadores que representam tantas realidades. Conforme Mariotti (1999, p. 2),

O observador não é separado dos fenômenos que observa. Se somos determinados pelo modo como se interligam e funcionam as partes de que somos feitos (ou seja, pela nossa estrutura), o ambiente só desencadeia em nós o que essa estrutura permite. Um gato percebe o mundo e interage com ele de acordo com sua estrutura de gato, jamais com uma configuração que não tem, como a de um ser humano, por exemplo. Não vemos um rato da mesma forma que o vê um gato.

A observação das aves não está numa objetividade, mas na multiplicidade de seus observadores que veem de inúmeras formas. Para Maturana e Varela (1995), quando alguém diz que está sendo objetivo, na realidade está afirmando que tem acesso a uma forma privilegiada de ver o mundo e que esse privilégio lhe confere alguma autoridade, que pressupõe a submissão de quem não é objetivo. De acordo com Mariotti (1999), essa é uma das bases da chamada argumentação lógica. Nossos condicionamentos nos levaram a ver o mundo como um objeto. Imaginamos que estamos separados dele. E vamos mais longe: por meio do ego, achamos que somos observadores afastados até de nós mesmos. Para este mesmo autor,

Para que possamos exercer essa suposta objetividade, é necessário que estabeleçamos uma fronteira, uma divisão entre o ego e o mundo e também entre o ego e o restante de nossa totalidade. Dessa forma, dividimo-nos. E se nos tornamos divididos, o mesmo acontecerá ao nosso conhecimento, que por isso resultará limitado. Eis o que conseguimos, com nossa pretensa objetividade: uma visão de mundo fragmentada e restrita. É a partir dela que nos imaginamos autorizados a julgar e condenar a "não-objetividade" e a "intuitividade" de quem não concorda conosco. (MARIOTTI, 1999, p. 27)

A partir de uma visão dividida e limitada, pretendemos chegar à verdade e mostra-lá aos outros, uma verdade que julgamos ser a mesma para todos. No Parque Nacional do Viruá, diante dos pássaros, demais seres vivos, coisas e eventos, o pensamento linear fragmentado analisa as partes separadas sem buscar as relações dinâmicas com o mundo. Para tanto, deve-se se sair de um pensamento linear e sem dinamismo para um pensamento que englobe o pensamento sistêmico no encaixar das relações dialógicas da vida. Este é o pensamento que sugere Morin (2008).

Dentro desta lógica que o patrimônio ambiental deve ser pensado. O patrimônio ambiental é o conjunto de bens naturais de um país e que lhe prove valor

econômico, ecológico, cultural, espiritual, paisagístico, histórico e social, podendo ser considerado como seu patrimônio ambiental. Esse patrimônio deve ser protegido e conservado por todos através de atitudes de vida e consumo mais conscientes. Embora uma pessoa ou grupos de pessoas possam ter menos efetividade e impacto em suas iniciativas do que os líderes políticos e os diretores de grandes empresas, as ações individuais e locais contribuem para grandes mudanças.

De acordo com Dextro (2015, p.1), “quando um bem possui um dono claro, estipulado por lei, fica fácil cobrar medidas de controle e proteção”. O patrimônio ambiental do mundo muitas vezes recai sobre o estado de maneira abstrata, sem que exista mecanismos eficientes de monitoramento das ações consideradas como sustentáveis. A corrupção e ambição humana agravam esse cenário, pois em muitas situações, indivíduos ou corporações com grande influência política ou econômica conseguem alterar decisões chave que podem pôr em risco atos ambientalistas de proteção do meio ambiente.

Organizações civis como ONGs ganham um papel de protagonismo ao redor do mundo ao trazer para o debate ambiental a responsabilidade de cada cidadão na preservação dos recursos naturais e da biodiversidade para as gerações futuras. Isto, com efeito, não exclui o dever dos tomadores de decisão atuais. Cobrar as autoridades é essencial, mas implementar medidas simples em nossas vidas é uma atitude prática e imediata que impacta a nós mesmos e aqueles que vivem ao nosso redor. Reciclar o lixo, evitar o consumo dos produtos de empresas que não possuam certificações ambientais e buscar informações acerca de sustentabilidade e educação ambiental são alguns exemplos de ações pessoais simples que reduzem os nossos impactos sobre o meio ambiente. Para Jacamaraju, ouvido neste estudo,

O parque tem problemas com grandes incidentes de incêndios florestais que estão alterando a vegetação de campinarana por onde passam de forma recorrente, e isso é nossa prioridade de trabalho, reduzir esses eventos e aumentar seus ciclos. É notório por mim, mesmo não sendo conhecedor do assunto, que as aves são os recursos naturais de maior valor para implementar políticas de gestão para a unidade, mas percebo ser de um público bem específico. (Entrevista 2022)

Note-se que a fala de Jacamaraju é enfático em apontar o parque como bem perene, um patrimônio ambiental. Intimamente relacionada com a proeminência da

questão ambiental¹⁹ no debate público, a sociologia ambiental começa a delinear seus contornos no início da década de 1970. Hannigan (1997) considera como marco o movimento Earth Day 1970, que reuniu milhões de participantes e, à época, foi interpretado como o "dia primeiro" do ambientalismo²⁰. De acordo com este autor, esse evento seria o ponto de partida para a "inauguração do decênio ambiental", a partir do qual os sociólogos se depararam com a circunstância de não ter nenhum corpo teórico ou investigação para os guiar no sentido de uma interpretação particularizada da relação entre a sociedade e a natureza. (HANNIGAN, 1997, p. 15). Isso se deveria ao fato de os pioneiros sociológicos clássicos, Karl Marx, Max Weber e Émile Durkheim terem deixado um legado fortemente antropocêntrico, incorporado constitutivamente à sociologia moderna.

Nessa mesma linha de interpretação, Mattedi (2003), ao analisar as contribuições dos três autores clássicos, considera que a preocupação dos sociólogos com a relação sociedade-natureza reduzia-se ao modo como as sociedades tradicionais haviam sido limitadas pelo natural, em contraposição às sociedades modernas, que, nestas interpretações, teriam conseguido superar alguns dos limites naturais. Nesse sentido, a sociologia ambiental poderia ser considerada uma crítica aos fundadores da sociologia pela falta de atenção às bases materiais biofísicas da existência humana. (BUTTEL; HUMPHREY, 1982).

Constituída, portanto, a partir do objetivo de resgatar a materialidade às análises sociológicas, está na raiz da sociologia ambiental a constatação de que sociedade e natureza devem ser analisadas de forma interligada. No entanto, um de seus principais expoentes, Frederick Buttel, define como objeto de estudo da sociologia ambiental "os valores culturais e crenças que motivam as pessoas a usarem

¹⁹ A configuração do ambiente como uma verdadeira "questão" já subentende a consideração não apenas dos problemas ambientais decorrentes da intensificação do modelo urbano-industrial de desenvolvimento, mas também o debate político e institucionalizado acerca desses problemas. (GERHARDT; ALMEIDA, 2005). Essa questão configura-se como uma interrogação institucionalizada que mobiliza e organiza as representações coletivas. A criação de ministérios públicos do meio ambiente consagra a "questão ambiental" como tema inserido no "espaço público". Algumas evidências podem ser apresentadas de imediato: a) o ambiente como trunfo político, entrando no jogo institucional da democracia regido pelo voto e pelos partidos; b) o lobby ecologista; e c) a construção de uma "opinião pública" cada vez mais sensibilizada pelos problemas ambientais (por exemplo, a exploração de situações locais e em nível regional de conflitos para mostrar a legitimidade das posições ecologistas). (JOLLIVET; PAVÉ, 1993; ALMEIDA, 2002).

²⁰ Outros eventos importantes nesta época foram o Clube de Roma e seu relatório Meadows (1972) e a Conferência da ONU, em Estocolmo (1972).

o meio ambiente num sentido particular, e suas eventuais implicações para o consenso e o conflito social". (BUTTEL; HUMPHREY, 1982, p. 4).

Percebe-se, então, que há um realismo premente nesta concepção da relação sociedade-natureza, em que o ambiente é uno e está situado fora das sociedades para ser usado, de forma particular, pelas sociedades em diferentes contextos históricos e/ou culturais. Buttel destaca ainda uma condição ambivalente do ser humano, como ser biológico e social, o que causaria uma também ambivalência entre a biologia e a sociologia como disciplinas para se estudar o humano em sua ecologia e sociabilidade. (BUTTEL, 1992, p. 70).

A rede de observadores de pássaros viabiliza a união entre ecologia e sociabilidade. Essas evidências podem ser identificadas na fala de Gavião-real, nos seguintes termos:

As aves sempre recebem o carisma dos que as observam, sejam pelo canto, cores e comportamento. São também excelentes bioindicadores qualidade de vida e ambiente natural. A preservação do bioma amazônico é de extrema importância para a humanidade. Aves endêmicas do parque são as mais interessantes, porém tudo que aparecer vale um bom registro. Aves em voo, nadando, cantando, alimentando-se, brigando, construindo ninho e alimentando filhotes. Para construção de guias impressos sempre a ave de lateral como uma prancha científica do bicho. As aves junto com outras espécies são bioindicadores de qualidade ambiental da UC fazendo do parque o maior espaço de conservação da fauna e flora de Roraima, e isso posteriormente se estende para o ser humano (Entrevista, 2022).

Os pássaros possuem um papel fundamental na preservação do Parque Nacional do Viruá que transborda sua função biológica na teia da vida. Dentro de uma lógica de encantamento os pássaros despertam nas pessoas o afeto, carinho e cuidado com o lugar. Quem visita este lugar se deixa envolver pela paisagem acústica da floresta na exuberância da fauna, no colorido das aves e seus cantos. Isso nos leva a “reconhecer nosso duplo enraizamento no cosmos físico e na esfera viva e, ao mesmo tempo, nosso desenraizamento propriamente humano. Estamos simultaneamente dentro e fora da natureza”. (MORIN, 2000, p. 46). A presença forte das aves gera bem-estar e vitalidade de vida aos seus moradores e visitantes. Vejamos:

É certo que existe um número excepcional de aves no Parna Viruá, porém é difícil de ver todas, mas é bem prazeroso observar, fotografar, gravar e mostrar tudo isso para o observador de aves (cliente) que visita o Parna. Certo de que sempre será uma surpresa a visita ao parque para observar aves, tanto para a observação de aves, borboletas

e alguns mamíferos com sorte. São frequentes as observação de pegadas de onças que aguçam a imaginação do visitante. Porem bem difícil vê-las no Parna. (Gavião-real, 58 anos, Entrevista, 2022)

Observe-se que Gavião-real deixa claro que os pássaros têm um sentido de território e lugar no sentido biológico, os humanos também compartilham desta premissa. Existe uma seriedade na preocupação com a natureza e a qualidade do meio ambiente por parte dos observadores. No entanto, diferente dos pássaros, “o ser humano está ao mesmo tempo no plano do animal, da fantasia e do cálculo, experiência e entende o mundo.” (TUAN, 1983, p. 7). Portanto, três relações se entrelaçam. Primeiramente os fatores biológicos, em seguida as relações com o espaço e o lugar e, pôr fim, a amplitude da experiência. Isso ocorre dentro das unidades de conservação, onde funciona a rede de observadores de pássaros. Vejamos:



Figura 11: Observadores de pássaros em unidade de conservação no Parque Nacional do Viruá
Fonte: Jorge Pavani, 2020.



Figura 12: Observadores de pássaros em unidade de conservação no Parque Nacional do Viruá
Fonte: Jorge Pavani, 2020.

Essas unidades de conservação destinam-se à preservação integral de áreas naturais onde atividades de exploração ou aproveitamento dos recursos naturais estão totalmente restringidas, admitindo-se apenas o aproveitamento indireto dos seus benefícios. Os parques nacionais, reservas biológicas e estações ecológicas têm, entre seus objetivos, a preservação de amostras de ecossistemas representativos, de espécies raras e/ou ameaçadas de extinção e de paisagens cênicas.

Os parques nacionais permitem a visitação, de modo que, o público, tenha oportunidade de descobrir e desfrutar as belezas e qualidades da recreação e do lazer natural no chamado ecoturismo, além de desenvolver programas de educação ambiental sobre preservação e biodiversidade, proporcionando novas informações com vistas ao empoderamento dos povos tradicionais frente aos desafios da preservação e conservação do patrimônio ambiental.

A democratização dos conhecimentos no parque torna-se vetor de crescimento eficaz e assegurada pelos Direitos Humanos, em que a cidadania exercida pelos sujeitos locais se faz presente por meio da educação não-formal, sobretudo no que diz respeito à educação difusa realizadas pelos agentes do Parque Nacional do Viruá e pelos agentes da ciência, que promovem a qualificação profissional, socialização de técnicas, possibilitando inclusive o seu posicionamento por meio de contratações nas distintas frente de pesquisa e atividades socioculturais proveniente das atividades interdisciplinares, transversais e multidisciplinares. Conforme o fotógrafo e observador de pássaros Gavião-real, as principais aves ícones do Parque Nacional do Viruá são as seguintes:

Aprositornis disjuncta - Formigueiro-de-yapacana; *Dolospingus fringilloides* - Papa-capim-de-coleira; *Hypocnemis flavescens* - Cantador-sulfúreo; *Rhytipterna immunda* - Vissíá-cantor; *Pauxi tomentosa* - Mutum-do-norte dentre outros que são endêmicos da região dentro do parna. (Entrevista, 2022, grifo nosso).

Essas são as aves que mais chamam a atenção dos observadores de pássaros e movimentam o turismo ecológico. Com isso, o geoturismo comunitário surge como uma modalidade que oportuniza aos indivíduos geralmente excluídos de bens e serviços essenciais à dignidade da pessoa humana, não só a geração de trabalho e renda, mas também educação, saúde e habitação.

Oportuniza aos observadores de pássaros, visitantes, estudantes, professores, pesquisadores e simpatizantes – entrarem em contato com assuntos relacionados à

conservação da natureza (sistemas ecológicos) e, ao mesmo tempo, a conservação de modos de vida tradicionais (sistemas sociais) (SAMPAIO; ZECHNER; HENRÍQUEZ, 2008). Em suas segmentações, o ecoturismo é vetor que contribui para a criação de mecanismos indutores de desenvolvimento local, pela ação profissional de seus agentes eliminando a atuação comercial e predatória do ecossistema²¹.

Ao visibilizarmos os espaços ecológico que compreendem o Parque Nacional do Viruá podemos ter uma visão ampla sobre a coexistência equânime do ser humano com a natureza, os seus avanços no trato de afetividade com os animais e seus novos métodos agroflorestais. Conforme Guattari (1990, p. 52), “O princípio particular à ecologia ambiental é o de que tudo é possível tanto as piores catástrofes quanto as evoluções flexíveis. Cada vez mais, os equilíbrios naturais dependerão das intervenções humanas”.

A proteção destas Unidades de Conservação - UC's, destaca o papel social que esses ecossistemas representam, tanto na Amazônia, como em outros ecossistemas no Brasil e no restante do planeta, no que diz respeito a preservação e conservação de recursos naturais. Com efeito, deve-se ter incentivos para atividades bioeconômicas que não firam de forma agressiva o meio ambiente, como o ecoturismo. Isso inibe práticas predatórias que afetam diretamente os biomas, além de manter os ambientes preservados com uma presença responsável e sustentável. Em seguida, a presença de organizações e unidades de preservação com pesquisas que auxiliem na manutenção do meio ambiente e recuperação de áreas degradadas.

Este estudo se justifica, não apenas para contribuir com os estudos sobre a manutenção e preservação dos pássaros e seus ecossistemas, mas também para a ampliação de uma visão mais ecológica da vida, que pode ser refletida nas práticas ecológicas das comunidades viventes no Parque Nacional do Viruá. Poderá, contribuir também, para fundamentar estratégias de políticas públicas voltadas para a proteção dos povos tradicionais que residem no entorno do referido parque.

²¹ Ressalte-se que, em 2012, foi criado o Conselho Consultivo do PN do Viruá por meio da Portaria nº 130, de 19/11/2012 instituída pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade – INSTITUTO CHICO MENDES “com a finalidade de contribuir para o efetivo cumprimento dos objetivos de criação e implementação do plano de manejo da unidade” (art. 1º). Este Conselho é composto por representantes da administração pública, instituições de pesquisas e universidades e sociedade civil. O próprio conselho já é um exercício de educação não-formal nos processos de ensino e aprendizagem, quando se juntam diversos atores sociais na construção do manejo ambiental da UC, que dialogam com os saberes tradicionais e os chamados conhecimentos técnico-científicos.

Em se tratando de Amazônia é preciso sabermos decifrar a esfinge, ou melhor, as práticas socioculturais de seu povo, por meio da criatividade dos povos locais, sua poiesis de vida. Torna-se premente percebê-los por meio da cartografia, na relação com o lugar, com a cenografia, com a espacialidade, com os personagens. As aves e seus sons são fundamentais para esse equilíbrio com o lugar. Através do observadores de pássaros podemos compreender essa importância pelos efeitos trazidos pelos cantos dos pássaros.

As pessoas, ao utilizarem as trilhas e conviverem com as aves cantantes sentem-se melhor e mais aconchegadas nesse contato. Por isso, fazem a captação dos cantos dos pássaros. “O conhecimento da vocalização das aves é importante, por isso são alguns anos ouvindo gravações que chamamos de voz das aves. São cantos variados e diferentes em sonorização e significados com vimos anteriormente. A rede de observadores pela identificação do canto dos pássaros monitora esses sons e os estuda em sua função no ecossistema aos seus efeitos cognitivos na vida humana. Conforme Bicudinho (38 anos), guia especializado em observação de pássaros, ouvido nesta pesquisa,

Para conseguir identificar as aves no campo o guia tem que ter uma memória dos sons das aves, as possibilidades e de que pássaro pode ser aquele som escutado. Isso auxilia muito no campo, pois escutamos muito mais do que vemos no campo. Ainda assim tem outros detalhes como tipo de som que a ave emite, alguns são cantos, outros são de alerta, e saber usar o som adequado para atrair as aves é um mistério, tem que sentir o comportamento da ave, se ela está excitada, desinteressada, agressiva, defendendo território. Enfim, usar os sons é um recurso valioso, mas tem que ter parcimônia e zelo para não exagerar no uso do playback. (Entrevista, 2022).

Por meio de gravações manuais, fazem a gravação para depois identificar o som no playback. Algumas vezes tocam o som para que ela venha ao encontro do som que a própria ave emitiu achando que pode ser outra ave no seu território. Assim visualizam e identificam a ave fotografando-a. As aves com maior evidência varia de acordo com ambiente, na campina, tem-se o formigueiro-de-yapacana, mutum-do-norte, guaracava-de-topete-vermelha, e vários outros. Na mata já são outras aves. Estas captações se dão no que diz Merleau-Ponty (1999), na percepção liga os sentidos ao corpo e à alma em que paisagem além de ser vista, é sentida e vivenciada. As relações

primeiras no cheiro, tato, olfato, som, visão e as sensações através do corpo nos religam e reconectam com o mundo exterior.

Neste sistema de percepções, constituem-se trilhas que recebem as redes de observadores de pássaros que tem feito descobertas fascinantes. Por meio de descobertas que vemos de forma ainda mais clara a importância de se preservar a natureza, incluindo suas paisagens acústicas. O processo de observação dos pássaros pelos sinais de seus cantos entrelaça as relações humanas com a natureza e abrolha valores ambientais na constituição de uma identidade de pertencimento ao Parque Nacional do Viruá.

3.3 Musicalidade e sonoridade da floresta

A musicalidade e sonoridade da floresta entrelaçam-se na paisagem acústica da natureza numa mesclagem de imagens e sons. Esta musicalidade e sonoridade existe independentemente da existência humana numa poética da vida. Os sons emitidos pela natureza se misturam ao vento batendo nas folhas das árvores, no escorrer das águas aos sons dos pequenos insetos e do cantar dos pássaros. Numa variedade de sons, a musicalidade e sonoridade dão ritmo à vida e harmonizam o meio ambiente.

Na Amazônia, o tecido verde que compõe a terra, água e floresta constitui-se no lugar privilegiado na transfiguração dos enigmas do mundo e deságua no imaginário. Quando se fala na multiplicidade dos ritmos e sons da floresta esbarramos na esfera do real e do imaginário contemplando o jogo estético-poiético das coisas misteriosas que emanam na imaginação humana. Os sons da floresta abrolham do imaginário simbólico entranhados na alma do homem e da mulher amazônidas.

Os ritmos da floresta em sua complexidade ecoacústica estimulam uma visão diversificada e múltipla que aflora a afetividade cósmica com o universo em conversão estetizante entre símbolos, signos, imagens e sons no cotidiano do Parque Nacional do Viruá. Nessa espiral crescente de sonoridades e ritmos da natureza, o universo, tem um ponto de partida em cada um de nós, e é do nosso interior, da nossa concepção de tempo e espaço, que estabelecemos uma troca com o exterior, uma relação com a vida.

Nos integramos ao ritmo do universo que se amplia da visão aos ouvidos. Uma música que traz em sua composição sonora elementos da natureza, chega rápido ao

gosto popular. A incorporação dos sons da natureza nas composições é um recurso inteligente da imaginação humana que faz uma junção entre natureza e cultura.

Este processo se passa da geofonia e biofonia para a antropofonia. A geofonia trata dos sons naturais do ambiente, como a chuva caindo num rio, o vento mexendo as folhas das árvores, som de trovoadas dentre outros. Já a antropofonia é constituída por sons produzidos por objetos construídos pelo homem, como por exemplo os veículos automotores. A biofonia está relacionada aos sons produzidos pelos animais, como insetos, aves e mamíferos (JESUS, MINELLO e XAVIER, 2019, p. 496).

Os sons da natureza revestem-se de inspiração a grupos musicais como o Raízes Caboclas que em suas obras traz traços significativos da cultura amazônica na difusão de suas músicas mais orgânicas na busca de alcançar a sonoridade da floresta. O grupo nasceu em Bejamin Constant no ano de 1982 com músicos locais. Seus fundadores são Celdo Braga, Osmar Oliveira, Júlio Lira e Raimundo Ângulo (Cafuringa). Depois outros músicos ingressaram no grupo como Adalberto Holanda e Eliberto Barroncas. São extremamente originais e genuínos da Amazônia, encantando públicos pela sua diversidade e doçura com que apresentam suas canções. De acordo com Cardoso (2017, p. 28),

Sua matéria prima são batidas de sapopemas, farfalhar de folhas, trinados de pássaros, batida do remo na água, som da água, enfim, os mais variados sons encontrados no ambiente amazônico. Todos esses elementos formam uma paisagem sonora, que é o nosso ambiente sonoro, e, de forma sintetizada, seriam todos os sons que a natureza possa oferecer: agradáveis; desagradáveis e aqueles produzidos pelas diversas interferências humanas.

Todos estes elementos sonoros são impulsores da criação poética e musical dos músicos do Raízes Caboclas que desenvolvem uma atividade poético-musical sempre à procura de novas sonoridades. A proposta não era apenas a de cantar as músicas de raiz que falassem da região, mas também fazer uso e internalizar todos os recursos disponíveis a fim de mostrar a vivência do homem do interior, suas qualidades e as belezas da Amazônia. Dessa maneira, diversos mecanismos foram incorporados e instrumentos diversos explorados procurando imitar os sons da natureza à medida que as canções exigiam tais recursos sonoros.

O Parque Nacional do Viruá tem sua própria sinfonia de pássaros, produzindo um som fundamentalmente natural na experiência do lugar. Muitos dos cantos das aves estão nas experiências humanas de produzir sons. Os cantos territoriais dos pássaros

são reproduzidos no som das buzinas dos automóveis; os cantos de alerta dos pássaros são colocados nas sirenes da polícia; e os cantos de prazer são reproduzidos no rádio na praia. De acordo com Cardoso (2017), nos cantos territoriais dos pássaros, encontramos a gênese da ideia de espaço acústico.

Entre o rio e a floresta as sonoridades ressoam da fauna como na revoada dos pássaros em sua dança de liberdade acústica. É o que elucida Loureiro, (2003, p. 25),

A transfiguração do olhar acontece no momento em que se percebe a diversidade verde do verde; o corpo de baile das açazeiras; a volúpia dos pássaros revoando; a vaga ela perdida no olhar do canoieiro; a moça na janela como a solitária imagem de uma espera; a igarité balançando nas ondas entre as estrelas; a dupla realidade da beira do rio refletida nas águas, como cartas de um baralho de sortilégios.

As composições do Raízes Caboclas falam de mitos de pássaros. A música suscita conexões de saberes tecidos na interação entre homem/mulher e natureza no ritmo da vida. Tais canções trazem a sonoridade da floresta carregada de reflexões sobre a crise ambiental e as ações nocivas do ser humano à natureza. A concepção cósmica embrenha o poeta sonhador nas imagens, paisagens, sons e tensões num estado de contemplação aberta. Antes de mais nada, “uma imagem de homem se abre sobre o mundo e uma imagem de mundo se abre sobre uma beleza humana.” (BACHELARD, 1994, p. 71). Isso nos leva a crer que esses modos de apreensão feitos pela musicalidade popular amazônica nos trazem formas de conhecimento, que antes, não valorizadas pela perspectiva do pensamento analítico cartesiano, se fazem úteis nas teorias pós-modernas que abrem o diálogo das artes para a ciência como fonte importante de conhecimento.

Na ecologia profunda, se valoriza os conhecimentos cósmicos e sensíveis das artes como a música e faz da ecologia pós-moderna, não apenas uma ecologia da natureza, mas uma ecologia de conhecimentos. Santos (2006), nomeia esses processos de ecologia de saberes. São saberes e lições de multiplicidade que dialogam com outras formas de conhecimento como a poesia, a música e a ciência em conexões que fogem a lógica binária.

Nessa neológica, não existe início e fim, mas apenas meio em que saberes se conectam em infinitas interpretações. No trecho da canção “*Canta caboclo*” de autoria de Natanael Lavareda e gravada pelo Raízes Caboclas, o artista canta: “e no cantar dos pássaros, ainda vemos solução, pois nas asas desse canto o caboclo é pé no chão. E se a água está toldada caboclo não bebe não, sai no fio da correnteza, no banzeiro da

certeza, de voltar pro seu sertão.” Nas músicas estão presentes sons de pássaros, barulho de vento, tambores e outros efeitos que trazem a sensação ao ouvinte de estar realmente numa floresta (CARDOSO, 2017).

Essa sonoridade mais próxima da natureza amazônica também é acompanhada de mito e mistério como na toada do Boi Bumbá Caprichoso²² Coacy-Beija Flor (2004). O Coacy-Beija Flor é uma das mais belas histórias da Amazônia e faz alusão ao amor eterno entre mãe e filha, laço que nem a morte é capaz de romper. Pássaro de asas fortes e brilhantes que conduz a alma das crianças transformada em flor para o céu. O voo de Coacy-colibri anuncia mais uma alma/flor para a imensidão da eternidade. Tragicidade, partidas, asas de amor, musicalidade se coadunam na narrativa. Vejamos um trecho da toada:

Coacy voava na campina
E da filha ouviu o lamento
Mas a pequena borboleta
Força não tinha pra levar
A alma da menina
Triste, pediu a Tupã
(que a torna-se um pássaro)
De asas fortes, brilhantes
Para levar Guanambí
[...] E hoje quando parte uma criança
(Guanambí!)
Sua alma se transforma em flor
À espera do amor
Das asas de amor
(Compositores: Hugo Levy; Neil Armstrong; Silvio Camaleão; ano 2004)

Além do mito deste belo pássaro, a música está fortemente ligada a uma naturalidade sonora que a canção busca transpassar ao ouvinte em efeitos com instrumentos que a própria natureza oferece como os cantos dos pássaros são verdadeiros instrumentos naturais de pura música. O ritmo dos cantos dos pássaros, em sua regularidade telúrica, estimula uma visão múltipla, e os múltiplos mundos da Amazônia tornam-se uma única cosmogonia dentro de um universo maior. Trata-se da poesia da vida invadindo o mundo habitado.

Para Morin (2008, p. 57), do ponto de vista da vida, temos a prosa e a poesia. “A *prosa da vida* são as coisas que somos obrigados a fazer para ganharmos o pão de cada dia. Já a *poesia da vida* é o que nos dá o fervor, a emoção, a exaltação, o jogo, a

²² Toada Boi-Bumbá Caprichoso; Ano: 2004; CD - Amazonas: Terra do folclore, fonte de vida.

beleza, o fato de contemplar o oceano, as gaivotas e as praias”. Nossas sociedades são invadidas pela prosa, pelo trabalho para ganhar o pão de cada dia. Isto, porém não deve sufocar a poesia que é fundamental para a vida. A poesia é um aspecto de emoção feliz, que nos coloca no deslumbramento e no êxtase.

A cultura amazônica talvez represente, neste final de século, uma das mais raras permanências dessa atmosfera espiritual em que o estético, resultante de uma singular relação entre o homem e a natureza, reflete-se e ilumina miticamente a cultura. Esta é a poesia da vida que invade e inunda as mentes humanas de beleza e fervor na complexidade da natureza. Na concepção de Morin (2008, p. 23), “a um primeiro olhar, a complexidade é um tecido (complexus: o que é tecido junto) de constituintes heterogêneos inseparavelmente associados: ela coloca o paradoxo do uno e do múltiplo.” Num segundo momento, a complexidade é efetivamente o tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações, acasos, que constituem nosso mundo fenomênico.

O pensamento complexo visa mover, conjugar, articular os diversos saberes compartimentados nos mais variados campos do conhecimento, sem perder a essência e a particularidade de cada fenômeno, religando matéria e espírito, natureza e cultura, sujeito e objeto, objetividade e subjetividade, arte, ciência, filosofia. Considera igualmente o pensamento racional-lógico-científico e o mítico-simbólico-mágico. O pensamento complexo se estabelece como requisito para o exercício da interdisciplinaridade.

Para Morin (2005), todo o conhecimento pode ser empregado para manipulação e que o pensamento complexo leva a uma ética da solidariedade e da não coerção (alimentando assim a ética), pensa em uma ciência com consciência, cujo “princípio de ação não ordene, não manipule, não dirija, mas organize, comunique e estimule” (IBIDEM, 2005, p. 33). Entretanto, o pensador enfatiza o hiato existente entre a intenção e a ação, as incertezas éticas presentes no agir pelo bem, no cumprir seu dever, exemplificando, também, através da ecologia da ação, que nos indica que toda ação escapa, cada vez mais, à vontade do seu autor, na medida em que entra no jogo das inter-retro-ações do meio onde intervém. Assim, a ação corre o risco de fracassar e também de sofrer desvio ou distorção de sentidos.

Nas incertezas da Amazônia em meio às chamas das queimadas nas florestas, a poluição dos rios e as mudanças climáticas, cantar e celebrar a natureza em atitude poético-estetizante, é um ato de resistência. Dentro do Parque Nacional do Viruá

vemos essas relações, principalmente através das aves, como expressa Eliberto Barroncas (64 anos), integrante do grupo Raízes Caboclas. Vejamos:

Os pássaros são elementos do lugar que habitam. Assim, como seria o Parque Nacional do Viruá sem a presença dos seus cantadores. Como sabemos, de alguma forma o comportamento dos animais tem uma relação direta com o tempo. Cada espécie de modo particular. E que assim, com esse entendimento, pessoas do passado organizaram conhecimentos que ainda hoje são repassados para novas gerações. Nesse sentido, os pássaros do Parque Nacional do Viruá certamente estão no leque de saberes tradicionais dos mais antigos. (Entrevista, 2022).

É um saber adquirido nas percepções sonoras com o lugar habitado que cria símbolos e novos sons em múltiplos significados. Eliade (1991), se refere ao pensamento simbólico como sendo uma característica inerente aos seres humanos. Esse tipo de pensamento se realiza através de imagens e sons, precedendo a linguagem e o pensamento racional. A imagem e os sons são um recurso do espírito para captar a realidade profunda das coisas. Como essa própria realidade é contraditória, só é possível apreendê-la profundamente incluindo sua própria contradição nessa captação.

É por isso que as imagens e os sons são multivalentes e não podem ser expressas por conceitos. A verdade da imagem reside em que se trata de um conjunto de significações, que não simplifica a complexidade da realidade, busca impor apenas uma de suas significações ou apenas um de seus planos de referência. Essa é a base do equilíbrio psíquico, que só pode ser mantido através da imaginação, sendo ela entendida como gozo de uma riqueza interior, de um fluxo ininterrupto e espontâneo.

Nas linhas do Parque Nacional do Viruá, entre o rio e a floresta estão os rastros da vida na Amazônia, numa relação ancestral e milenar de contemplação. Aprende-se a ver e ouvir nas experiências primeiras com o espaço. Fica claro que o imaginário é algo que ultrapassa o indivíduo, que impregna o coletivo – ou, ao menos, parte do coletivo. O imaginário corresponde ao imaginário de um grupo no qual o indivíduo se encontra inserido.

A musicalidade e sonoridade da floresta incorporada à música popular amazonense se constitui num processo que, conforme Ingold (2015), é feito em linhas na tecelagem do conhecimento e do imaginário no campo da natureza e cultura. São novos pontos de vista na forma de pensar o papel das aves no significado do Parque Nacional do Viruá. A fenomenologia nos permite compreender os processos de formação das imagens e da paisagem sonora nas músicas e nas falas do campo,

buscando salientar as relações com o espaço e o lugar como catalizador de valores e noções ambientais. A mixagem e masterização dos sons da natureza na arte da música regional são práxis-poiesis, conceito adotado por Holanda (2019), para expressar a atividade artística na Amazônia. Uma sensibilidade que permite dar vida ao imaginário do artista amazônico e de sua arte que é tecida com os seres fantásticos, animais híbridos, encantados que habitam as narrativas e as poesias dos povos tradicionais. Sobre esta práxis, Eliberto Barroncas revela que,

O que está no universo cultural como valor de relevante significado interessa para quem trabalha a arte por um viés mais orgânico. O cantar do sabiá abrindo a cantoria do amanhecer, o cantar da jaçanã gritando no capim é algum perigo à vista, o cantar do unicórnio benzendo as águas do lago, o cantar da saracura entregando o fim do dia para o começo da noite e o cantar da coruja branca (rasga - mortalha), despertando atenção para algum acontecimento fúnebre, exemplificam bem a questão. O humano organicamente integrado ao contexto. (Entrevista, 2022).

Essas são expressões antropéticas, fruto da relação entre homem e natureza expressas no imaginário formado pela percepção de sutileza do real que retorna ao mundo do ser, por meio do devaneio das águas. De acordo com Bachelard (1988, p. 13), “o devaneio assimila o próprio real. O que ele percebe é então assimilado. O mundo real é visto pelo mundo imaginário”. É nesta compreensão que Loureiro (2015) discorre sobre uma outra Amazônia dos povos tradicionais indígenas e não indígenas em suas criações na relação com o chão, a fauna, flora e as águas. Um universo imaginário de corpo, espírito e alma, no que o autor denomina de culturas míticas originárias. Este autor evidencia uma Amazônia na oposição à alegórica, fantasiosa e do olhar do outro, ressaltando a importância desse rico território para o desenvolvimento de uma consciência mais ecológica numa perspectiva ecoacústica. Eliberto Barroncas desenha o seguinte quadro interpretativo do universo amazônico para o campo da sonoridade:

Podemos considerar o canto de todo pássaro, independente do timbre, é um desenho melódico. Uma frase que pode ser ponto de partida para o desenvolvimento de uma obra musical. Nesse sentido, o universo amazônico oferece uma grande variedade de cantos graves, médios e agudos, com diferentes fraseados. Sons para todas as propostas de trabalho. Nesse campo o exercício da música se dá em qualquer lugar. A escuta dos sentidos está sempre aberta a perceber nuances em destaque na realidade específica de cada local. Num espaço como o Parque Nacional do Viruá, é como se os pássaros soubessem que ali é

um santuário da natureza, um templo do ser humano que busca a afinação de si pelo diapasão do todo. (Entrevista, 2022).

Por meio da sonoridade poética compreendemos estes mundos de experiências humanas, onde se constrói a realidade pela percepção abstrata do espaço que “constitui-se como uma mega-entidade organizada por campos de formas antagônicas, polares, mas complementares organizadas.” (CARVALHO, 1999, p. 130). Desse modo, a musicalidade e sonoridade da floresta é uma inspiração para o artista do lugar que a concebe dentro de um universo de representações, num tecer de uma eco-poética no coração da floresta amazônica. Para Morin (2008, p. 9), “o princípio ético da solidariedade – guarda o imenso desafio contemporâneo de assegurar a sustentabilidade da humanidade no planeta, no interior de uma crise de civilização de múltiplas dimensões”.

As ressonâncias do canto dos pássaros são evidentes no processo de evolução humana e espiritual do homem/mulher amazônico. Maffessoli (2012), denomina este encontro interior e reflexivo de si de invaginação dos sentidos, um retorno à nascente, ao útero materno, ao mundo natural numa conexão equitativa com a Grande Mãe, com a Terra. Como uma lógica do regresso retornamos ao ventre, aos sentidos, ao sensível. “Não se pode mais pensar o humano somente a partir do cérebro, pois ele também é corpo” (MAFFESSOLI, 2012, p. 36).

A reflexão entre corpo e mente, exterior e interior, com as paisagens acústicas do Parque Nacional do Viruá se tecem numa invaginação dos sentidos. A experiência real e mítica com as aves, sua simbologia e o lugar, entrelaçam o corpo físico com a natureza costurando o interior subjetivo. São esses elementos que criam o cotidiano numa espécie de invenção de si, na produção e reprodução da vida numa poiesis criativa de subjetividades.

A percepção de si na experiência com a natureza só é possível num retorno a si, ao útero. Esta cosmogonia simbólica criada pela simbologia mítica dos pássaros expressa percepções em características femininas, a partir de uma alma, na composição das qualidades psicológicas femininas inconscientes que o homem possui. (JUNG, 1977). São como arquétipos que transbordam a linha do tempo e do espaço delineando as relações e fazendo articulações com toda a vida.

Essas articulações são de carinho, amor, afeto e cuidado, aspirações que entoam o arquétipo feminino da mãe. Para Shiva (1988, p. 125), “o princípio feminino da natureza é simbolizado pelo dinamismo, atividade, criação, reprodução e

regeneração.” O devaneio acústico demonstra o elo da natureza com o feminino, tido em Bachelard (1988), como um gênero feminino que se caracteriza em palavras de afeição, carinho, leveza e delicadeza que emerge de relações de ancestralidade dos povos com a Terra.

De certo modo, as relações de gênero tecem inconscientemente a formação do Daime em seu próprio modo de ser. Em Torres (2005), a visão de gênero é premissa de uma ontologia que predispõe formas de ser e estar no mundo, na história. As relações de reciprocidade, afetividade e respeito para com o mundo exterior, que é a teia da vida, tece as relações míticas tanto do ponto de vista material, como imaterial.

No Parque Nacional do Viruá, existe um zelo para com a natureza baseado numa ética do cuidado, na afetividade e amorosidade com a natureza. A Pachamama é uma destas representações revestidas de simbologia que expressa um princípio feminino. Também conhecida como Mãe Terra, representa a deusa maior nas culturas andinas, capaz de mudar todo o sentido na vida de muitas pessoas, trazendo prosperidade, sustento e boa energia. Protetora da vida na terra, nutre, alimenta e cuida de seus filhos que tem por ela afeição de uma mãe. E este princípio ontológico norteia inconscientemente as experiências dos povos na afetividade com as aves e sua simbologia influencia essa realidade pulsante vivida no Parque Nacional do Viruá.

Podemos afirmar, por assim dizer, que a relação das pessoas que convivem com as aves no Parque Nacional do Viruá, remonta poética amazônica que transmite maneiras particulares de convivência com o lugar. Mostra como elas pensam, sentem, compreendem e vivem entrelaçados a esta perspectiva de natureza e vida. Para Bachelard (1974, p. 355), “a poética evoca imagens, lugares, canteiros, pomares, bosques, porão, rios, águas que tornam nossa alma uma morada”.

O Parque Nacional do Viruá é, portanto, não apenas um espaço de morada física, mas também uma morada de alma que como um ninho, uma mãe, abriga sujeitos, místicas, seus pássaros, significados e símbolos. Essa composição, conforme Ingold (2015), é feita em linhas na tecelagem de suas experiências exteriores e interiores, em estrias, fugas e desvios para trazer novos pontos de vista na forma de pensar e criar.

A perspectiva de visão voltada à vida ressoa valores de uma ética com todos os seres vivos rodeada por uma convivência e espiritualidade agregadoras dos pássaros. Essa convivência carregada de valores e saberes é o Bem Viver, um modo de vida que os povos tradicionais tem com a natureza e que pode ser compreendido na relação dos

moradores e visitantes do Parque Nacional do Viruá com as aves. O equilíbrio com a vida, a natureza e a espiritualidade entra em conexão por meio da ecoética. Mas, para que isso seja praticado e aconteça, se faz necessário uma mudança de pensamento que se desterritorialize de práticas que não prezam pela empatia e as reterritorilize em modos solidários de se viver.

Quando falamos em desterritorialização, estamos nos referindo às noções de Deleuze e Guattari (1992) em que desterritorializar é tirar algo (um conceito, ideia, imagem) de seu lugar problematizando e relocando a partir de novas visões. A percepção de si na experiência com a ecoacústica e revoada dos pássaros percorre este trajeto de experiências interiores e exteriores.

A região amazônica compartilha dessas vivências com a natureza materna e produz simbologias guiadas por uma alma feminina que tem um princípio ético intrínseco à vida. Neste processo, a percepção de si que constitui o tecido simbólico identitário de pertencimento ao lugar, se dá na relação com as aves. Nas complexas e simbióticas relações homem/mulher/natureza/cultura, há uma extensa e complexa rede mítica que tece os grandes caminhos de sustentabilidade do planeta.

Considerações finais

A ideia de nós, os humanos, nos descolarmos da terra, vivendo numa abstração civilizatória, é absurda. Ela suprime a diversidade, nega a pluralidade das formas de vida, de existência e de hábitos. Oferece o mesmo cardápio, o mesmo figurino e, se possível, a mesma língua para todo mundo.
(Ailton Krenak)

Este estudo assenta a sua análise numa nova forma de ver a Amazônia, com o recorte da revoada dos pássaros e sonoridade da floresta, apontando novas formas de olhar o bioma amazônico diferente da visão ocidental que sempre privilegiou o visual bucólico e desconsiderou a modalidade do som. O estudo realizou uma leitura acústica e ressonante da revoada e do canto dos pássaros no Parque Nacional do Viruá. O horizonte sonoro do entrelaçamento acústico das aves com as pessoas convida a uma retomada dos laços comunitários, de reencantamento e reconstrução de vínculos afetivos que situam as pessoas no seu espaço de origem, na natureza física e cósmica através de uma bioacústica da vida.

O mergulho rizomático dentro do Parque Nacional do Viruá e sua relação profunda com os pássaros, permitiu-nos a estabelecer laços profundos com a natureza e suas paisagens acústicas. Sua riqueza simbólica e genética está nos complexos e frágeis ecossistemas, lar de diferentes animais, entre peixes, aves e mamíferos que se abrigam nas diversas nascentes de rios.

Diante da crise ecológica global, nos deparamos com um lugar em constante ameaça e com perda enorme da biodiversidade com o avanço da caça predatória, realizadas por empresas capitalistas e com as mudanças climáticas que tem proliferado fortemente o aumento no número de focos de incêndio. O aumento no número de incêndios se deve a vários fatores, incluindo a piora da estiagem na Amazônia, causada pelas mudanças climáticas, pela grilagem e desmatamento ilegal.

Inúmeros são os desafios nas relações entre ecologia e política, envolvendo as mudanças climáticas e as agressões aos ecossistemas e ao meio ambiente. Reafirmamos na tese a ideia de que a Amazônia carece de políticas efetivas para o refreamento do fim apocalíptico da Terra. O grande desafio é desenvolver uma ecologia política no âmbito das relações entre seres humanos e não humanos, pensando

no coletivo, pois os desafios vão do campo epistemológico e simbólico, se estendendo ao social, político e jurídico.

Em meio a essa problemática estão as comunidades tradicionais e seus moradores que sobrevivem dos serviços turísticos do parque. Estão também os pesquisadores, os visitantes, os observadores de pássaros que participam do turismo ecológico. Nas relações com o espaço e o lugar essas pessoas desenvolvem afeições e pertencimento com o parque, estabelecendo um forte vínculo. O sentido de pertencimento com o lugar se expressa nos modos de vida das pessoas que residem no entorno do parque, numa relação de proximidade entre o humano e o meio ambiente do Parque Nacional do Viruá.

Tais percepções e afecções geraram conhecimento, sobretudo, uma espécie de conhecimento insurgente dos modos ecológicos de viver com a Terra, não apenas para contribuir com o parque, mas para o mundo. As teias simbólicas que se entrelaçam à relação com a biodiversidade transmitem modelos ecológicos de vida na relação do homem/mulher com a natureza.

Os resultados da pesquisa demonstram que as relações harmoniosas de interação entre as pessoas e o ambiente natural contribuem, efetivamente, para o equilíbrio do ecossistema. Em sua maioria, as pessoas que se envolvem e deixam-se envolver pelo Parque Nacional do Viruá desde a sua criação, desenvolveram ondas de afeto e carinho que despertam uma empatia humana com a floresta e seus sons.

É evidente que grandes problemas se interpõem ao projeto de conservação do parque, a exemplo da pesca predatória que afeta os moradores do seu entorno. Detectamos a insatisfação dos moradores de comunidades tradicionais com os fazendeiros, grileiros e grandes agricultores, que se incomodam com a expansão das zonas de conservação. Mas, quem vivencia a riqueza bioacústica e faunística do lugar reconhece o valor essencial das florestas, campinarias, lagos, aves e plantas.

Seus moradores, sejam permanentes, a curto prazo ou apenas de passagem resistem e encontram novas formas de conservar a presença dos pássaros no parque. Os benefícios para a saúde e o bem estar, o ambiente agradável e acolhedor até a própria manutenção da existência da vida humana, entrelaçam-se numa autopoiesis.

A vida floresce em processos autopiéticos numa relação de morte e vida no eterno processo de composição da vida. O mundo onde habitamos é experienciado em diferentes percepções e sensações. Elas se dão na visão, tato, paladar, audição e as

sensações com o ambiente. O homem/mulher está dentro destes ambientes em contato direto com a natureza em sua experiencição.

Conforme dados do ICMBio (2010), são 531 espécies registradas, e mais de 550 estimadas, pertencentes a 71 famílias de aves. 27 destas espécies encontram-se sob diferentes graus de ameaça, segundo critérios da *BirdLife* International 2012 (IUCN 2013), incluindo 01 espécie criticamente ameaçada de extinção, 08 espécies vulneráveis e 18 espécies quase ameaçadas. Toda esta diversidade faunística de pássaros dá a este lugar uma ambiência diferenciada à paisagem que se harmoniza no canto dos pássaros.

Nas florestas da Amazônia muitos são os sons que se produzem dos mais diversos animais, desde mamíferos, insetos, anfíbios e as aves que ecoam como uma orquestra natural proporcionando uma ambiência harmoniosa. As aves dão à natureza do Parque Nacional do Viruá uma assinatura única que carrega um poder simbólico inestimável e que pode ser denominado de ecologia acústica. A paisagem sonora pode ser comparada a uma grande composição musical que precisamos saber orquestrar e aperfeiçoar, para produzir bem-estar e saúde.

A experiência proveniente das relações simbólicas entre humanos e animais na Amazônia, pode ser pensada dentro da perspectiva da Sociologia das ausências proposta por Santos (2015). É uma proposta dialógica e aberta, pois os pássaros voam em liberdade, melodias naturais ressoam pela mata que também sussurra nos ouvidos e mentes de mulheres e homens, e assim tecem relações simbólicas.

Os pássaros são compreendidos no campo biológico na perspectiva do imaginário simbólico. Os significados no canto dos pássaros também são metáforas, onde as relações entre natureza e cultura circundam. Abre-se portas para enveredarmos pela ancestralidade amazônica nas relações entre homem/mulher e pássaros numa poética ancestral amazônica. Algumas narrativas populares abraçam esta relação. A musicalidade e sonoridade da floresta se entremeiam na paisagem acústica da natureza no mesclar de imagens e sons. Esta musicalidade e sonoridade existe independentemente da existência humana numa poética da vida.

Não obstante, este estudo reconhece a importância fundamental da manutenção do Parque Nacional do Viruá para a conservação da biodiversidade, assinalando o papel no equilíbrio ecológico do planeta. As relações entre o real, o simbólico e o imaginário entrelaçam a perspectiva do equilíbrio ecológico do meio ambiente. Os moradores do entorno do parque formam redes imaginárias entre natureza e cultura

que expressam um sentido, identidade e pertencimento ao lugar. A vida floresce na floresta e sua riqueza musical e sonora enlaçam as almas de seus habitantes.

Sob o olhar ecológico que valoriza as relações simbólicas e subjetivas dentro de um ecocêntrismo, este estudo se faz relevante para a criação de novas formas de percepção da natureza. Em meio à crise emergente do meio ambiente, novas epistemologias ambientais como a ecologia acústica dos pássaros são fundamentais na relocalização do papel dos humanos no meio ambiente em sua função central.

Por fim, convém registrar a minha alegria e satisfação em ter realizado esta pesquisa, num momento histórico-mundial tão adverso assinalado pela crise sanitária com perdas de amigos do meu grupo de pesquisa. Não obstante, saio deste doutorado uma outra pessoa, bem mais forte e resiliente, cujo crescimento pessoal e profissional são-me de inestimável grandeza. Gratidão!

REFERÊNCIAS

ACIESP, 1987 - **Glossário de Ecologia**, São Paulo.

ARAÚJO, Ester Figueiredo. **Práticas Ambientais na Escola: uma experiência fundamentada na pedagogia de projetos e na Agenda 21 Global**. Manaus: Valer, 2015.

ARRUDA, Rinaldo. **“Populações tradicionais” e a proteção dos recursos naturais em unidades de conservação**. Ambiente & Sociedade - Ano II - No 5 - 2o Semestre de 1999.

ATIENZA, Ricardo. **Identidad sonora urbana: tiempo, sonido y proyecto urbano**. In: Les 4èmes Journées Européennes de la Recherche Architecturale et Urbaine EURAU'08: Paysage Culturel, 16-19 Janvier 2008, Madrid, Espagne.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Traduzido por Antônio Costa Leal e Lídia do Valle Do Santo Leal. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

_____. **A filosofia do não; O novo espírito científico; A poética do espaço** / Gaston Bachelard; seleção de textos de José Américo Motta Pessanha; traduções de Joaquim José Moura Ramos (et al.). in *A poética do espaço* — São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os pensadores)

_____. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

_____. **O ar e os sonhos: ensaio sobre a imaginação do movimento** [tradução de Antônio de Pádua Danesi] São Paulo: Martins Fontes, 2001c.

_____. **A poética do devaneio** / Gaston Bachelard; [tradução Antônio de Pádua Danesi.] - São Paulo: Martins Fontes, 1988

BARBIER, R. **A pesquisa-ação**. Tradução Lucie Didio. Brasília, DF: Plano Editora, 2002.

_____, Gaston. **O direito de sonhar**/ Gaston Bachelard; tradução José Américo Motta Pessanha, Jacqueline Raas, Maria Lúcia de Carvalho Monteiro, Maria Isabel Raposo. 4ª edição, Rio de Janeiro: EDITORA BERTRAND BRASIL S.A, 1994.

BARBOSA, Reinaldo Imbrozio; MELO, Valdinar Ferreira (Orgs). **Roraima: homem, ambiente e ecologia**. Boa Vista: FEMACT, 2010.

BATISTA, Djalma. **O complexo da Amazônia – Análise do processo de desenvolvimento**. 2ª ed. Manaus: Editora Valer, Edua e Inpa, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. Introdução, organização e seleção Sergio Miceli. – São Paulo: Perspectiva, 2007.

_____. **Questões de sociologia**. Tradução: Miguel Serras Pereira. Edições, Sociedade Unipessoal, LDA, Lisboa, 2003.

BUTTEL, Frederick H.; HUMPHREY, Craig R. **Sociological Theory and the Natural Environment**. In :DUNLAP, Riley E.; MICHELSON, William. (ed). Handbook of Environmental Sociology. Westport, CT: Greenwood Press. p. 3369. 1982.

_____. **A sociologia e o meio ambiente: um caminho tortuoso rumo à ecologia humana**. Perspectivas, São Paulo, n. 15, p. 69-94. 1992.

BRASIL. ICMBio. **Plano de Manejo do Parque Nacional do Viruá**. Boa Vista, ICMBio, p.626; 2014.

CAPRA, Fritjof. **A Teia da Vida: Uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. / Título do original: The Web of life: A new Scientific Understanding of Living Systems – 1996; Fritjof Capra. Tradução Newton Roberval Eichenberg. São Paulo: Editora Cultrix, 2010.

_____. **A teia da vida: uma nova compressão científica dos sistemas vivos**. Traduzido por Newton Roberval Eichenberg. São Paulo: Cultrix, 2004.

_____, Fritjof. **As conexões ocultas**. São Paulo: IDESA, 2003.

_____. **A Teia da Vida: Uma nova compreensão dos sistemas vivos**; Trad. Newton Roberval Eichenberg. São Paulo: Editora Cultrix, 1996.

_____, Fritjof. **A visão sistêmica da vida: uma concepção unificada e suas implicações filosóficas, políticas, sociais e econômicas**/ Fritjof Capra, Pier Luigi Luisi; tradução Mayra Teruya Eichenberd, Newton Roberval Eichenberg. – São Paulo: Cultrix, 2014. – (Coleção polêmica)

DE LUCA, A.C., DEVELEY, P.F., BENCKE, G.A. e GOERK, J.M. **Áreas importantes para a conservação das aves no Brasil**. Parte II – Amazônia, Cerrado e Pantanal. 2009. São Paulo: SAVE Brasil.

_____. **O mito moderno na natureza intocada**. 3. ed. São Paulo: HUCITEC, 2001.

CARSON, Rachel. **Primavera Silenciosa**. São Paulo: Gaia, 2010.

CARDOSO, Raimundo Gérson Luzeiro. **Sonoridades da florestas: grupo Raízes Caboclas**/ Raimundo Gérson Luzeiro Cardoso. 2017.

CARVALHO, Edgard de Assis. **A complexidade do Imaginário in Leituras da Amazônia**: revista internacional de arte e cultura. Manaus: Valer, nº 1, 125-136, abril, 1999.

CASTRO, Edna; PINTON, Florence. **Faces do trópico úmido: Conceitos e questões sobre Desenvolvimento e Meio Ambiente**. Editora Cejup, São Paulo, 1997.

CLARKE, Eric. **Ways of litening**. New York: Oxford Univesity Press, 2005.

CULTIMAR. **Recursos naturais na vida caiçara. Curitiba: Grupo Integrado de Aquicultura e Estudos Ambientais**. Universidade Federal do Paraná, 2008.

DELEUZE, Gilles. **Conversações, 1972-1990**: Tradução por Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Edições 34, 1992.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**, vol. 4. 2. ed. Tradução Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 2012.

DEXTRO, Rafael Barty. **Mestre em Ecologia e Recursos Naturais** (UFSCAR, 2019) Bacharel em Ciências Biológicas (UNIFESP, 2015). Disponível na plataforma: <https://www.infoescola.com/ecologia/patrimonio-ambiental/>. Acessado em 20/03/2022.

DIEGUES, A. C. **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo: NUPAUB – USP. Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras. Hucitec, 2008.

_____. (Org). **Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos**. 2. ed. São Paulo: Anna Blume/Nupaub-USP/HUCITEC, 2001.

_____. **Os Saberes Tradicionais e a Biodiversidade no Brasil**. Antonio Carlos Diegues (Org); Rinaldo Sérgio Vieira Arruda; Viviane Capezzuto Ferreira da Silva; Francisca Aida Barboza Figols; Daniela Andrade. Ministério do Meio Ambiente, Dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal. Cobia-Coordenadoria da Biodiversidade. NUPAUB/USP. São Paulo, fevereiro de 2000.

DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica**. São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1988.

_____. **As estruturas antropológicas do imaginário**. (Trad. de Hélder Godinho). Lisboa: Presença, 1997/2007.

_____. Gilbert. **O Imaginário: Ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem**/ Gilbert Durand; tradução Rennée Eve Lévié. – 3ª ed. – Rio de Janeiro: DIFEL, 2004.

ELIADE, M. **Imagens e símbolos: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

_____. **Tratado da história das religiões**. 3ª ed-São Paulo, Martins Fontes, 2008.

_____. **Imagens e símbolos**. 1.ª edição em Português. Tradução: Maria Adozinda Oliveira Soares. Editora Arcádia. S.A.R.L., Campo de Santa Clara, 160-D, 1100 Lisboa- Portugal. 1979.

ELIAS, Norbert. **A Sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994a.

ELIAS, N., DUNNING, E. **A Busca da Excitação**. Tradução Maria Manuela Almeida e Silva. Lisboa: DIFEL, 1992.

_____. **O Processo Civilizador**, 2 vols. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994b.

_____. **O processo civilizador: uma história dos costumes.** Tradução Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. 1 v.

_____. **O processo civilizador: formação do estado e civilização.** Tradução Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. 2 v.

ECO, H. **Signo.** 2ª Ed. Trad. Francisco S. Cantarell. Barcelona: Editorial Labor, 1988.

FONTOURA Leandro Martins, Rodrigo Jesus de MEDEIROS, Lowell William ADAMS. **Turismo, Pressões e Ameaças para a Conservação da Biodiversidade em Parques Nacionais do Brasil e Estados Unidos / CULTUR / ANO 10 - Nº 01 – FEV, 2016.**

FREITAS, Marcos Antonio B. de. Educação e direitos humanos no contexto da escolar indígena. **Educação, cidadania e interculturalidade no contexto da escola indígena de Roraima.** Fábio Almeida de Carvalho; Isabel Maria Fonseca; Maxim Repetto (Orgs). Lima, Perú: Fondo Editorial de la Pontificia Universidad Católica del Perú/Red Internacional de Estudios Interculturales - RIDEI, 2007.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da Terra.** 2020.

GOMES, Ana Laudelina Ferreira. **A religação dos saberes no rio do imaginário e da imaginação simbólica.** Cronos: R. Pós-Grad. Ci. Soc. UFRN, Natal, v. 17, n.1, jan./jun. 2016.

GIOSEFFI, Maria Cristina da Silva. **Michel Maffesoli, estilística... imagens... comunicação e sociedade.** Epublicações UERJ, 1997.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias.** 4. ed. Campinas, SP: Papyrus, 1990.

GUHA, Ramachandra. **The authoritarian biologist and the arrogance of anti-humanism: wild life conservetion in Third Worl.** The Ecologist, 27(1): janeiro-fevereiro, 1997. Trad. de Antonio Carlos Diegues & Daniela Andrade.

HAGUETTE, T. M. F. **Metodologias qualitativas na Sociologia.** 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2003. 224p.

HARDMAN, Francisco Foot. **A vingança da Hiléia: Euclides da Cunha, a Amazônia e a literatura moderna.** São Paulo: Editora UNESP, 2009.

HAESBAERT, R. **Identidades territoriais.** In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, L. R. (Org.) Geografia Cultural, manifestações da cultura no espaço. Rio de Janeiro: Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1999. p.169-188.

HANNIGAN, John A. **Sociologia ambiental: a formação de uma perspectiva social.** Lisboa: Piaget, 1997.

HAKIY, Tiago. **O canto do Uirapuru – Uma história de amor verdadeiro.** 2016

HOROWITZ, C. **Trilha da capivara.** Edições IBAMA, Brasília: 2001.

INGOLD, Tim. **O dédalo e o labirinto**: caminhar, imaginar e educar a atenção. In: Horizontes Antropológicos. Ano 21 n. 44. Porto Alegre, 2015.

_____. **Humanity and Animality**", in Tim Ingold (ed.), *Companion Encyclopedia of Anthropology*, Tradução: Vera Pereira. Londres, Routledge, 1994, pp. 14-32.

ICMBio e MMA. **Projeto de Ampliação de Parque Nacional do Viruá**. Ministério do Meio Ambiente e Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade – ICMBIO – Coordenação de Criação de Unidades de Conservação - CCUC. Brasília; 2010.

INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE – ICMBio Diretoria de Criação e Manejo de Unidades de Conservação – DIMAN. **Plano de Manejo do PN Viruá**. ICMBio e DIMAN. Brasília; 2014.

JANZ, Rolf-Peter. Ausente e Presente: Sobre o paradoxo da aura e do vestígio *In Walter Benjamin: Rastro, aura e história*/ Sabrina Sedlmayer, Jaime Ginzburd (Organizadores) – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

JUNG, C. G. **O homem e seus símbolos**. 6ªEd. Trad. Maria Lúcia Pinho. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2002.

JESÚS, Juliane Telles Moreira Bezerra de; MINELLO, Murilo; XAVIER, Fábio Contrera. **Um estudo sobre a paisagem acústica de dois fragmentos de restinga da Região dos Lagos/RJ**. VÉRTICES, Campos dos Goytacazes/RJ, v.21, n.3, p. 495-513, set./dez. 2019

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019

LACAN, Jacques. **O Simbólico, o Imaginário e o Real**. *Nomes-do-Pai*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

LATOUR, Bruno. **Políticas da natureza: como associar a ciência à democracia**/ Bruno Latour; traduzido por Carlos Mota de Souza. – São Paulo: Editora Unesp Digital, 2018.

LAPLANTINE, F & TRINDADE, L. **O que é Imaginário?** São Paulo: Editora Brasiliense, 2000. (Coleção Primeiros Passos).

LASZLO, Christopher. **Valor sustentável: como as empresas mais expressivas do mundo estão obtendo bons resultados pelo empenho em iniciativas de cunho social**/ Chris Laszlo; [tradução Celso Roberto Paschoa]. – Rio de Janeiro: Qualitymark, 2008.

LÊ BRETON, David, 1953- **A sociologia do corpo** / David Lê Breton; 2. ed. tradução de Sônia M.S. Fuhrmann. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2007

LEEF, H. **Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade e poder**. 2ª Edição. Petrópolis – RJ. Editora: Vozes, 2001.

_____. **Racionalidade ambiental: a reapropriação social da natureza**/ Enrique Leff; tradução Luís Carlos Cabral. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Mito e Significado**. Tradução de António Marques. Lisboa-Portugal, 1978.

_____. **A oleira ciumenta**. Traduzido por José Antônio Braga Fernandez Dias. Lisboa: Edições 70, 1985.

_____. **O pensamento selvagem**. 12. ed. Trad. Tânia Pellegrini. Campinas: Papirus, 1989.

_____. **Mito e significado**. Lisboa, Edições 70, 1985. **O pensamento selvagem**. Campinas, SP: Papirus, 1997.

_____. **Mitológicas 3: A Origem dos Modos à Mesa**. São Paulo, Cosac Naify, 2006.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica: uma Poética do Imaginário**. 5ª ed. – Manaus: Editora Valer, 2015.

_____. **Meditação e devaneio: entre o rio e a floresta**. Somanlu, Manaus, ano 3, n. 1/2, , jan./dez. 2003

MATTEDI, Marcos A. **Dilemas da abordagem sociológica da problemática ambiental: considerações epistemológica, metodológica e normativa sobre a guinada ambiental na sociologia**. In: XXIV Congresso Latino-americano de Sociologia, Anais... Arequipa, 2003.

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. **A Árvore Do Conhecimento: As Bases Biológicas do Entendimento Humano**. Tradução Jonas Pereira dos Santos/ Editorial. Psy II, 1995.

_____. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

MAFFESOLI, Michel. **O instante eterno: o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas**. Tradução Rogério de Almeida, Alexandre Dias. São Paulo: Zouk, 2003.

_____. **Elogio da razão sensível**. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

_____. **Elogio da razão sensível** / Michel Maffesoli ; tradução de Albert Christophe Migueis Stuckenbruck. – Petrópolis, RJ : Vozes, 1998.

_____. **A contemplação do mundo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

_____. **Os imaginários do social**. Revista Psicologia & Práticas Sociais. Rio de Janeiro: Instituto de Psicologia/UERJ, 1993, v.1, n.3.

_____. **Sobre Nomadismo, vagabundagem pós-moderna.** Rio de Janeiro: Record, 2001.

_____. **O tempo retorna: formas elementares da pós-modernidade.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

MALDONADO, C. **O Turismo Rural Comunitário na América Latina: Gênese, Características e Políticas.** In: BARTHOLO, R.; SAN SOLO, D. G.; BURSZTYN, I. (Org.) Turismo de Base Comunitária: Diversidades de Olhares e Experiências Brasileiras. Rio de Janeiro: UFRJ, Letra e Imagem, 2005.

MATOS, GLÁUCIO, C, G. **Ethos e Figurações na Hinterlândia Amazônica.** Manaus: Valer/Fapeam, 2015.

MENEZES, J.E.O. **Ecologia da comunicação: a cultura como um macrosistema comunicativo.** In: CHIACHIRI F., A.R.; CAZELOTO, E.; MENEZES, J.E.O. (Orgs.). Comunicação, tecnologia e cidadania. São Paulo: Plêiade, 2013. Disponível em: . Acesso em: 10 fev. 2012

MOLINA, S. **O Pós-Turismo.** São Paulo: Ed. Aleph, 2003.

MOREIRA, Eliane. **Conhecimento tradicional e a proteção.** T&C Amazônia, ano V, n. 11, jun. 2007. Revista eletrônica Disponível em: <http://tecamazonia.com.br/wp-content/uploads/2017/03/revista_tec_ed11.pdf>; Acesso em: 08.08.2018, às 21h39min.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo.** 5. ed. Tradução Dulce Matos. Instituto Piaget, 2008.

_____, **Ciência com consciência/** Edgar Morin; tradução de Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. – ed. revista e modificada pelo autor – 5ª ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

_____. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** São Paulo: Cortez, 2000.

_____. **A Cabeça Bem Feita: repensar a reforma reformar o pensamento.** Tradução de Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

_____, Edgar. **O Método 1.** Editora Sulina, 2005.

_____, Edgar. **Terra-Pátria.** / Edgar Morin e Anne-Brigitte Kern / traduzido do francês por Paulo Azevedo Neves da Silva. — Porto Alegre: Sulina, 2003.

_____, Edgar. **Saberes globais e saberes locais: o olhar transdisciplinar /** Edgar Morin; participação de Marcos Terena. – Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

_____. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya, São Paulo, Cortez. 2001.

_____. **O Método 1, 3, 4** (Coleção). Editora Sulina, 2005.

_____. **A cabeça bem feita. Repensar a reforma, reformar o pensamento.** 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

_____. **Ciência com consciência.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; 2005.

Iraíldes Caldas. (Org.) **O ethos das mulheres da floresta.** Manaus: Valer, 2012.

OBICI, Giuliano Lamberti **Condição da escuta: mídias e territórios sonoros /** Giuliano Lamberti Obici. - Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.

PRADO, Rosane Manhães. Viagem pelo conceito de populações tradicionais, com aspas. In: **Cultura, percepção e ambiente: diálogos com Tim Ingold.** Carlos Alberto Steil e Isabel Cristina de Moura Carvalho (Orgs). São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2012.

PRIGOGINE, Ilya; STENGERS, Isabelle. **A Nova Aliança: metamorfose da ciência.** Tradução Miguel Faria e Maria Joaquina M. Trancheira. Brasília: Editora da UNB, 1991.

PONTES JÚNIOR, Felício de Araújo; BARROS, Lucivaldo Vasconcelos. **A Natureza como sujeito de direitos: a proteção do Rio Xingu em face da construção de Belo Monte.** Fundação Rosa Luxemburgo, 2020.

POSEY, D. A. "Manejo da floresta secundária, capoeiras, campos e cerrados (Kayapó)". In: Ribeiro, B. (org.) **Suma Etnológica Brasileira Vol. 1: Etnobiologia,** Petrópolis, FINEP/Vozes, 1986.

_____. "O conhecimento entomológico Kayapó: etnometodologia e sistema cultural". **Anuário Antropológico** Rio de Janeiro, Ed. Tempo Brasileiro, 1983.

POSEY, D.A. & ANDERSON, A.B. "O reflorestamento indígena". In BOLOGNA, G. **Amazônia Adeus.** Rio de Janeiro, Ed. Nova Fronteira, 1990.

RIBEIRO, M. **Turismo comunitário: relações entre anfitriões e convidados.** In: Segmentação do mercado turístico: estudos, produtos e perspectivas. Barueri, São Paulo: Manole, 2009, p. 107 – 120.

RIVAS, Alexandre. **Economia e valorização de serviços ambientais utilizando técnicas de preferências declaradas.** / Alexandre Rivas. – Manaus: EDUA, 2014.

RODRIGUES, Débora Cristina Bandeira. **Conhecimentos tradicionais e mecanismos de proteção: estudo de caso nas comunidades de Ebenézer e Mucajá em Maués/ AM.** – Manaus: Edua, 2015.

SABERES DA AMAZÔNIA | Iraíldes Caldas Torres. **O TRABALHO DAS AGRICULTORAS DA AMAZÔNIA: um olhar para os direitos humanos| THE WORK OF AMAZON FARMERS: a look at human rights.** Porto Velho, vol. 04, nº 09, Jul-Dez 2019, p. 115-132. | ISSN: 2448-0576|

SAMPAIO, C. A. C.; OYARZÚN, E. et al. **Arranjo Socioprodutivo de Base Comunitária: análise comparativa de experiências de turismo comunitário no**

Brasil e no Chile. In: IV Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL. Caxias do Sul, 7 e 8 de julho, 2006.

SAMPAIO, C. A. C.; ZECHNER, T. C.; HENRÍQUEZ, C. **“Pensando o conceito de turismo comunitário a partir de experiências brasileiras, chilenas e costarriquenha”.** In: II Seminário Internacional de Turismo Sustentável (SITS), 12 a 15 de maio de 2008, Fortaleza (CE). Anais, Fortaleza: 2008.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências.** 7. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

_____. **Epistemologia do sul.** Edições Almedina. S.A. (CES) ISBN 972-40-3738-7, Ano: 2009.

_____. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política.** São Paulo: Cortez, 2006.

_____. **O fim do império: a afirmação das epistemologias do Sul.** / Boaventura de Sousa Santos. – 1. Ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

SELVA, V.S.F., e COUTINHO, S.F.S. **Ecoturism x ecological tourism in Brazil: a necessary distinction?** Annals of the Second International Congress & Exhibition on Ecoturism, abril, Salvador, 2000, pp. 26-28.

SILVA, E. L., MENEZES, Estera Muzkat, **Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação.** Florianópolis: UFSC, 2001.

SILVA, Marilene Corrêa da. **Metamorfoses da Amazônia** / Marilene Corrêa da Silva. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 2000.

SOUZA e ALVES, Dionete Numes e Thiago José Costa. **A importância do Turismo no Parque Nacional do Viruá para a Comunidade de Vila Petrolina do Norte.** I Encontro Semintur Jr. Seminário de Pesquisa em Turismo do Merconsul – saberes e fazeres no turismo: Interfaces. Universidade de Caxias do Sul/RS. 2010.

SHIVA, Vandana. **“A semente e a Terra: mulheres, ecologia e biotecnologia”** In: OLIVEIRA, Rosiska; CORRAL, Taís (Org.). Terra Feminina. REDEH, 1992.

SNOW, C.P. **As duas culturas e uma segunda leitura: uma versão ampliada das duas culturas e a revolução científica.** Tradução Geraldo de Souza/ Renato Rezende Neto. São Paulo: Editora da USP, 1995.

TEIXEIRA, Pery. **Produzir e viver na Amazônia rural: estudo sociodemográfico de comunidades do Médio Solimões.** / organizadores, Pery Teixeira, Marília Brasil, Alexandre Almir Ferreira Rivas, Renata R. Mourão. – 2. Ed. rev. – Manaus: Reggo Edições, 2011.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação.** São Paulo: Cortez, 2009. 132p.

TORRES, Iraildes Caldas. **Live sobre saberes ancestrais e aura feminina na Amazônia.** GEPOS/UFAM. Manaus, 2020.

_____. (Orgs.) **Epifanias da Amazonia: Relações de poder, trabalho e Práticas Sociais**. 1ª Edição. Solapur (India)& Lulu Books(USA): 2016.

_____. (Org.). **O Ethos das Mulheres da Floresta**. Manaus: Editora Valer/Fapeam, 2012.

_____. **Arquitetura do poder**; memória de Gilberto Mestrinho. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2009.

_____. **As novas amazônidas**. Manaus: Edua, 2005.

_____. **Noção de trabalho e trabalhadores na Amazônia**. Revista de Estudos Amazônicos - Somanlu do Programa de Pós-graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia, da Universidade Federal do Amazonas, ano 1, n.1. Manaus: Edua/Capes, 2004.

TUAN, Yi-fu. **Topofilia: Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio ambiente**/ Yi-fu Tuan; tradução: Lívia de Oliveira. – Londrina: Eduel, 2015.

_____. **Topofilia: Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio ambiente**/ Yi-fu Tuan; tradução: Lívia de Oliveira. – Londrina: Eduel, 2015.

_____. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência** / Yi-fu Tuan; tradução de Lívia de Oliveira. – São Paulo: DIFEL,1983.

VIANA, Virgílio Maurício. **Manejo florestal sustentável para a produção de madeira no Estado do Amazonas**. / organizadores, Virgílio Maurício Viana, Marelete Siqueira Tupinambá; Ozenete Aguiar De Mozzi; Phillippe “Tim” Waldhoff – Manaus: Edições Governo do Estado do Amazonas/ secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável/ Secretaria de Estado da Educação e Qualidade do Ensino. / Comissão Interinstitucional de Educação Ambiental, 2008. (Série Amazonas Sustentável).

VAL, Adalberto Luís. **Bases científicas para estratégias de preservação e desenvolvimento da Amazônia: fatos e perspectivas**. Editado por Adalberto Luís Val; Roberto Figuiolo e Eliana Feldberg. Manaus, 1991.

VILA NOVA, Sebastião. **Introdução à sociologia** – 6. Ed. rev. e aum. – São Paulo: Atlas, 2004.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia**. São Paulo: Edu Editora, 2017.

WAGLEY, Charles W. **Uma Comunidade Amazonica: Estudo do Homem nos Trópicos**. Tradução de CLOTILDE DA SILVA COSTA Companhia Editora Nacional - São Paulo, 1957.

Walter. Roland Mike. **Em busca da Natureza, em busca do Self**. INTERSEMIOSE: Revista Digital • Jun/Dez 2012, p. 5-16.